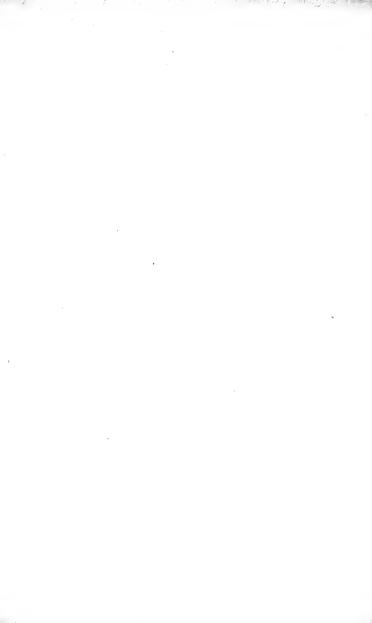
BRASILIA

BIBLIOTHECA

DOS MELHORES AUCTORES NACIONAES ANTIGOS E MODERNOS

A. GONÇALVES DIAS

II

POESIAS

DE

A. GONÇALVES DIAS

NOVA EDIÇÃO

ORGANIZADA E REVISTA

POR

J. NORBERTO DE SOUZA SILVA

E

PRECEDIDA DE UMA NOTICIA SOBRE O AUTOR

E SUAS OBRAS

PELO CONEGO DOUTOR FERNANDES PINHEIRO

TOMO II

LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

VISÕES

A VISÃO

I

PRODIGIO

N'aquelle instante em que vacilla a mente
Do somno ao despertar, quando pejada
Vem d'outros mundos de visões ethereas :
Quando sobre a manhã surge brilhante
A luz da madrugada, — eu vi !... nem sonhos
Era a minha visão, real não era ;
Mas tinha d'ambos o talvez. — Quem sabe ?
Foi capricho fallaz da phantasia,
Ou foi certo aventar d'eras venturas ?

A ira do Senhor baixou tremenda
Sobre uma vasta capital ! — em pedra
Tornou-se a gente impura. Muitos homens
Ás portas ferreas, largas, vi sentados.

Melhor do que um pintor ou 'statuario
A morte, que de subito os colhêra
No ardor, no afan da vida, conservou-lhes
A acção — partida em meio, com tal força,
Que a mente seu máo grado a completava
Um tinha os labios entreabertos ; outro
Parecia sorrir ; mais longe aquelle
Derramava um segredo, baixo, a medo,
Nos ouvidos do amigo ; austero o guarda
Com rosto carregado e barba hirsuta,
Nas mãos callosas sopesava a lança.
Dos mercadores na comprida rua
Passavão muitos compradores : — este
Contava montes d'oiro ; — á luz aquelle
Expunha a seda do Indostão, de Tyro
A purpura brilhante, a damasquina
Custoso téla entretecida d'oiro.
Cortez sorrindo, o mercador gabava
As côres vivas, o tecido, o corpo
Do estofo que vendia. Nos serralhos
Era o Eunucho imperfeito ; das Mesquitas
Bradava á prece o Muezzin...
— N'um largo
Fofo e vasto divan sentado, um velho
Os versos lia do Alcorão ; — só elle
D'entre tanto punir ficára illeso.

II

A CRUZ

Era um templo d'arabica estructura,
Magestoso, elegante ; — além das nuvens

Se entranhava nos céus subtil a agulha;
Sobre o zimborio retumbante e vasto
Ondas e ondas de vapor crescião.
Dentro corrião tres compridas naves
Sobre dois renques de columnas, onde
Baixos relevos da sagrada historia
Da base ao capitel se emmaranhavão.
Ardia a luz na alampada sagrada ;
No sagrado instrumento o som dormia.

Junto á cruz — da fachada egregia pompa —
Muitos homens eu vi de torvo aspecto ;
Muitos outros, servís, com mão armada
Profundos golpes entalhavão nella.
Um daquelles no emtanto assim fallava :

« Quando esta humilde cruz rojar por terra;
« Levando a crença de Jesus comsigo
« Nós outros, da verdade Sacerdotes,
« Nós Doutores do mundo, nós Luzeiros
« Que desvendamos a impostura, o erro,
« A mentira sagaz a crença louca,
« Entrada facil da razão no templo
« Teremos todos; e de então no throno,
« Do nescio vulgo imparciaes sob'ranos
« Santos juizes da verdade santa,
« Prégaremos o justo, a paz, concordia
« E os seus deveres que dimanão faceis
« Do amor do lucro e do interesse ; todos
« — Vassallos da razão, nossos vassallos —
« Um eden terreal farão do mundo. »

No emtanto aos crebros golpes do machado
A cruz pendia obliqua sobre a terra.

Creando novas forças com tal vista,
Os operarios mais frequentes golpes
Repetem, vibrão, continuão ; — sôa
Por toda a parte o echo, — o som, mais longe,
Retumba, morre — e novamente echôa.
Nisto a cruz — geme — estrala ; um grito sóbe
Unisono e geral !...
Como sois grande,
Senhor, Senhor meu Deus ! — eu vi, morrendo,
Os obreiros cahir ; e a cruz erguer-se,
Como aos raios do sol a flôr mimosa
Que a raiva do tufão vergára insana.

III

PASSAMENTO

Era um quarto espaçoso ; — alli se vião
Rojar no pavimento, ha pouco as sedas,
Ricos tapetes multicôr bordados,
E franjas complicadas d'um céu d'oiro
Pendentes, — vastos ráses narradores
De lenda pia ou de briosos feitos.
Mas de tanto luzir, de tanto ornato
Ora por mãos aváras depredado
O vasto d'área revelava aos olhos,
Tendo n'um canto escuro um leito apenas.
Do leito alguem rasgára o cortinado.
E da curva armação polida e bella
Aqui, alli, pendia a seda em fios,
Bem como tranças de mulher formosa
Por sobre o seio nú. — Alli no leito

Jazia um moribundo ; em torno os olhos
Cheios de pasmo e de terror volvia,
Bebendo pelos sôfregos ouvidos
Mal sentido rumor d'outro aposento.
Confusas vozes, altercar ruidoso,
E o tinir de metal ouvia apenas !
Então por vezes tres no leito afflicto
Erguer-se maquinou de raiva insana !
Por tres vezes cahio, gemendo, sobre
O leito que da queda se sentia.
Da morte o cru torpor nos membros frios
Pouco e pouco s'espalha ; mas teimoso
Da vida o amor debate-se nas ancias
Desse passo fatal...
— Eis nisto á porta
Um Padre assoma, — d'entre as mãos erguidas
Da hostia santa resplendor luzia ;
E palavras de paz, de amor, divinas,
Que nos labios do justo Deus entorna,
Abundantes soltava. Longos annos
De piedoso soffrer o corpo enfermo
Alquebrárão por fim ; as cãs nevadas
Raras tremião sobre a testa, como
Tremia na garganta a voz cançada.

Dizia o bom do velho : — « Irmão, nas ancias,
« No extremo agonisar da morte amiga
« Ergue os olhos ao céu ; — do céu te venha
« Esse divino amor, que só lá mora,
« Que filtra por nossa alma, que nos deixa
« Mais celeste prazer, mais doce arroubo,
« Do que a terra sóe dar...
« Infames, trédos.

« Bufarinheiros de palavras, corvos
« De negro, feio agoiro, que esvoação
« Com grito grasnador por sobre o campo,
« Onde a peleja de reinar começa ;
« Dizes-me *tu* — a mim ! a mim que ao fóro
« Caminho inda hoje entre alas de clientes,
« Que só me visto de velludo e d'oiro,
« Emquanto vives de burel coberto,
« Co'os labios sobre o pó mordendo a terra !
« Dizes-me *tu* — a mim !... »
Ergueu-se,... e o corpo
Cahio de fraco sobre o leito ; o velho
No emtanto humilde orava, que alma santa
Do mal cabido insulto não se offende.

Jehovah, que entre myriadas
Vives de estrellas formosas,
Que das flôres melindrosas
Da terra — os anjos formaste ;
Jehovah, que pela agoa
Lustrar quizeste o Messias,
Que ao beato, ao santo Elias
Nas chammas purificaste ;

Jehovah, que a mente apuras
No fogo do soffrimento,
Que divino, alto portento
Déste fazer a Moisés,
Quando a negra rocha dura
Tocando co'a tenue vara,
Rebentou a lympha clara,
Lambendo-lhe mansa os pés ;

Jehovah, que eterno existe,
Cujo ser em si se encerra,
Que formaste o céu e a terra,
Que te chamas — o que é (1),
— Faz, Senhor d'altos prodigios,
Com que a mente empedernida
Não se aparte desta vida
Sem sentir a santa fé.

E tu, Christo, que soffreste
Martyrios por nosso amor,
Tu que foste o Salvador,
Salva-o, Senhor, por quem és.
Dá que em palavras piedosas
Se derrame contristado,
Como o rochedo tocado
Pela vara de Moisés.

E o confuso rumor do outro aposento
Crescia mais e mais. — Do moribundo
Os cúpidos herdeiros dividião
Por si a vasta herança; os torvos olhos
Ião de rosto a rosto, fusilando
Ameaças de morte.

No emtanto o velho exanime e sem forças
Curtia amargos transes, que avarento,
E tendo a vida inutil presa á terra
Com toda a força d'alma, — agora em ancias
Sentia o halito vital fugir-lhe,
E a terra abandonal-o.

---

(1) Ego sum qui sum.

Estuava-lhe a dôr no peito afflicto!...
Só não chorava, que do pranto a fonte
Jazia extincta; mas pensava triste :
— Não tinha quem lhe cerrasse os olhos
Nem quem chorando lhe abrandasse o amargo
Do extremo agonisar.

E a mente, já medrosa, em feio quadro
Lhe pintava os seus feitos; — a vingança,
Que tão grande prazer lhe tinha sido,
Ora em martyrios se tornava; a chusma
Dos homicidios seus crescia torva,
E no leito o cercava.

Crença infantil! dizia; loucos, cegos
Prejuizos do vulgo; — e assim dizendo
Os vãos phantasmas repellir buscava.
Mas a crença infantil, os prejuizos
Do nescio vulgo, rispidos tornavão,
Como insecto importuno.

Debalde por não ver cerrava os olhos,
Sobre os olhos debalde as mãos cruzava,
Que as sombras nos ouvidos lhe fallavão,
E mais distinctas se pintavão n'alma
Tambem molesta, qual se pinta o corpo
Do espelho no polido.

E do seu passamento o caso infando
Narrava uma após outra, sobre o peito
Mostrando o golpe funebre e cruento;
Sorvendo o fel da taça amarga o enfermo
Parecia sorrir! era qual louco
Que soffre e um riso finge.

E das visões indo a fugir se arroja
De sobre o leito delirante; as sombras
Vôão sobre elle, e em circulo se ordenão.
O moribundo a esta, a aquella, a todas
Volve o pávido rosto, no mover-se
Progressivo, incessante.

E preso ao duro embate da vertigem,
As mestas sombras ao redor com elle
Fugir sentia; o pavimento, a casa,
Rodava rápido; e a terra e tudo,
Como aos soluços d'um vulcão tremendo,
As forças lhe tolhião.

E o orgulhoso que feliz vivêra,
Movendo a seu bom grado mil escravos,
Querendo a terra dominar co'um gesto;
Ora mesquinho, solitario e louco,
Face a face lutando com seus crimes,
Morria impenitente.

IV

Era o vulto de um homem morto que afastando o sudario se hia erguer do tumulo para revelar alguns dos temerosos mysterios, que encerra a apparente quietação dos sepulchros.

O Presbytero.

O negrume da noite avulta; e cresce
Mais feia a escuridão
Á luz da sacra pyra que derrama
Frouxo e tibio clarão.

Calou-se o canto, a prece, — é mudo o templo ;
Apenas fraco sôa
Da torre o bronze, que a nocturna brisa
De rumores povôa.

Mas eis que de um sepulchro a pedra fria
S'ergue e sobre outras cáe.
Não se escuta rumor ! — da campa livre
Medroso espectro sáe.

O rosto ossificado em torno volve,
Volve a suja caveira ;
Do liso craneo os longos dedos varrem
A funebre poeira.

Mas inda inteiro o coração se via
Do peito nas cavernas,
Inda sangrento lagrimas chorava
De negro sangue eternas.

E caminhando, qual se move a sombra,
Ao orgão se assentou !
Já não dormem os sons, não dormem echos...
— O triste assim cantou :

« Onde estás, meu amor, meus encantos,
Por quem só me pezava morrer,
Doce encanto que á vida me prendes,
Que inda em morto me fazes soffrer ?

« Doce amor, minha vida no mundo,
Desse mundo em que parte serás ;
Em que scismas, que pensas, que fazes,
Onde estás, meu amor, onde estás ?

« Ah! debalde na campa gelada
Fria morte me poude deitar!
Foi debalde, — que eu sinto, que eu ardo;
Foi debalde, que eu amo a penar.

« Ah! si eu triste no mundo pudesse
Como outr'ora viver, respirar.....
Não soubera dizer-te os ardores
Que o sepulchro não poude apagar.

« Onde estás? — Já da morte o bafejo
Por teu rosto divino roçou;
Já na campa descanças finada,
Que o teu corpo sem vida tragou?

« Mas a morte não poude impiedosa
Crua foice vibrar contra ti;
Ah! tu vives, que eu sinto, que eu soffro
Crús ardores quaes sempre soffri.

« E eu não posso o teu nome á noitinha
Entre as folhas saudoso cantar,
Nem seguir-te nas azas da brisa,
Nem teu somno de sonhos doirar.

« Nem lembrar-te os queridos instantes
Que a teu lado arroubado passei,
Sem cuidados de incerto futuro,
Só cuidoso da vida que amei.

« Não te lembras da noite homicida
Em que um ferro meu peito varou,
Quando a facil conversa de amores
Teu marido cioso quebrou?!

« Desde então hei penado sósinho,
Verte sangue meu peito — de então ;
Poude a morte acabar-me a existencia,
Mas delir-me não poude a paixão!

« Nosso adultero affecto no mundo
Não se acaba ; — assim quiz o Senhor !
Não se acaba... — qu'importa? — hei gozado
Teus encantos gentís, teu amor.

« Por te amar outras fragoas soffrera,
Outros transes e dôr e penar ;
Oh ! poder que eu pudesse outra vida
E outro inferno soffrer por te amar ! »

Mas da aurora já raiava
Macio e brando clarão ;
Macia e branda a canção
Do negro espectro soava.

E medroso se collava
Ao orgão seu negro véo,
Que imiga não se ajuntava
Ao seu vulto a luz do céo.

Pouco a pouco se perdia
O negro espectro ; a canção
Pouco a pouco enfraquecia
Do dia ao tenue clarão,

Era o cantar um soído
Fraco, incerto e duvidoso ;
Era vulto pavoroso
D'uma sombra vão tremido.

V

A MORTE

> Dans sa douleur elle se trouvait malheureuse d'être immortelle.
>
> FÉNELON.

Da aurora vinha nascendo
O grato e bello clarão ;
Eu sonhava ! já mais brandos
Erão meus sonhos então.

Condensou-se o ar n'um ponto,
Cresceu o subtil vapor ;
Vi formada uma belleza,
Cheia de encantos, de amor.

Mas na candura do rosto
Não se pintava o carmim;
Tinha um quê de cera junto
Á nitidez do marfim.

— Quem és tu, visão celeste,
Bello Archanjo do Senhor?
Respondeu-me : — Sou a Morte,
Crú phantasma de terror !

— Ah ! lhe tornei : És a morte,
Tão formosa e tão cruel !
— Correndo o mundo sósinha
No meu pallido corcel (1), —

(1) Et ecce equus pallidus et qui sedebat super illum nomen illi Mors.

APOC., c. VI.

Assim dizia — « Tu julgas
Que não tenho coração,
Que executo os meus deveres
Sem pezar, sem afflicção?

— Que inda em flôr da vida arranco
Ao joven, sem compaixão,
Á donzella pudibunda
Ou ao longévo ancião?

— Oh! não, que eu soffro martyrios
Do que faço aos mais soffrer,
Soffro dôr de que outros morrem,
De que eu não posso morrer;

— Mas em parte a dôr me cura
Um pensamento, que é meu, —
Lembro aos humanos que a terra
É só passagem p'ra o céo.

— Faço ao triste erguer os olhos
Para a celeste mansão;
Em labios que nunca orárão
Derramo pia oração.

— É meu poder quem apura
Os vicios que a mente encerra,
Ao fogo da minha dôr;
Sou quem prendo aos céos a terra,
Sou quem ligo a creatura
Ao ser do seu Creador.

— Mas qu'importa? Sem descanço
É-me forçoso marchar,
Abater impías frontes,
Régias frontes decepar.

— Passar ao travez dos homens,
Como um vento abrasador :
Como entre o feno maduro
A foice do segador.

— E prostrar uma após outra
Geração e geração,
Como peste que só reina
Em meio da solidão. » —

Desponta o sol radioso
Entre nuvens de carmim;
Cessa o canto pezaroso,
Como córda aurea de Lyra,
Que se parte, que suspira
Dando um gemido sem fim.

O VATE

NO ALBUM DE UM POETA

Moi... j'aimerai ta victoire ;
Pour mon cœur, ami de toute gloire,
Les triomphes d'autrui ne sont pas un affront.
Poëte, j'eus toujours un chant pour les poëtes,
Et jamais le laurier qui pare d'autres têtes
Ne jeta d'ombre sur mon front.

V. Hugo.

Vate ! vate ! que és tu ? — Nos seus extremos
Fadou-te Deos um coração de amores,
Fadou-te uma alma accesa borbulhando
Hardidos pensamentos, como a lava
Que o gigante Vesuvio arroja ás nuvens.

Vate! vate! que és tu? — Foste ao principio
Sacerdote e propheta;
Erão nos céos teus cantos uma prece,
Na terra um vaticinio.
E ella cantava então: — Jehovah me disse,
Magestoso e terrivel:

« Vês tu Jerusalém como orgulhosa
Campêa entre as nações, como no Libano
« Um cedro a cuja sombra o hyssopo cresce?
« Breve a minha ira transformada em raios
« Sobre ella cahirá;
« Um fero vencedor dentro em seus muros
« Tributaria a fará;
« Quando escravos seus filhos, sobre pedra
« Pedra não ficará. »

E os reprobos de sacco se vestião;
Em pó, em cinza envoltos,
E collando co'a terra os torpes labios,
E açoitando co'as mãos o peito imbelle,
Senhor! Senhor! — clamavão.

E o vate emtanto o pallido semblante
Meditabundo sobre as mãos firmava,
Supplicando ao Senhor do interno d'alma.

Forão santos então. — Homero o mundo
Creou segunda vez, — o inferno o Dante, —
Milton o paraiso, — forão grandes!

E hoje!... em nosso exilio erramos tristes,
Mimosa esp'rança ao infeliz legando,
Maldizendo a soberba, o crime, os vicios;
E o infeliz se consola, e o grande treme.

Damos ao infante aqui do pão que temos,
E o manto além ao misero rachitico;
Somos hoje Christãos.

Á MORTE PREMATURA

DA ILL.ma Sr.a D...

(No album de seu Irmão Dr. J. D. Lisboa Serra.)

On dirait que le ciel aux cœurs plus magnanimes
Mesure plus de maux.

LAMARTINE.

Perfeita formosura em tenra idade
Qual flôr, que anticipada foi colhida,
Murchada está da mão da sorte dura.

CAMÕES, *Soneto.*

Lá, bem longe d'aqui, em tarde amena,
Gozando a viração das frescas auras,
Que do Brazil os bosques brandamente
Fazião balançar, — e que espalhavão
No ether encantado odôr, pureza —
Do que a rosa mais bella, — meiga e casta,
Como a virgens do sol,
Que de vezes do sol, não foi ella pendente
Dos braços fraternaes em meigo abraço;
Como mimosa flôr presa, enlaçada
A tenro arbusto que a vergontea debil
Lhe ampara docemente !...

E o irmão que só nella se revia,
O irmão que a adorava, qual se adora
Um mimo do Senhor;
Que a tinha por pharol, conforto e guia,
Os seus dias contava por encantos;
E as virtudes co'os dias pleiteavão.

E ella morreu no viço de seus annos!...
E a lagem fria e muda dos sepulchros
Se fechou sobre o ente esmorecido
Ao despontar de vida
Tão rica de esperanças e tão cheia
De formosura e graças!...

Campa! campa! que de terror incutes!
Quanto esse teu silencio me horrorisa!
E quanto se assemelha a tua calma
Á do cruel malvado, que impassivel
Contempla a sua victima torcer-se
Em convulsões horriveis, desesp'radas;
Crúas vascas da morte!...
Quem tão má te creou?
Tu, que tragas o ente que esmorece
Ao despontar de vida
Tão rica de esperanças e tão cheia
De formosura e graças?!

O pharol se apagou, a luz sumio-se!
Como o fugaz clarão do meteóro,
Extinguio-se a esperança; — e o mal-fadado
Sobre a terra deserta em vão procura
Traços d'essa que amou, que tanto o amára;
Da joven companheira de seus brincos,
Pezares e alegrias.

Elle a procura !... o viajor pasmado,
Nos campos de Pompéia, alonga a vista
Pela amplidão do praino,
Destroços e ruinas encontrando,
Onde esperava movimento e vida.

Não poder eu a troco de meu sangue
Poupar-te dessas lagrimas metade (1)!
Oh! poder que eu pudesse! — e almo sorriso,
Que tanto me compraz ver-te nos labios,
Inda uma vez brilhasse!
E essa existencia,
Que tão cara me é, t'a visse e leda,
E feliz como a vida dos Archanjos!
Infeliz é quem chora : ella finou-se,
Porque os anjos á terra não pertencem;
Mas lá dos immortaes sobre os teus dias
A suspirada irmã vela incessante.

Vinde, candidas rosas, açucenas,
Vinde, roxas saudades :
Orvalhai, tristes lagrimas, as c'rôas,
Que hão de a campa adornar por mim depostas
Em holocausto á victima da morte.
Innocencia, pudor, belleza e graça
Com ella n'essa campa adormecêrão.
Anjo no coração, anjo no rosto,

---

(1) N'este logar forão omittidos pelo auctor na segunda edição os seguintes versos que vêm na primeira :

Não poder eu correr por esse mundo,
Espessas brenhas, escarpadas rochas,
Assoberbar torrentes, e trazer-te
As aguas soporiferas do Lethes !

Devêra o amor chorar sobre o teu seio,
Que não grinaldas funebres tecer-te;
Devêra voz d'esposo acalentar-te
O somno da innocencia, — não grosseira
Canção do trovador não conhecido.

Coimbra, Junho de 1841.

A MENDIGA

Donnez : —
Et quand vous paraîtrez devant le juge austère,
Vous direz : J'ai connu la pitié sur la terre,
Je puis la demander aux cieux !

TURQUETY.

I

Eu sonhei durante a noite...
Que triste foi meu sonhar!
Era uma noite medonha,
Sem estrellas, sem luar.

E ao travez do manto escuro
Das trevas, meus olhos vião
Triste mendiga formosa,
Qu'infortunios consumião.

Era uma pobre mendiga,
Porém candida donzella;
Pudibunda, affavel, doce,
Amorosa, e casta, e bella.

Vestia rotos andrajos,
Que o seu corpo mal cubrião;
Por vergonha os olhos d'ella
Sobre ella se não volvião.

Pelas costas descobertas
Cortador o frio entrava;
Tinha fome e sede, — e o pranto,
Nos seus olhos borbulhava.

E qual vemos dos céos descendo rapido
Um fugaz meteóro, vi descendo
Um anjo do Senhor; — parou sobre ella,
E mudo a contemplava. — Uma tristeza
Sympathica, indizivel pouco e pouco
Do anjo nas feições se foi pintando:
Qual tristeza de irmão que a irmã mais nova
Conhece enferma e chóra. — Ella no peito
Menor sentio a dôr, e humilde orava.

II

De um vasto edificio nas frias escadas
Eu vi-a sentada; — era um templo, dizião,
Secreto concilio de socios piedosos,
Que o bem tinha juntos, que bem só fazião.

Defronte um palacio soberbo se erguia,
E d'elle partia confuso rumor:
— A dança girava, e a orchestra sonora
Cantava alegria, prazeres e amor.

E quando ao palacio um conviva chegava,
Rugindo se abria o ruidoso portão;
Effluvios de incenso nos ares corrião
Da rua esteirada com vivo clarão.

E a triste mendiga alli'stava ao relento,
Com fome, com frio, com sede e com dôr;
E eu vi o seu anjo, mais triste no aspecto,
Mais baço, mais turvo da gloria o fulgor.

E á porta do vasto sombrio edificio
Um vulto chegou.
—Senhor, uma esmola!—bradou-lhe a mendiga:
E o vulto parou.

E rude no accento, no aspecto severo,
Lhe disse: — O teu nome? —
Tornou-lhe a mendiga: — Senhor, uma esmola,
Que eu morro de fome.

Não dizes teu nome? — lhe torna o soberbo.
— Sou orphã, sósinha;
Meu nome qu'importa, se eu soffro, se eu gemo,
Se eu chóro mesquinha!

Em vís meretrizes não cabe esse orgulho,
Tornou-lhe o Senhor,
Que á noite, nas trevas, contractão no crime,
Vendendo o pudor.

E á porta do templo — erguido á piedade
Com força batia;
Co'o peso do insulto accrescido á crueza
A triste gemia.

III

Eis que ouvi um rodar, que a todo o instante
Mais distincto se ouvia; e logo um forte,
Fascinador clarão por toda a rua

Se derramou soberbo. — Infindos pagens
Ricas librés trajando, mil archotes
Nos ares revolvião ; — fortes, rapidos,
Fumegantes corceis, sorvendo a terra,
Tiravão rica sege melindrosa.
Sobre a terra saltou airosa e bella
A dona, em frente do festivo paço ;
E a mendiga bradou : — Senhora minha,
Dai uma esmola, dai ! — Á voz dorida
Volveu-se o rosto d'anjo, porém d'anjo
Não era o coração ; — foi-lhe importuno,
Mais que importuno... da mesquinha o grito !
E da mendiga o protector celeste
Parecia fallar em favor d'ella ;
E a rica dona o escutava, como
Se ouvisse a interna voz que dentro mora.
E eu dizia tambem : — O' bella Dona,
Dai-lhe uma esmola, dai ; — de que vos serve
Um óbolo mesquinho, que não póde
Siquer um diche sem valor comprar-vos ?
Ah ! bella como sois, que vos importão
Custosas flôres, com que ornais a fronte ?
Para a salvar do vortice do crime,
O preço d'ellas, de uma só, da coisa
Que sem valor julgardes, é bastante.
Sabeis ? — Além da vida, além da morte,
Quando deixardes o oiropel na campa,
Quando subirdes do Senhor ao throno,
Sem andrajos siquer, tambem mendiga,
Alli tereis as lagrimas do pobre,
A benção do affligido, a prece ardente
Do que soffrendo vos bemdisse, — ó Dona...

. . . .

Fechou-se a porta festival sobre ella !
E a donzella se ergueu, córou de pejo,
Lançando os olhos pela rua escusa,
E segura no andar, e firme, á porta
Do palacio bateu — entrou — sumio-se.

E o anjo, como afflicto sob um peso,
Um gemido soltou ; era uma nota
Melancolica e triste, — era um suspiro
Mavioso de virgem, — um soído
Subtil, mimoso, como d'Harpa Eólia,
Que a brisa da manhã roçou medrosa.

IV

Dos muros ao travez meus olhos vírão
Soberba roda de convivas, — todos
Velludos, sedas, e custosas galas
Trajavão senhorís. — Reinava o jogo
Aváro e grave, leda e viva a dança
Em vortice girava, a orchestra doce
Cantava occulta ; condensados, bastos,
Em redor do banquete estavão muitos.
A mendiga alli estava, — não trajando
Sujos farrapos, mas delgadas telas.
Chovião brindes e canções e vivas
Á Deosa airosa do banquete ; todos
Um volver dos seus olhos, um sorriso,
Uma voz de ternura, um mimo, um gesto
Cubiçavão rivaes ; — e alli com ella,
Como um raio do sol por entre as nuvens
Lá na quadra hibernal penetra a custo

Quasi sem vida, sem calor, sem força,
Menos brilhante vi seu anjo bello.
Nos curtos labios da feliz mendiga
Passava rapido um sorriso ás vezes;
Outras chorava, no volver do rosto,
Na taça do prazer sorvendo o pranto.
Encontradas paixões sentia o anjo;
Parecia chorar co'o seu sorriso,
Parecia sorrir co'o chôro d'ella.

A ESCRAVA

O bien qu'aucun bien ne peut rendre !
O patrie ! ô doux nom que l'exil fait comprendre !
C. DELAVIGNE. — *Marino Faliero.*

Oh! doce paiz de Congo,
Doces terras d'além mar !
Oh ! dias de sol formoso !
Oh ! noites d'almo luar !

Desertos de branca areia
De vasta, immensa extensão,
Onde livre corre a mente,
Livre bate o coração !

Onde a leda caravana
Rasga o caminho passando,
Onde bem longe se escutão
As vozes que vão cantando !

Onde longe inda se avista
O turbante musulmano,
O Yatagan recurvado,
Preso á cinta do Africano!

Onde o sol na areia ardente
Se espelha, como no mar;
Oh! doces terras de Congo,
Doces terras d'além mar!

Quando a noite sobre a terra
Desenrolava o seu véo,
Quando siquer uma estrella,
Não se pintava no céo;

Quando só se ouvia o sopro
De mansa brisa fagueira,
Eu o aguardava — sentada
Debaixo da bananeira.

Um rochedo ao pé se erguia,
D'elle á base uma corrente
Despenhada sobre pedras,
Murmurava docemente.

E elle ás vezes me dizia:
— Minha Alsgá, não tenhas medo;
Vem commigo, vem sentar-te
Sobre o cimo do rochedo.

E eu respondia animosa:
— Irei comtigo, onde fores! —
E tremendo e palpitando
Me cingia aos meus amores.

Elle depois me tornava
Sobre o rochedo — sorrindo :
— As agoas d'esta corrente
Não vês como vão fugindo ?

Tão depressa corre a vida,
Minha Alsgá ; depois morrer
Só nos resta !... — Pois a vida
Seja instantes de prazer.

Os olhos em torno volves
Espantados — Ah ! tambem
Arfa o teu peito anciado !...
Acaso temes alguem ?

Não receies de ser vista,
Tudo agora jaz dormente ;
Minha voz mesmo se perde
No fragor d'esta corrente.

Minha Alsgá, porque estremeces,
Porque me foges assim ?
Não te partas, não me fujas,
Que a vida me foge a mim !

Outro beijo acaso temes,
Expressão de amor ardente ?
Quem o ouvio ? — o som perdeu-se
No fragor d'esta corrente.

Assim praticando amigos
A aurora nos vinha achar !
Oh ! doces terras de Congo,
Doces terras d'além mar !

Do rispido Senhor a voz irada,
Rábida sôa,
Sem o pranto enchugar a triste escrava
Pávida vôa.

Mas era em mora por scismar na terra,
Onde nascêra,
Onde vivêra tão ditosa, e onde
Morrer devêra!

Soffreu tormentos, porque tinha um peito,
Qu'inda sentia;
Misera escrava! no soffrer cruento,
Congo! dizia.

AO DR. JOÃO DUARTE LISBOA SERRA

23 Agosto.

Mais um pungir de acerrima saudade,
Mais um canto de lagrimas ardentes,
Oh! minha Harpa, — oh! minha Harpa desditosa.

Escuta, ó meu amigo; da minha alma
Foi uma lyra outr'ora o instrumento;
Cantava n'ella amor, prazer, venturas,
Até que um dia a morte inexoravel
Triste pranto de irmão veio arrancar-te!
As lagrimas dos olhos me cahírão,
E a minha lyra emmudeceu de magoa!
Então aventei eu que a vida inteira

Do bardo, era um perenne sacerdocio
De lagrimas e dôr; — tomei uma Harpa:
Na corda da afflicção gemeu minha alma,
Foi meu primeiro canto um epicedio;
Minha alma baptizou-se em pranto amargo,
Na fragoa do soffrer purificou-se!

Lancei depois meus olhos sobre o mundo,
Cantor do soffrimento e da amargura;
E vi que a dôr aos homens circumdava,
Como em roda da terra o mar se estreita;
Que apenas desfructamos, — miserandos!
Desbotado prazer entre mil dôres,
— Uma rosa entre espinhos aguçados,
Um ramo entre mil vagas combatido.

Voltou-se então p'ra Deos o meu espirito,
E a minha voz queixosa perguntou-lhe;
— Senhor, porque do nada me tiraste,
Ou porque a tua voz omnipotente
Não fez seccar da mainh vida a seve,
Quando eu era principio e feto apenas?

Outra voz respondeu-me dentro d'alma:
— Ardão teus dias como o feno, — ou durem
Como o fogo de tocha resinosa,
— Como rosa em jardim sejão brilhantes,
Ou baços como o cardo montesinho,
Não deixes de cantar, ó triste bardo. —

E as cordas da minha harpa — da primeira
Á extrema — da maior á mais pequena,
Nas azas do tufão — entre perfumes,
Um cantico de amores exaltárão

Ao throno do Senhor; — e eu disse ás turbas:
— Elle nos faz gemer porque nos ama;
Vem o perdão nas lagrimas contritas,
Nas azas do soffrer desce a clemencia;
Sobre quem chora mais elle mais vela!
Seu amor divinal é como a lampada,
Na abobada d'um templo pendurada,
Mais luz filtrando em mais opácas trevas.

Eu o conheço: — o cantico do bardo
É balsamo ao que morre, — é lenitivo,
Mas doloroso, mas funereo e triste
A quem lhe carpe infausto a morte crua.
Mas, quando a alma do justo, espedaçando
O envolucro de lodo, aos céos remonta,
Como estrada de luz correndo os astros,
Seguindo o som dos canticos dos anjos
Que na presença do Senhor se elevão;
Choro... tambem Jesus chorou a Lazaro!
Mas na excelsa visão que se me antolha
Bebo consolações, — minha alma anceia
A hora em que tambem ha de asylar-se
No seio immenso do perdão do Eterno.

Chora, amigo; porém, quando sentires
O pranto nos teus olhos condensar-se,
Que já não póde mais banhar-te as faces,
Ergue os olhos ao céo, onde a luz móra,
Onde o orvalho se cria, onde parece
Que a timida esperança nasce e habita.
E se eu — feliz! — puder inda algum di
Ferir por teu respeito na minha harpa
A leda corda onde o prazer palpita,

A corda do prazer que ainda inteira,
Que virgem de emoção inda conservo,
Suspenderei minha harpa d'algum tronco
Em off'renda á fortuna ; — alli sósinha,
Tangida pelo sopro só do vento,
Ha de mysterios conversar co'a noite,
De acorde extreme perfumando as brisas ;
Qual Harpa de Sião presa aos salgueiros
Que não ha de cantar a desventura,
Tendo cantos gentís vibrado n'ella.

O DESTERRO DE UM POBRE VELHO

Et dulces moriens reminiscitur Argos.
VIRG.

O! schwer ist's, in der Fremde sterben unbeweint.
SCHILLER.

A aurora vem despontando,
Não tarda o sol a raiar ;
Cantão aves, — a natura
Já começa a respirar.

Bem mansa na branca areia
Onda queixosa murmura,
Bem mansa aragem fagueira
Entre a folhagem susurra.

É hora cheia de encantos,
É hora cheia de amor ;

A relva brilha enfeitada,
Mais fresca se mostra a flôr.

Esbelta joga a fragata,
Como um corcel a nitrir,
Suspensa a amarra tem presa,
Suspensa, que vai partir.

Em demanda da fragata,
Leve barco vem vogando,
Nelle um velho cujas faces
Mudo choro está cortando.

Quem era o velho tão nobre,
Que chorava,
Por assim deixar seus lares,
Que deixava?

« Ancião, porque te ausentas?
Corres tu traz de ventura?
Louco! a morte já vem perto,
Tens aberta a sepultura.

« Louco velho, já não sentes
Bater frouxo o coração?
Oh! que o sente! — É lei d'exilio
A que o leva em tal sazão!

« Não ver mais a cara patria,
Não ver mais o que deixava,
Não ver nem filhos, nem filhas,
Nem o casal, que habitava!...

« Oh! que é má pena de morte
A pena de proscripção;

Traz dôres que martyrisão,
Negra dôr de coração!

« Pobre velho! — longe, longe
Vais sustento mendigar;
Tens de soffrer novas dôres,
Novos males que penar.

« Não t'ha de valer a idade,
Nem a dôr tamanha e nobre;
Tens de tragar vís affrontas,
— Insultos que soffre o pobre!

« Nada acharás no degredo,
Que falle dos filhos teus;
Ninguem sente a dôr do pobre...
Só te fica a mão de Deus.

« O sol, que além vês raiando
Entre nuvens de carmim,
N'outros climas, n'outras terras
Não verás raiar assim.

« Não verás a rocha erguida,
Onde t'ias assentar;
Nem o som bem conhecido
Do teu sino has de escutar.

« Ha de cahir sobre as ondas
O pranto do teu soffrer,
E n'esse abysmo salgado,
Salgado, se ha de perder. »

Já chegou junto á fragata,
Já na escada se apoiou,
Já com voz entrecortada
Ultimo adeos soluçou.

Canta o nauta, e sólta as velas
Ao vento que o vai guiar;
E a fragata mui veleira
Vai fugindo sobre o mar.

E o velho sempre em silencio
A calva testa dobrou,
E pranto mais abundante
O rosto senil cortou.

Inda se vê branca a vela
Do navio, que partio;
Mais além — inda se avista!
Mais além — já se sumio!

O ORGULHOSO

Eu o vi! — tremendo era no gesto,
Terrivel seu olhar;
E o senho carregado pretendia
O globo dominar.

Tremendo era na voz, quando no peito
Fervia-lhe o rancor!
E aos demais homens, como um cedro á relva,
Se cria sup'rior,

E o pobre agricultor, junto a seus filhos,
Dentro do humilde lar,
Quizera, antes que os d'elle, ver de um tigre
Os olhos fusilar:

Que a um filho seu talvez quizera o nobre
Para um Executor ;
Ou para o leito infesto alguma filha
Do triste agricultor.

Quem ousaria resistir-lhe? — Apenas
Algum pobre ancião
Já sobre o seu sepulchro, desejando
A morte e a salvação.

Alguns dias apenas decorrêrão;
E eis que elle se sumio !
E a lagem dos sepulchros fria e muda
Sobre elle já cahio.

E o barbaro tropel dos que o servião
Exulta com seu fim !
E a turba applaude; e ninguem chora a morte
De homem tão ruim.

O COMETA

AO SR. FRANCISCO SUTERO DOS REIS

Non est potestas, quæ comparetur ei qui factus est ut nullum timeret.

JOB.

Eis nos céos rutilando igneo cometa !
A immensa cabelleira o espaço alastra,

E o nucleo, como um sol tingido em sangue,
Alvacento luzir verte agoireiro
Sobre a pavida terra.

Poderosos do mundo, grandes, povo,
Dos labios removei a taça ingente,
Que em vossas festas gira; eis que rutila
O sanguineo cometa em céos infindos!...
Pobres mortaes, — sois vermes!

O Senhor o formou terrivel, grande;
Como indocil corcel que morde o freio,
Retinha-o só a mão do Omnipotente.
Alfim lhe disse : — Vai, Senhor dos Mundos,
Senhor do espaço infindo.

E qual louco temido, ardendo em furia,
Que ao vento solta a coma desgrenhada,
E vai, nescio de si, livre de ferros,
De encontro ás duras rochas; — tal progride
O cometa incansavel.

Se na marcha veloz encontra um mundo,
O mundo em mil pedaços se converte;
Mil centelhas de luz brilhão no espaço
A esmo, como um tronco pelas vagas
Infrenes combatido.

Se junto d'outro mundo acaso passa,
Comsigo o arrastra e leva transformado;
A cauda portentosa o enlaça e prende,
E o astro vai com elle, como argueiro
Em turbilhão levado.

Como Leviathan perturba os mares,
Elle perturba o espaço; — como a lava,
Elle marcha incessante e sempre; — eterno,
Marcou-lhe largo giro a lei que o rege,
— Ás vezes o infinito.

Elle carece então da eternidade!
E aos homens diz — e magestoso e grande
Que jamais o verão; e passa, e longe
Se entranha em céus sem fim, como se perde
Um barco no horisonte!

O OIRO

Oiro, — poder encanto ou maravilha
Da nossa idade, — regedor da terra,
Que dás honra e valor, virtude e força,
Que tens offertas, oblações e altares, —
Embora teu louvor cante na lyra
Vendido Menestrel que póde insano
Do grande á porta renegar seu genio!

Outro, sim, que não eu. — Bardo sem nome,
Com pouco vivo; — sobre a terra, á noite,
Meu corpo lanço, descançando a fronte
N'um tronco ou pedra ou mal nascido arbusto.
Sou mais que um rei co'o meu docel de nuvens
Que tem gravados scintillantes mundos!
Com a vista no céu percorro os astros,
Vagueia a minha mente além das nuvens,
Vagueia o meu pensar — alto, arrojado
Além de quanto o olhar nos céus alcança.

Então do meu Senhor me calão n'alma
D'amor ardente enlevos indiziveis;
Se tento ás gentes redizer seu nome,
Queimadoras palavras se atropellão
Nos meus labios; — prophetica harmonia
Meu peito anceia, e em borbotões se expande.
Grandes, Senhor, são tuas obras, grandes
Teus prodigios, e teu poder immenso :
O pae ao filho o diz, um sec'lo a outro,
A terra ao céu, o tempo á eternidade!

Do mundo as illusões, vaidade, engano,
Da vida a mesquinhez — prazer ou pranto —
Tudo esse nome arrastra, prostra e some;
Como aos raios do sol desfeito o gêlo,
Que em ondas corre no pendor do monte,
Precípite e ruidoso, — arbustos, troncos
Comsigo no passar rompidos leva.

A UM MENINO

OFFERECIDA Á EX^{ma} S^{ra} D. M. L. L. *.

I

Gentil, engraçado infante,
Nos teus jogos inconstante,
Que tens tão bello semblante,
Que vives sempre a brincar,

— Dos teus brinquedos te esqueces
Á noitinha, — e te entristeces
Como a bonina, — e adormeces,
Adormeces a sonhar!

II

Infante, serão as côres
De varias, viçosas flôres,
Ou são da aurora os fulgores
Que vem teus sonhos doirar?
Foi de algum ente celeste,
Que de luzeiros se veste?
Ou da brisa é que aprendeste,
Que aprendeste a suspirar?

III

Tens no rosto afogueado
Um qual retrato acabado
De um sentir aventurado,
Que te ri no coração;
É talvez a voz mimosa
De uma fada caprichosa,
Que te promette amorosa
Algum brilhante condão?

IV

Ou por ventura és contente,
Porque no sonho, que mente,

Phantasiaste innocente
Algum dos brinquedos teus!...
Senhor, tens bondade infinda!
Fizeste a aurora bem linda,
Creaste na vida ainda
Um'outra aurora dos céus.

V

O som da corrente pura,
A folhagem que susurra,
Um accento de ternura,
De ternura divinal;
A indizivel harmonia
Dos astros no fim do dia,
A voz que Memnon dizia,
Que dizia matinal;

VI

Nada d'isto tem o encanto,
Nada d'isto póde tanto
Como o risonho quebranto,
Divino — do seu dormir;
Que nada ha como a Donzella
Pensativa, doce e bella,
E a comparar-se com ella...
Só de um infante o sorrir.

VII

Mas de repente chorando
Despertas do somno brando
Assustado e soluçando...
Foi uma revelação!
Esta vida acerba e dura
Por um dia de ventura
Dá-nos annos de amargura
E fragoas do coração.

VIII

Só aquelle que da morte
Soffre o terrivel córte,
Não tem dôres que supporte,
Nem sonhos o acordarão:
Gentil infante, engraçado,
Que vives tão sem cuidado,
Serás homem — mal peccado!
Findará teu sonho então.

O PIRATA

EPISODIO

Nas azas breves do tempo
  Um anno e outro passou,
E Lia sempre formosa
  Novos amores tomou.

Novo amante mão de esposo,
De mimos cheia, lh'off'rece;
E bella, apesar de ingrata,
Do que a amou Lia se esquece.

Do que a amou, que longe pára,
Do que a amou, que pensa n'ella,
Pensando encontrar firmeza
Em Lia, que era tão bella!

N'esse palacio deserto
Já luzes se vêm luzir,
Que vêm nas sedas, nos vidros
Cambiantes reflectir.

Os echos alegres sôão,
Sôa ruidosa harmonia,
Sôão vozes de ternura,
Sons de festa e d'alegria.

E qual ave que em silencio
A face do mar desflora,
Á noite bella fragata
Chega ao porto, amaina, ancóra.

Cáe da popa e fere as ondas
Inquieta, esguia falúa,
Que resvala sobre as agoas
Na esteira que traça a lua.

Já na vácua praia toca;
Um vulto em terra saltou,
Que na longa escadaria
Preságo e torvo enfiou.

Malfadado! porque aportas
A este sitio fatal!
Queres o brilho augmentar
Das bodas do teu rival?

Não, que a vingança lhe range
Nos duros dentes cerrados;
Não, que a cabeça referve
Em máos projectos damnados!

Não, que os seus olhos bem dizem
O que diz seu coração;
Terriveis, como um espelho,
Que retratasse um vulcão.

Não, que os labios descorados
Vociferão seu rival;
Não, que a mão no peito aperta
Seu pontagudo punhal.

Não, por Deos, que taes affrontas
Não as sóe deixar impunes,
Quem tem ao lado um punhal,
Quem tem no peito ciumes!

Subio! — e vio com seus olhos
Ella a rir-se que dançava,
Folgando, infame! nos braços
Por que assim o assassinava.

E elle avançou mais avante,
E vio... o leito fatal!
E vio... e cheio de raiva
Cravou no meio o punhal,

E avançou... e á janella
  Sósinha a vio suspirar,
— Saudosa e bella encarando
  A immensidade do mar.

Como se víra um espectro,
  De repente ella fugio!
Tal foge a corça nos bosques
  Se leve rumor sentio.

Que foi? — Quem sabe dizel-o?
  Forão vislumbres de dôr;
Coração, que tem remorsos,
  Sente continuo terror!

Elle á janella chegou-se,
  Horrivel nada encontrou...
Sómente, ao longe, nas sombras,
  Sua fragata avistou.

Então pensou que no mundo
  Nada mais de seu contava!
Nada mais que essa fregata!
  Nada mais de quanto amava!

Nada mais! — que lh'importava
  De no mundo só se achar?
Inda muito lhe ficava —
  Agoa e céus e vento e mar.

Assim pensava; mas n'isto
  Descortinha o seu rival,
Não visto: — a mão na cintura
  Cingio raivosa o punhal!

Mas pensou... — não, seja d'ella,
  E tenha zelos como eu! —
Larga o punhal, e um retrato
  Na dextra mão estendeu.

Porém sentio que inda tinha
  Mais que branda compaixão;
Miserando! inda guardava
  Seu amor no coração.

Infeliz! não foi culpada;
  Foi culpa do fado meu!
Nada mais de pensar n'ella;
  Finjamos que ella morreu.

Por entre a turba que alegre
  No baile — a sorrir-se estava,
Mudo, triste, e pensativo
  Surdamente se afastava.

De manhã — quando o saráu
  Apagava o seu rumor,
Chegava Lia á janella,
  Mais formosa de pallor.

Chegou-se; — e além — no horisonte
  Uma vela inda avistou;
E co'a mão tremula e fria
  O telescopio buscou!

Um pavilhão vio na pôpa,
  Que tinha um globo pintado;
E no mastro da mesena
  Um negro vulto encostado.

Erão chorosos seus olhos,
 Os olhos seus enxugou;
E o telescopio de novo
 Para essa vela apontou.

Quem era o vulto tão triste
 Parece reconheceu;
Mas a vela no horisonte
 Para sempre se perdeu.

A VILLA MALDITA, CIDADE DE DEOS

AO SEU QUERIDO E AFFECTUOSO AMIGO
A. T. DE CARVALHO LEAL.

Peccata peccavit Jerusalem, et propter ea instabilis facta est; omnes qui glorificabant eam, spreverunt illam, quia viderunt ignominiam ejus; ipsa autem gemens conversa est retrorsum.

LAMENT. *Jeremias.*

I

O immenso aposento a luz alaga
 Com soberbo clarão,
E as mezas do banquete se devolvem
 Pelo vasto salão;

E os instrumentos palpitantes sôão
 Frenetica harmonia;
E o côro dos convivas se levanta
 Pleno d'ebria alegria!

Alli se ostenta o nobre vicioso
Rebuçado em orgulho, — o rico infame,
Cheio de mesquinhez, — o envilecido,
Immundo pobre no seu manto envolto
De miserias, torpeza e vilanias;
— A prostituta que alardeia os vicios,
Menosprezando a castidade e a honra,
Sem pejo, sem pudor, d'infamia eivada.

E o livre dithyrambo, a atroz blasphemia,
Os cantos immoraes, canções impudicas,
Gritos e orgia envolta em negro manto
De fumo e vinho, — os ares aturdião;
E muito além, no meio d'alta noite,
Nos echos, ruas, praças rebatião.

II

Depois, ainda suja a bocca, as faces,
D'immundo vomitar,
Com vacillante pé calcando a terra
Os víras levantar.

A larga porta despedia em turmas
A nocturna cohorte;
Ouvião-se depois por toda a parte
Gritos, horror de morte!

E ninguem vinha ao retinir de ferro,
Que assassinava;
Porque era d'um valente o punhal nobre,
Que as leis dictava.

Outra vez a cahir se emmaranhavão
Da porta pelo umbral:
Tinhão tinctas de sangue a face, as vestes,
Tincto em sangue o punhal.

E vinha o sol manifestar horrores
Da noite derradeira;
E a morte vária revelava a furia
Da turba carniceira.

E o sacrilego padre só vendia
O tum'lo por dinheiro;
Vendia a terra aos mortos insepultos,
O vil interesseiro!

Ou lá ficavão, como pasto aos corvos,
Por sobre a terra núa;
E ninguem de tal sorte se pesava,
Que ser podia a sua!

« E Deus maldisse a terra criminosa,
« Maldisse os homens della,
« Maldisse a cobardia dos escravos
« D'essa terra tão bella. »

III

E a mortifera peste luctuosa
Do inferno rebentou,
E nas azas dos ventos pavorosa
Sobre todos passou.

E o mancebo que via esperançoso
Longa vida futura,

Doido sentio quebrar-lhe as esperanças
Pedra de sepultura.

E a donzella tão linda que vivia
Confiada no amor,
Entre os braços da mãi provou bem cedo
Da morte o dissabor.

E o tremulo ancião qu'inda esperava
Morrer assim
Como um fructo maduro destacado
D'arvore emfim,

Sentio a morte esvoaçar-lhe em torno,
Como um bulcão,
Que affronta o nauta quando avista a terra
Da salvação,

Era deserta a villa, a casa, o templo —
Ar de morte soprou !
Mas a casa dos vís nos seus delirios
Ebria continuou !

« E Deus maldisse a terra criminosa,
« Maldisse os homens d'ella,
« Maldisse a cobardia dos escravos
« Dessa terra tão bella. »

IV

Eis o aço da guerra lampeja,
Do fogoso corsel o nitrido,
Eis o bronzeo canhão que rouqueja,
Eis da morte represso o gemido.

Já se aprestão guerreiros luzentes,
Já se enfreião corceis bellicosos,
Já mancebos se partem contentes,
Augurando a victoria briosos.

Brilha a raiva nos olhos ; — nas faces
O interno rancor pódes ler ;
Eia, avante! — clamárão os bravos,
Eia, avante ! — ou vencer ou morrer!

Eia, avante ! — briosos corramos
Na peleja o imigo bater ;
Crua morte na espada levamos !
Eia, avante ! — ou vencer ou morrer!

Eis o aço da guerra lampeja,
Do corcel bellicoso o nitrido,
Eis o bronzeo canhão que rouqueja
E da morte represso o gemido.

V

E a selva vomitou homens sem conto
    Á voz do omnipotente,
Como a neve hibernal que o sol derrete,
    Engrossando a corrente.

E em redor d'essa villa se estreitárão,
    Cingidos d'armadura;
E a villa se doeo no intimo seio
    De tão acre amargura.

Mas os fortes bradárão : — Eia, avante!
    Promptos a batalhar;

Mas o braço e valor ante os imigos
Se vierão quebrar.

E um anno inteiro sem cessar lutárão,
Cheios de bizarria,
Como dois crocodilos que brigassem
D'um rio a primazia !

E rendêrão-se emfim, mas de famintos,
De sequiosos ;
Valentes lidadores forão elles,
Se não briosos.

VI

E o exercito contrario entra rugindo
Na villa, que as suas portas lhe franqueia :
Rasteiro corre o incendio e surdamente
O custoso edificio ataca e mina.
Eis que a chamma roaz amostra as fendas
Das portas que se abrazão ; descortina
O torvo olhar do vencedor — apenas —
Lá dentro o incendio só, fóra só trevas!
Urros de frenesí, de dôr, de raiva
Escutão dos que, ás subitas colhidos,
Contra os muros em brasa se arremeção ;
Dos que, perdido o tino, intentão loucos
Achar a salvação, e a morte encontrão.
Lá dentro confusão, silencio fóra!
São carrascos aqui, victimas dentro,
Geme o travejamento, estrala a pedra,
Cresce horror sobre horror, desaba o tecto.
E o fumo ennegrecido se ennovella

Co'o vertice sublime os céus roçando.
Como o vulcão que a lava arroja ás nuvens
Como ignea columna que da terra
Hiante rebentasse, — tal se eleva,
Tal sóbe aos ares, tal se empina e cresce
A labareda portentosa ; e baixa,
E desce á terra, e o edificio enrola,
E o sorve inteiro, qual se forão vagas
Que a dura rocha do alicerce abalão,
Que a enlação, como a prêa, — e ao fundo pégo
Levão, deixando o mar branco d'espuma.
No horror da noite, sibilando os ventos,
Lingoas pyramidaes do atroz incendio,
Fumosas pelas ruas estalando,
Tingem da côr do inferno a côr da noite,
Tingem da côr do sangue a côr do inferno !
— O ar gritos, fumo o céu, e a terra fogo.

VII

E aquelles que inda sãos e immunes erão,
Os que a peste engeitou,
Que fome e sede e privações soffrêrão...
A espada decepou.

E a donzella tremeu, da mãi nos braços
Não salva ainda,
Que incitava os prazeres do soldado
A face linda.

E o fido amante, que de a ver tão bella
Sentio prazer,
Sente martyrios porque a vê formosa
No seu morrer.

Coisa alguma escapou! — Já tudo é cinzas,
Tudo destruição :
A columna, o palacio, a casa, o templo,
O templo da oração!

Meninos, homens e mulheres, — todos
Já rojão sobre o pó;
Mas o Deus, o Deus bom já está vingado,
Por ella sente dó.

E a villa d'outr'ora mais ruidosa,
Lá resurgio cidade ;
Porque o Deus da justiça, o das armadas,
O Deus é de bondade.

QUADRAS DA MINHA VIDA

RECORDAÇÃO E DESEJO

AO MEU BOM AMIGO O Dr A. REGO

Sol chi non lascia ereditá d'affetti
Poca gloria ha dell' urna.

FOSCOLO.

I

Houve tempo em que os meus olhos
Gostavão do sol brilhante.
E do negro véu da noite,
E da aurora scintillante.

Gostavão da branca nuvem
Em céu de azul espraiada,
Do terno gemer da fonte
Sobre pedras despenhada.

Gostavão das vivas côres
De bella flôr vicejante,
E a voz immensa e forte
Do verde bosque ondeante.

Inteira a natureza me sorria!
A luz brilhante, o susurrar da brisa,
O verde bosque, o rosicler d'aurora,
Estrellas, céus, e mar, e sol, e terra,
D'esperança e d'amor minha alma ardente,
De luz e de calor meu peito enchião.
Inteira a natureza parecia
Meus mais fundos, mais intimos desejos
Perscrutar e cumprir; — almo sorriso
Parecia enfeitar co'os seus encantos,
Com todo o seu amor compôr, doiral-o,
Porque os meus olhos deslumbrados vissem-no,
Porque minha alma de o sentir folgasse.
Oh! quadra tão feliz! — Se ouvia a brisa
Nas folhas sussurrando, o som das agoas,
Dos bosques o rugir; — se os desejava,
— O bosque, a brisa, a folha, o trepidante
Das agoas murmurar prestes ouvia.
Se o sol doirava os céus, se a lua casta,
Se as timidas estrellas scintillavão,
Se a flôr desabrochava envolta em musgo,
— Era a flôr que eu amava, — erão estrellas
Meus amores sómente, o sol brilhante,

A lua merencoria — os meus amores !
Oh ! quadra tão feliz ! doce harmonia,
Acôrdo extremo de vontade e força,
Que atava minha vida á natureza !
Ella era para mim bem como a esposa
Recem-casada, pudica sorrindo ;
Alma de noiva — coração de virgem,
Que a minha vida inteira abrilhantava !
Quando um desejo me brotava n'alma,
Ella o desejo meu satisfazia ;
E o quer que ella fizesse ou me dissesse,
Esse era o meu desejo, essa a voz minha,
Esse era o meu sentir do fundo d'alma,
Expresso pela voz que eu mais amava.

II

Agora a flôr que m'importa,
Ou a brisa perfumada,
Ou o som d'amiga fonte
Sobre pedras despenhada?

Que me importa a voz confusa
Do bosque verde-frondoso,
Que m'importa a branca lua,
Que m'importa o sol formoso ?

Que m'importa a nova aurora,
Quando se pinta no céu ;
Que m'importa a feia noite,
Quando desdobra o seu véu ?

Estas scenas, que amei, já me não causão
Nem dôr e nem prazer! — Indifferente,
Minha alma um só desejo não concebe,
Nem vontade já tem!... Oh! Deus! quem pôde
Do meu imaginar as puras azas
Cercear, desprender-lhe as niveas plumas,
Rojal-as sobre o pó, calcal-as tristes?
Perante a creação tão vasta e bella
Minha alma é como a flôr que pende murcha;
É qual profundo abysmo: — embalde estrellas
Brilhão no azul dos céus, embalde a noite
Estende sobre a terra o negro manto:
Não póde a luz chegar ao fundo abysmo,
Nem póde a noite ennegrecer-lhe a face;
Não póde a luz á flôr prestar mais brilho
Nem viço e nem frescor prestar-lhe a noite!

III

Houve tempo em que os meus olhos
Se extasiavão de ver
Agil donzella formosa
Por entre flôres correr.

Gostavão de um gesto brando,
Que revelasse pudor;
Gostavão de uns olhos negros,
Que rutilassem de amor.

E gostavão meus ouvidos
De uma voz — toda harmonia, —
Quer pezares exprimisse,
Quer exprimisse alegria.

Era um prazer, que eu tinha, ver a virgem
Indolente ou fugaz — alegre ou triste,
Da vida a estreita senda desflorando
Com pé ligeiro e animo tranquillo;
Improvida e brilhante parecendo
Seus dias desfolhar, uns após outros,
Como folhas de rosa; — e no futuro —
Ver luzir-lhe sómente a luz d'aurora.
Era deleite e dôr vêl-a tão leda
Do mundo as afflicções: angustias, prantos
Affrontar co'um sorriso; era um descanso
Interno e fundo, que sentia a mente,
Um quadro em que os meus olhos repousavão,
Ver tanta formosura e tal pureza
Em rosto de mulher com alma d'anjo!

IV

Houve tempo em que os meus olhos
Gostavão de lindo infante,
Com a candura e sorriso
Que adorna infantil semblante.

Gostavão do grave aspecto
De magestoso ancião,
Tendo nos labios conselhos,
Tendo amor no coração.

Um representa a innocencia,
Outro a verdade sem véu;
Ambos tão puros, tão graves,
Ambos tão perto do céu!

Infante e velho! — principio e fim da vida! —
Um entra neste mundo, outro sáe delle,
Gozando ambos da aurora; — um sobre a terra,
E o outro lá nos céus. — O Deus, que é grande,
Do pobre velho compensando as dôres,
O chama para si; o Deus clemente
Sobre a innocencia de continuo vela.
Amei do velho o magestoso aspecto,
Amei o infante que não tem segredos,
Nem cobre o coração co'os folhos d'alma.
Amei as doces vozes da innocencia,
A rispida franqueza amei do velho,
E as rigidas verdades mal sabidas,
Só por labios senís pronunciadas.

V

Houve tempo, em que possivel
Eu julguei no mundo achar
Dois amigos extremosos,
Dois irmãos do meu pensar;

Amigos que compr'hendessem
Meu prazer e minha dôr,
Dos meus labios o sorriso,
Da minha alma o dissabor;

Amigos, cuja existencia
Vivesse eu co'o meu viver:
Unidos sempre na vida,
Unidos — té no morrer.

Amizade! união, virtude, encanto —
Consorcio do querer, de força e d'alma —
Dos grandes sentimentos cá da terra
Talvez o mais reciproco, o mais fundo!
Quem ha que diga: Eu sou feliz! — se acaso
Um amigo lhe falta? — um doce amigo,
Que sinta o seu prazer como elle o sente?
Que soffra a sua dôr como elle a soffre?
Quando a ventura lhes sorri na vida,
Um a par d'outro — eil-os lá vão felizes;
Quando um sente afflicção, nos braços do outro
A afflicção, que é só d'um, carpindo juntos,
Encontra doce alivio o desditoso
No thesouro que encerra um peito amigo.
Candido par de cysnes, vão roçando
À face azul do mar co'as niveas azas
Em deleite amoroso; — acalentados
Pelo sereno espreguiçar das ondas,
Aspirando perfumes mal sentidos,
Por vespertina aragem bafejados,
É jogo o seu viver; — porém, se o vento
No frondoso arvoredo ruge ao longe,
Se o mar, batendo irado as ermas praias,
Cruzadas vagas em novello enrola,
Com grito de terror o par candente
Sacode as niveas azas, bate-as, — fogem.

VI

Houve tempo em que eu pedia
Uma mulher ao meu Deus,
Uma mulher que eu amasse,
Um dos bellos anjos seus.

Em que eu a Deos só pedia
Com fervorosa oração
Um amor sincero e fundo,
Um amor do coração.

Qu'eu sentisse um peito amante
Contra o meu peito bater,
Sómente um dia... sómente!
E depois delle morrer.

Amei! e o meu amor foi vida insana!
Um ardente anhelar, cauterio vivo,
Posto no coração, a remordel-o. .
Não tinha uma harmonia a natureza
Comparada á sua voz; não tinha côres
Formosas como as della, — nem perfumes
Como esse puro odor qu'ella esparzia
D'angelica pureza. — Meus ouvidos
O feiticeiro som dos meigos labios
Ouvião com prazer; meus olhos vagos
De a ver não se cansavão; labios d'homens
Não poderão dizer como eu a amava!
E achei que o amor mentia, e que o meu anjo
Era apenas mulher! chorei! deixei-a!
E aquelles, que eu amei co'o amor d'amigo,
A sorte, boa ou má, levou-m'os longe,
Bem longe quando eu perto os carecia.
Conclui que a amizade era um phantasma,
Na velhice prudente — habito apenas,
No joven — doudejar; — em mim-lembrança;
Lembrança! — porém tal que o não trocára
Pelos gozos da terra; — meus prazeres
Forão só meus amigos, — meus amores
Hão de ser neste mundo elles sómente.

VII

Houve tempo em que eu sentia
Grave e solemne afflicção,
Quando ouvia junto ao morto
Cantar-se a triste oração.

Quando ouvia o sino escuro
Em sons pesados dobrar,
E os cantos do sacerdote
Erguidos junto do altar

Quando via sobre um corpo
A fria lousa cahir;
Silencio debaixo della,
Sonhos talvez — e dormir.

Feliz quem dorme sob a lousa amiga,
Tepida talvez com o pranto amargo
Dos olhos da afflicção; — se os mortos sentem,
Ou se almas tem amor aos seus despojos,
Perto dos pés do Eterno, entre a alleluia,
E o gozo lá dos céus, e os córos d'anjos,
Hão de lembrar-se com prazer dos vivos,
Que chorão sobre a campa, onde já brota
O denso musgo, e já desponta a relva.

Lagem fria dos mortos! quem me dera
Gozar do teu descanço, ir asilar-me
Sob o teu santo horror, e nessas trevas
Do bulicio do mundo ir esconder-me!
Oh! lagem dos sepulchros! quem me désse
No teu silencio fundo asilo eterno!
Ahi não pulsa o coração, nem sente
Martyrios de viver quem já não vive.

PHANTASMAS

There are more things in heaven and earth, Horatio,
Than are dreamt of in your philosophy.

SHAKSPEARE. — *Hamlet.*

Ía a lua pelos ares
Docemente equilibrada,
Qual linda concha embalada
Pela corrente dos mares.

Era tudo amor ; — dormente
Era a mesta solidão :
Porém eis que de repente
Corre de vento um pegão.

Morrendo a luz feiticeira
Morre o brilhante do céu,
Que da lua a face inteira
Cobre denso, opaco véu.

Das trevas o véu rasgando
Fuzila breve clarão,
No escuro espaço rolando
Rouqueja horrivel trovão.

Ruge ao longe o mar raivoso,
Perto — o vento no arvoredo ;
No cemiterio medroso
Surgem phantasmas de medo.

Passando ao travez dos muros,
Que do mundo os separava,
Penetrão no templo escuro :
Mudo e triste o templo estava

Do templo nas paredes caminhavão
As mestas sombras dos que forão; outros,
Como que da vigilia se pezassem,
Nos ossos mal seguros se arrastavão.

Como sobre as couceiras se revolvem
As portas emperradas, tal do templo
As frias pedras sepulchraes se dobrão.
Finados mil e mil das campas surgem,
Incertas sombras pelos ares vôão,
Amalgama-se o pó formando nuvens,
E as nuvens pairão n'amplidão sagrada.
Só um sepulchro permanece inteiro,
E um espectro ao pé d'elle; os longos dedos
Correndo pela testa, tremebundo
Carrega sobre a turba o rosto irado.
« Não poder descansar! » — dizia o triste —
« Não poder descansar! » — Era este um grito
D'interno soffrimento amargo e duro.
« Ó Morte enganadora, — que eu julgava
« A infinita visão, — além dos mundos
« Outro mundo não via, além da vida
« Minha alma apenas descobria... o nada —
« De que nos serve o teu poder, traidora?
« Se a vida tiras, mais penosa a tornas;
« Se tiras o soffrer, mais delicado,
« Mais apurado, mais subtil, mais fundo
« Fazes, cruel, brotar do horror da campa.
« Estólido que fui! — da terra filho,
« Julguei-me preso á terra, preso ao nada;
« Julguei-me sem porvir além da vida;
« Sem acerbo penar na campa acerba! »

Como sentisse a sepultura intacta,
Raivoso empurra a pedra, que serena
Sobre outras pedras se deslisa facil,
Como o barco veloz cortando as ondas,
Que a mão callosa do barqueiro impelle.

Ah! certo eu vi! — um putrido cadaver,
Amarellento, ensanguentado e feio,
Pávido erguer-se no sudario envolto.
Volveu pasmado em torno os olhos turvos,
E as pupillas sem luz, que extranhão, sentem
Agudissima dôr da luz mal vista
Da alampada velada. — Nos ouvidos
Mesmo dos mortos o bulicio incerto
Com hórrido fragor ribomba, estoura!

— Não julguei acordar! — disse affligido.
Mas do finado, que o chamára á vida,
Correu nos labios mofador sorriso :
« Não julgaste acordar, insano?! — a mente
« Perdida não sentiste além dos ares
« Voar além dos céus, além das nuvens? »

Dizia o espectro : « Insano, tu cobriste-a
« De lodo terreal, cortaste as azas
« Desse amigo adejar, de prece amiga
« Que vai, que sóbe, perfumado incenso,
« Beijar do eterno ser o throno excelso. »

Eis do recem-finado a voz rebrama
No recinto do templo; estoura e ferve
No estreito espaço da garganta, como
Neve que o sol derrete, que nas orlas
Do raso leito de regato humilde
Rebenta em borbulhões de argentea espuma.

« Nas trevas, Senhor Deus, direi teu nome,
« Cantarei teus louvores do sepulchro,
« Cantarei teu poder d'entre a gelada
« Mortalha funeral, e sempre e eterno.
« Senhor Deus, Senhor Deus, quando os meus labios
« Se resequirem teu louvôr cantando,
« Quando rouco meu peito arfar cansado,
« Minha alma, além dos sóes voando afoita,
« Irá, Senhor meu Deus, beijar-te as plantas,
« Nutrir-se palpitante da tua gloria
« E á luz do teu fulgor, do teu conspecto
« Derramar-se queixosa e afflicta... »

— É tarde!
O espectro lhe bradou. — Misericordia!
Clamava a triste sombra, que aterrada
Procurava juntar as mãos rebeldes.
Foi debalde o querer; debalde as forças
Concentra o miserando por juntal-as;
Debalde intenta orar! — a voz lhe falta;
Do mutilado tronco os braços fogem
Fogem do templo na amplidão perdidos.
Mutua força os attrahe, mutua os repelle,
Fatidico poder os leva a ambos,
E alonga o templo mais e mais com elles!

Dos ares a soidão quebrando irado
Da torre sôa o sino; o som d'agoiros
Estoura — ruge — vibra — mingoa e morre.

Rapida foge a multidão dos méstos,
Sem arruido, sem rumor, — qual fumo
Levissimo e subtil que se desenha
Ao reflexo da luz nos brancos muros.

O BARDO

Must all the finer thoughts, the thrilling sense,
The electric blood with which their arteries run,
Their body's self-tuned soul with the intense
Feeling of that which is, and fancy of
That which should be, to such a recompense
Conduct? Shall their bright plumage on the rough
Storm be still scatter'd : — Yes, and it must be!

BYRON.

Era uma sala real comprida e larga
De primores vestida. — Nos tapetes
Habil artista desenhára a historia
Dos annos decorridos; — das janellas
Pendia a seda multicôr ; — rojavão
No liso pavimento as franjas d'oiro
Do brilhante espaldar. — Sentado nella
O rei, já velho, em roda de ministros
N'um canto do salão retinha os olhos.

Segui-lhe a vista, e vi... Era um mancebo
Modesto e bello; tinha um quê nos olhos
De pudor virginal, de meigo encanto,
Que prendia a attenção. — Em pé, cruzadas
Sobre uma harpa singela as mãos nevadas
Em voz segura e baixa ao rei fallava.

« Por isto, senhor rei, vim ter comvosco !... »

Isto apenas lhe ouvi; subtil sorriso
Do monarcha passou nos rôxos labios,
Que hypocrita e sarcastico dizia :

—Que vos posso eu fazer ?—Sois bardo!—Ás vezes
Quando este encargo de reinar me deixa

Mais livre respirar, — sobre mil praças
Deste palacio meu lançando os olhos,
O doce cànto da vossa hàrpa escuto,
E o longo applauso palpitante, e os echos
De forte sussurrar de amor, de enlevos,
Que a turba eleva com prazer... Auxilios
Não vos posso prestar, que o erario tenho
Exhausto e pobre! —

« Oh! nem de mim vos fallo,
Nem por mim, rei senhor! — Que vos hei dito?
Que a moral, crença, e fé, e amor dos povos
São altos fustes, que têm mão do throno.
Sois deste o creador, porém d'aquelles
Incumbe o lustre a nós. Se a nossa vida
Nisto gastamos, se mais crente o povo
Depois de nós a nosso exemplo fica,
É justo, senhor rei, que o throno cure
De quem sobre elle de continuo vela.

Somos do mundo sem saber do mundo;
Aprouve ao Senhor Deus lançar-nos nelle,
Sem vida para nós, com tanta vida,
Com tanta força de querer p'ra os outros.
Não sabemos ganhar! — Com fome ou frio,
Lemos o nome do Senhor nos astros;
Sonhamos illusões, lançando os olhos
Sobre a terra florida, ou sobre o campo
Liso, immenso dos céus, — vagando sempre
Do passado ao futuro! — Somos loucos,
Bem loucos, senhor rei! — Emquanto a vida
Em procelloso mar corre sem termo,
Até que a morte um dia nos afunde,

Cantamos sempre ; nem de auxilio extranho
Havemos de mister, que o melhor canto
De soluços e lagrimas se embebe ! —
Mas se hospicios haveis para os que soffrem,
Nós soffremos tambem, — tambem mendigos,
Trocamos, como outr'ora o velho Homero,
Celestes carmes por um pão de azyma ! »

— Fallais do mundo sem saber do mundo,
E do vosso mister sem saber delle ;
Tornou-lhe o rei com rosto carregado.
— Sou injusto e cruel !... vós o dissestes !
Mas quem sois ? — que fazeis ? — Ao povo estulto
Co'a branda lyra effeminais : no canto
Vil peçonha entornais em nescias mentes ;
De perversa moral lições na scena
Dais em verso pomposo ; loucos, cegos,
Prophetas vos dizeis... — Meu throno acaso
Sustentas tu co'a lyra ? — Se o sustentas,
Retira o braço, quero-o ver por terra,
Quero crer na tua crença ; e se és propheta,
Eu t'o supplico, do porvir me falla ! —

Como de sob os pés vos foge o bando
De sussurrantes passarinhos, quando
Pensativo calcais na densa matta
As secas folhas, rugidoras, sôltas ;
Como sobem confusas, pipilantes,
Ouvindo o extranho som que as amedronta ;
Da Harpa as notas sôão, vibrão, fogem :
Lá se perdem nos ares, lá renascem,
Já de novo resôão, como abelhas
Que sobre vivas flôres descançadas ;
Quasi filhas do sol, se erguem ruidosas.

« Reis da terra, o que sois ? Oh ! quasi um nada,
Em mãos de infantes caprichosos — brinco,
Automatos de orgulho, actores tristes
Em publico tablado:
Em um dia aziago entre os clamores
Da multidão fallaz entrou no templo ;
Era o templo adornado, — alli soldados,
Alli densos convivas,
Resplandecentes d'oiro, e seda, e joias;
Alli morno silencio qual precede
Da batalha o fragor ; — troava o sino,
E foi c'roado..... escravo!

« Mas quando o Senhor um bardo cria,
Funde-lhe a mente de trovões, de raios,
De nobre fogo lh'incendia o peito
De colera e de amor!
E o manda sobre a terra ingrata e nua,
Que vôe sobre os astros, que a sentença,
Que Balthasar temeu, grave nos muros
D'impudico festim!
Que suspire, que gema, que soluce,
Que se lembre dos céus cantando a terra,
Que um amigo não tenha, que a sua vida
É soffrer e cantar!

« Mas ai do triste que não sente enlevos
De ouvir um doce canto ao som da lyra :
Mas ai do rei que não suspira afflicto
De afflicto suspirar!
Mas ai do triste rei! que nunca o bardo
Nos versos divinaes dirá seus feitos,

Nem o seu nome se lerá na pedra
De gelado sepulchro.
Vai com elle a lisonja á sepultura,
Com elle o seu palacio irá por terra,
Não será pedra sobre pedra, — inteira
A mole cahirá ! »

Calou-se ; mas cumprio-se o vaticinio :
Morreu sem nome o rei, — a mole inteira
Por terra jaz — uma columna attesta
Seu primeiro esplendor.

Que é do bardo porém ? — Ninguem pergunta :
O modesto pastor que a dura calma
Passou á sombra da frondosa copa,
Quando sem graça a vê, pergunta acaso
Que impiedoso tufão levou-lhe as folhas !
A virgem que em passeios solitarios
Respira o aroma de uma flôr singela
Pergunta acaso no verão torrado
Se a melindrosa flôr ainda existe,
Ou existindo, em que lugar se esconde ?
— Assim do bardo os feiticeiros versos !
Resôão, como nota harmoniosa,
Como suspiro d'innocente virgem
Na placidez da noite adormecida ;
Resôão, mas tambem se extinguem prestes,
Como nota de uma harpa vaporosa,
Como o perfume que uma flôr exhala,
Como o suspiro que uma virgem sólta !

ANALIA

POEMETO

CANTO PRIMEIRO

A vida do homem com todos os seus projectos se eleva como uma torre cuja corôa é a morte.

Saint Pierre.

Noite propicia aos timidos amantes,
Consolação dos tristes que suspirão,
Que não podem soffrer do sol os raios,
Esse manto de estrellas não recolhas,
Que os olhos chama aos céus, e a Deus a mente
E em placido remanso a dôr abranda
De quem maior allivio não procura
Que sentir sempre aberta a chaga antiga!...
Noite não era já, não era dia;
Porém a fresca, matutina brisa

Começava a correr, prenhe de aromas,
Por entre as verdes folhas dos olmeiros,
Como o suspiro que remata o somno
De uma virgem que dorme. D'entre as ramas
Em desafio as aves entornavão
As notas varias do seu hymno eterno,
A cujos sons a natureza acorda
E o coração se alegra ; da neblina
Os densos rôlos — dos profundos valles
E dos cimos erguidos — procuravão,
Attrahidos do sol, mais alta esphera !

Analia, oh! bella filha dos amores,
Porque tremes assim ? porque t'encobres ?
Porque essa pallidez ? esse agitado
Pulsar do seio, esses modestos olhos,
Perlustrando em redor té onde alcanção ?
Ninguem te espreita ou vê ; ninguem te segue :
Sob o avito solar descanção todos,
Teu nobre e velho pae te crê dormida !
E tu do leito virginal te ergueste,
Quando a nocturna alampada brilhava
Incerta, frouxa luz nas brancas telas,
Como nos brancos muros de um mosteiro
Estampa a lua os pallidos reflexos.

Analia ! occulta voz entre suspiros
Duvidosa murmura : volta o rosto
A donzella gentil, descora, treme,
Vacilla, cáe nos braços de um mancebo,
Qual palha sobre o alambre, ou como fibra
De magnetica força commovida !
Não tem voz, não tem côr, — pallida rosa
Semelha n'um jardim cortada ha pouco!

Quem pudesse acabar entre os deliquios
De um puro e doce amor! — fazer pedaços
Desta vida miserrima as cadeias,
Morrer primeiro que se esgote a fonte
D'uma illusão doirada, — e entre suspiros,
Entre as notas de um ai mal rematado,
Chegar de Deus ao throno, como um canto,
Que a brisa leva ao céu entre perfumes!

Mal distinctas palavras murmurão :
Não voz, porém accentos mal formados,
Quasi grito e rugidos, que passavão
De um peito a outro sem roçar nos labios ;
Frases do coração que ao destacar-se
Levavão após si o melhor delle.
Aquella tempestade emfim se amaina ;
Já menos fortes sensações tão vivas,
Podem termos achar com que s'exprimão.

« Não sentes, doce bem, quanto é penoso
Lutar em vão co'a sorte ? — quanto punge
O prazer que fruir nos fôra dado,
E não fruido se converte em penas !
Pensar que a minha vida, a sós comtigo,
Decorrêra feliz, tranquilla e pura!
Sentir que este desejo assim nutrido
Ha de esvair-se, e não mui tarde, um dia,
Como ao romper do sol se esváe a sombra!
É vida de martyrios que enlouquecem,
D'anciedade que mata ! — Oh! muito amada
Luz desta alma, que a dôr me vai gastando
Com viver sem ti n'um ermo triste,
Sem qu'eu te escute a voz, sem que os teus olhos

Me fallem da tua alma a cada instante ?
Nunca t'eu víra, nem me víras nunca,
Menos agra talvez nos fosse a vida. »

Com voz que os seios d'alma penetrava
Respondia a donzella : « O fado ás vezes
Cança de ser cruel ! — Quem sabe ! — Um dia
Este pezar será, que ora passamos,
Grato de ser lembrado : espera ainda. »
« Espero, — oh ! inda espero ; mas a esp'rança,
Ao passo que meus dias se devolvem,
De tanto se alongar me vai fugindo.
Rico e nobre é teu pai ; seus feitos vôão
De bocca em bocca — em longa serie illustre,
Não denegrida, não cortada : o orgulho
De rico e d'infanção, que tanto o exalta,
Ergueu alta barreira entre nós ambos. »

« Qu'importa ! o nosso amor é mais valente :
Iremos ambos a seus pés lançar-nos,
Dizer que a nossa vida pende agora
Do nosso amor. — Ha de escutar-me affavel,
A mim que mais que a vida estima e préza,
Ultimo allivio dos seus curtos dias. »

Eis nisto sobrevem o pai turbado,
A quem roaz suspeita rouba o somno ;
Mal vê o arrojo do mancebo, e a filha,
Que mâncha os seus brasões, prorompe irado :

« Mal haja o vil, o seductor corrupto,
Que tantos annos de honradez deslustra,
Cobrindo a virgem de vergonha ; e ao velho
D'opprobrio e negra infamia ! » Assim dizendo,

Leva a tremula mão da clara espada.
Lampeja o aço aos olhos do mancebo,
Que sobre o peito inerme cruza os braços,
E não descóra, nem recúa. A virgem,
Que um amavel terror empallidece,
Cobrindo com seu corpo o corpo delle,
Não teme a folha tremula, que oscilla
Na mão que os muitos annos já cansárão ;
A vida off'rece a quem lhe dera a vida,
Que a amava tanto ! — seu amor confessa,
Finezas d'elle, que a vencêra amando,
Extremos de ambos que viver não podem,
Não sabem desunidos. Rude o velho
Medita e scisma, e conhecer intenta
O amor do joven ; quer talvez proval-o,
Talvez do extranho arrojo quer punil-o.
Ergue-se perto um monte de granito
Altivo, colossal, — no cimo erguido
Nenhuma flôr brotou, nenhum arbusto
Prestou-lhe grata sombra, onde asylado
Canoro rouxinol soltasse o canto.
Com gesto brusco e breve o mostra ao joven,
E diz-lhe em voz, d'onde o furor transpira :
« Se deste monte o pincaro vingares,
Tendo nos braços a mulher que adoras,
Sem que descances... « — Se o vingar ?... « É tua
Mas ai de ti, ai della, se esmoreces,
Se a offerta illudes, se tua alma fraca
Aos teus desejos inferior se mostra !... »

É tua ! — Estas palavras no mancebo
Coárão grato enleio ; — gota amiga
D'orvalho no Sahrá, clarão nas trevas,

Brando calor nos pólos. — Minha! minha!
Como louco bradava, e nos seus braços
Tomou, correndo, a virgem delicada!

CANTO II

Oh! que ditoso par! os corpos de ambos,
Que o amor ligára, estreitamente unidos,
Lá vão, como um só vulto, indivisiveis.
Prende o mancebo nos nervosos braços
O leve corpo della, doce, eburneo,
Elastico e tão meigo!... Oh! que não possa
Linguagem d'homem retratar ao vivo
O arroubo estreme, os extasis divinos,
De quando a vez primeira, entre deliquios,
Unimos contra o peito, arfando, ardente,
Uns peitos que se elevão, que se abatem,
Que suspirão por nós! — Os olhos d'ambos
Scintillavão de amor! halito ardente
Crestava os labios d'ambos, derramando
Mais do que vida, do que amor, nas faces
Que em vivo fogo ardião. Amorosa,
Porque mais leve se tornasse, a virgem,
Lançando ao collo delle os niveos braços,
Meia suspensa lhe dizia :

« Amado,
Não tenhas nimio ardor; sê mais prudente,
Calcula os passos, mede-os ; ouço as pedras
Rolar-te sob os pés : mais vagaroso
Caminha ; a queda é morte, o afan, a pressa

Quebra o arrojo, enfraquece : alcantilado
É deste monte o cume, — falta muito,
E do rosto o suor te corre em fios. »

« Não sabes ! por te amar daria a vida,
Até a gota extrema, que em meu peito,
Qu'inda em meu coração girar sentisse ;
E quando a propria vida me faltára,
Minha alma, e o que me espera além da morte,
Daria por te amar. — É fraca a prova
De soffrer doce peso algumas horas
Por viver em delicias longos annos. »

Anima-se, prosegue mais brioso,
Sorvendo sob os pés a senda ingrata.
Immensa multidão, a quem tal caso
Alli reune, e tem como suspensa,
Applaude enthusiasta, brada, clama,
Da base da montanha... infindos rogos
Eleva, exalta ao céo : — coragem ! grita ;
Gentil mancebo, alento ! — Fraca, incerta,
Chegava ao par amante a voz ruidosa.
O mancebo feliz todo se embebe
No futuro gozar dos seus amores.
Bagas e bagas de suór crescião
Na fronte afogueada ; o rosto acceso
Ao desejado fim dos seus trabalhos
Volvia : a casta virgem, desprendendo
A loura trança, avelutada e longa,
Tentou limpar-lhe o rosto : mal sentira
A fragrancia, o contacto, o sangue em ondas
Correu-lhe ao coração, a côr das faces
Sumio-se de relance. — Soffres ! soffres !

Inquieta a virgem perguntava. O triste
Começou de correr com novo alento.
« A trança, a loura trança me electrisa,
Requeima o sangue e a pelle, inflamma e cega!
Querida, amada, mais que tudo amada,
Luz da minha alma, norte meu, feitiço
Desta existencia, que sem ti é morte,
Oh! não queiras, por Deos, tirar-me as forças! »

Bradava assim, correndo; já mais fraco,
Inda mais fraco sente-se; caminha.
« Ouves? a bella virgem lhe dizia :
Quando assentares que vencer não pódes
Esta ingreme costeira, não m'o digas;
Porém ao fundo abysmo negrejante,
Que a nossos pés terrifico se cava,
Ah! leva-me, por Deos, presa em teus braços,
E esta vida comtigo alli se acabe. »

« Que fallas em morrer, tão nova ainda!
Soluçava o mancebo : oh! não, mais dias
Nos restão, mais felizes, — outros annos,
Outros tempos de amor, que estes não sejão. »

Já se apressa, já corre! — O povo amigo
— Coragem! com mais força lhe gritava.
Açodado correu por longo espaço,
Salvando d'asp'ra senda as pedras soltas;
Porém, do afan, por fim, quasi vencido,
Com voz, louca de amor, bradava o triste :

« Oh! como é doce este romper da aurora!
A brisa da manhã, como é suave!
Secca-me as bagas de suor do rosto,
Humedece-me os labios resequidos,
E outra vida melhor m'influe no peito.

E após instantes, proseguio mais baixo :
« Quebrou-me este lutar co'a sorte ingrata,
Quasi vencido arquejo, os membros lassos
Movo a custo arrastados; mas espero...
Oh! inda espero de chamar-te minha,
De haver-te em premio deste afan penoso! »

Volvendo ao cimo da montanha os olhos,
Murmurava a donzella : — Oh! Deos, tão alta!

« Bem alta, sim, porem vingal-a é força :
O amor é forte e compassivo : os brios,
De que preciso, m'os dará; mas dize,
Dize-me tu que serás minha, tudo
Que eu perderei, que eu lucrarei comtigo,
E certo vencerei; — dize-me as doces,
Meigas phrases de amor com que eu sohia
Esquecer-me da vida agra e pesada,
Qu'hei passado sem ti : que em te escutando
Esta fadiga esquecerei, lembrado
Do que me resta de prazer, de enlevos,
D'almas venturas a fruir ditoso.
Assim, assim; crava nos meus teus olhos,
Teus lindos olhos de um azul tão puro,
Como a cerulea côr do céo, das ondas,
Por noite estiva e bella. Da tua alma
Leio nelles a timida esperança,
E como elles espero. — Um beijo, um beijo!..
Esse macio dos teus labios causão
Frenesi que transporta, que enlouquece!
Guarda-os por ora : elles suffocão, roubão
O alento, a razão; como um cauterio
De fogo, inflammão; o ardor, a vida,

Que prestão, são delirio, raiva insana,
E nutrem como a febre! »
Eis que o mancebo
Os passos multiplica nessa estrada,
Que mais se estreita, mais se empina e cresce
Emfim despareceu! não toda, resta
Curta distancia, que vencer é facil;
Facil, porém a membros não cansados,
Não exhauridos de vigor, em luta
Perigosa e vital. — Meu Deos, não posso!
Murmurava entre si, a medo, e quasi
Reflexo interior do pensamento.

« Um passo mais! » bradava-lhe a donzella,
Em ancias de transido desespero.
« Hesitas! desfalleces! pois morramos!
Placido asylo a campa nos off'rece,
Da morte o estreito umbral passemos juntos. »

Frequentes sons, agudos, nos ouvidos
Sente o mancebo; — transtornado o rosto,
Mal firme sobre os pés, semelha o tronco
Nutante cerceado, que procura
O cimo undoso equilibrar nos ares.
Nada ouvio, nada vio, — nem mesmo o pranto,
O adeos extremo soluçado á vida
Risonha e bella e subito cortada,
Quasi ao romper da aurora. O pranto ardente
Cahio no peito do mancebo: « Choras!
Tenho os olhos vendados, mas sentido
Hei sobre o peito um requeimar de fogo;
Choras, tu choras! »
Delirante o moço
De um pulo hardido vinga o resto infando

Da senda malfadada : « És minha ! és minha ! »
Clama en delirio; mas a morte o colhe,
E d'entre os braços da que amava, a arranca !
Cahio gemendo ; a misera donzella,
— Oh ! vinde ! soccorrei-me ! repetia,
Oh ! vinde, que elle expira ! — A turba emtanto
Enchia os ares de applaudir ruidoso.
— Soccorrei-me ! bradava enlouquecida ;
Bradava a turba : — A noiva, a bella noiva !
Oh ! como os seus cabellos esparzidos
C'o resplendor do sol pleiteião brilho ? !
É bella, hardido o noivo... ambos felizes ! —

Lindas capellas de mimosas flôres
Fabricavão no emtanto : um padre chamão,
Porque em laço de amor juntasse a ambos ;
Mas as capellas definhárão tristes
Em luctuoso esquife : a mesma campa
Sorveu — leito nefasto — os dois amantes !

Sómente o velho pae do nobre orgulho
No enterro filial o arranco extremo
Soltar medita, transformado em pompa.
Não querendo feliz a filha em vida,
Ao menos quer no marmore brunido
Mostrar poder, nobreza, e o esquartelado
Luctuoso brasão em campo negro.

POESIAS AMERICANAS

Les infortunes d'un obscur habitant des bois auraient-elles moins de droits à nos pleurs que celles des autres hommes ?

CHATEAUBRIAND.

CANÇÃO DO EXILIO

Kennst du das Land, wo die Citronen blühen,
Im dunkeln Laub die Gold-Orangen glühen?
Kennst Du es wohl? — Dahin, dahin!
Möcht' ich... ziehn.

GŒTHE.

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá ;
As aves, que aqui gorgeião,
Não gorgeião como lá.

Nosso céo tem mais estrellas,
Nossas varzeas tem mais flôres,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em scismar, sósinho, á noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que taes não encontro eu cá;
Em scismar — sósinho, á noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permitta Deos que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfructe os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Coimbra, Julho 1843.

O CANTO DO GUERREIRO

I

Aqui na floresta
Dos ventos batida,
Façanhas de bravos
Não gerão escravos,
Que estimem a vida
Sem guerra e lidar.

— Ouví me, Guerreiros,
— Ouví meu cantar.

II

Valente na guerra
Quem ha, como eu sou?
Quem vibra o tacápe
Com mais valentia?
Quem golpes daria
Fataes, como eu dou?
— Guerreiros, ouví-me;
— Quem ha, como eu sou?

III

Quem guia nos ares
A frecha implumada,
Ferindo uma preza,
Com tanta certeza,
Na altura arrojada
Onde eu a mandar?
— Guerreiros, ouví-me,
— Ouvi meu cantar.

IV

Quem tantos imigos
Em guerras preou?
Quem canta seus feitos
Com mais energia?

Quem golpes daria
Fataes, como eu dou?
— Guerreiros, ouví-me:
— Quem ha, como eu sou?

V

Na caça ou na lide,
Quem ha que me affronte?!
A onça raivosa
Meus passos conhece,
O imigo estremece,
E a ave medrosa
Se esconde no céu.
— Quem ha mais valente,
— Mais dextro do que eu?

VI

Se as matas estrujo
Co'os sons do Boré,
Mil arcos se encurvão,
Mil setas lá vôão,
Mil gritos rebôão,
Mil homens de pé
Eis surgem, respondem
Aos sons do Boré!
— Quem é mais valente,
— Mais forte quem é?

VII

Lá vão pelas matas;
Não fazem ruido :
O vento gemendo
E as matas tremendo
E o triste carpido
D'uma ave a cantar,
São elles — guerreiros,
Que faço avançar.

VIII

E o Piaga se ruge
No seu Maracá,
A morte lá paira
Nos ares frechados,
Os campos juncados
De mortos são já :
Mil homens vivêrão,
Mil homens são lá.

IX

E então se de novo
Eu toco o Boré;
Qual fonte que salta
De rocha empinada,
Que vai marulhosa,
Fremente e queixosa

Que a raiva apagada
De todo não é,
Tal elles se escôão
Aos sons do Boré.
— Guerreiros, dizei-me
— Tão forte quem é ?

O CANTO DO PIÁGA

I

Ó Guerreiros da Taba sagrada,
Ó Guerreiros da tribu Tupi,
Fallão Deoses nos cantos do Piága,
Ó Guerreiros, meus cantos ouví.

Esta noite — era a lua já morta —
Anhangá me vedava sonhar !
Eis na horrivel caverna, que habito,
Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos, inquieto, medroso,
Manitôs ! que prodigios que vi !
Arde o páo de resina fumosa,
Não fui eu, não fui eu, que o accendi !

Eis rebenta a meus pés um phantasma,
Um phantasma d'immensa extensão ;
Liso craneo repousa a meu lado,
Feia cobra se enrosca no chão.

O meu sangue gelou-se nas veias,
Todo inteiro — ossos, carnes — tremi,
Frio horror me côou pelos membros,
Frio vento no rosto senti.

Era feio, medonho, tremendo,
Ó Guerreiros, o espectro que eu vi.
Fallão Deoses nos cantos do Piága,
Ó Guerreiros, meus cantos ouví!

II

Porque dormes, ó Piága divino?
Começou-me a Visão a fallar:
Porque dormes? O sacro instrumento
De per si já começa a vibrar.

Tu não viste nos céos um negrume
Toda a face do sol offuscar,
Não ouviste a coruja, de dia,
Sons estridulos torva soltar?

Tu não viste dos bosques a coma
Sem aragem — vergar-se e gemer,
Nem a lua de fogo entre nuvens,
Qual em vestes de sangue, nascer?

E tu dormes, ó Piága divino!
E Anhangá te prohibe sonhar!
E tu dormes, ó Piága, e não sabes,
E não pódes augurios cantar?!

Ouve o annuncio do horrendo phantasma,
Ouve os sons do fiel Maracá;
Manitôs já fugirão da Taba!
Ó desgraça! ó ruina! ó Tupá!

III

Pelas ondas do mar sem limites
Basta selva, sem folhas, hi vem;
Hartos troncos, robustos, gigantes;
Vossas matas taes monstros contêm.

Traz embira dos cimos pendente
— Brenha espessa de vario cipó —
Dessas brenhas contêm vossas matas,
Taes e quaes, mas com folhas; é só!

Negro monstro os sustenta por baixo,
Brancas azas abrindo ao tufão,
Como um bando de candidas garças,
Que nos ares pairando — lá vão.

Oh! quem foi das entranhas das aguas,
O marinho arcabouço arrancar?
Nossas terras demanda, fareja...
Esse monstro... — o que vem cá buscar?

Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,
Vem roubar-vos a filha, a mulher!

Vem trazer-vos crueza, impiedade,
Dons crueis do cruel Anhangá;
Vem quebrar-vos a maça valente,
Profanar Manitôs, Maracás.

Vem trazer-vos algemas pezadas,
Com que a tribu Tupi vai gemer;

Hão de os velhos servir-lhe de escravos,
Mesmo o Piága inda escravo ha de ser!

Fugireis procurando um asilo,
Triste asilo por invio sertão;
Anhangá de prazer ha de rir-se,
Vendo os vossos quão poucos serão.

Vossos Deoses, ó Piagá, conjura,
Susta as iras do féro Anhangá.
Manitôs já fugirão da Taba,
Ó desgraça! ó ruina! ó Tupá!

O CANTO DO INDIO

Quando o sol vae dentro d'agoa
Seus ardores sepultar,
Quando os passaros nos bosques
Principião a trinar;

Eu a vi, que se banhava...
Era bella, ó Deoses, bella,
Como a fonte cristallina,
Como luz de meiga estrella.

O' Virgem, Virgem dos Christãos formosa,
Porque eu te visse assim, como te via,
Calcára agros espinhos sem queixar-me,
Que antes me dera por feliz de ver-te.

O tacápe fatal em terra estranha
Sobre mim sem temor veria erguido ;
Dessem-me a mim sómente vêr teu rosto
Nas agoas, como a lua, retratado.

Eis que os seus loiros cabellos,
Pelas agoas se espalhavão,
Pelas agoas, que de vel-os
Tão loiros se enamoravão.

Ella erguia o collo eburneo,
Porque melhor os colhesse;
Niveo collo, quem te visse,
Que de amores não morresse !

Passára a vida inteira a contemplar-te,
Ó Virgem, loira Virgem tão formosa,
Sem que dos meus irmãos ouvisse o canto,
Sem que o som do Boré que incita á guerra
Me infiltrasse o valor que m'has roubado,
Ó Virgem, loira Virgem tão formosa.

Ás vezes, quando um sorriso
Os labios seus entreabria,
Era bella, oh ! mais que a aurora
Quando a raiar principia.

Outra vez — d'entre os seus labios
Uma voz se desprendia ;
Terna voz, cheia de encantos,
Que eu entender não podia.

Que importa ? Esse fallar deixou-me n'alma
Sentir d'amores tão sereno e fundo,
Que a vida me prendeu, vontade e força.

Ah! que não queiras tu viver commigo,
Ó Virgem dos Christãos, Virgem formosa!

Sobre a areia, já mais tarde,
Ella surgio toda núa;
Onde ha, ó Virgem, na terra
Formosura como a tua?

Bem como gotas de orvalho
Nas folhas de flôr mimosa,
Do seu carpo a onda em fios
Se deslizava amorosa.

Ah! que não queiras tu vir ser rainha
Aqui dos meus irmãos, qual sou rei delles!
Escuta, ó Virgem dos Christãos formosa:
Odeio tanto os teus, como te adóro;
Mas queiras tu ser minha, que eu prometto
Vencer por teu amor meu odio antigo,
Trocar a maça do poder por ferros
E ser, por te gozar, escravo delles.

CAXIAS

Quanto es bella, ó Caxias! — no deserto,
Entre montanhas, derramada em valle
De flores perennaes,
És qual tenue vapor que a brisa espalha
No frescor da manhã meiga soprando
Á flor de manso lago.

Tu es a flôr que despontaste livre
Por entre os troncos de robustos cedros,
Forte — em gleba inculta;
És qual gazella, que o deserto educa,
No ardor da sésta debruçada exangue
Á margem da corrente.

Em molle seda as graças não escondes,
Não cinges d'oiro a fronte que descanças
Na base da montanha;
És bella como a virgem das florestas,
Que no espelho das aguas se contempla,
Firmando em tronco annoso.

Mas dia inda virá, em que te pejes
Dos, que ora trajas, simplices ornatos
E amavel desalinho:
Da pompa e luxo amiga, hão de cahir-te
Aos pés então — da poesia a c'roa
E da innocencia o cinto.

DEPRECAÇÃO

Tupan, ó Deus grande! cobriste o teu rosto
Com denso velamen de pennas gentís;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes déste da perda infeliz!

Tupan, ó Deus grande! teu rosto descobre:
Bastante soffremos com tua vingança!
Já lagrimas tristes chorárão teus filhos,
Teus filhos que chórão tão grande mudança.

Anhangá impiedoso nos trouxe de longe
Os homens que o raio manejão cruentos,
Que vivem sem patria, que vagão sem tino
Trás do ouro correndo, voraces, sedentos.

E a terra em que pisão, e os campos e os rios
Que assaltão, são nossos ; tu és nosso Deus :
Porque lhes concedes tão alta pujança,
Se os raios de morte, que vibrão, são teus?

Tupan, ó Deus grande ! cobriste o teu rosto
Com denso velamen de pennas gentís;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes déste da perda infeliz.

Teus filhos valentes, temidos na guerra,
No albor da manhã oh ! quão fortes que os vi !
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco Tupi !

E hoje em que apenas a enchente do rio
Cem vezes hei visto crescer e baixar...
Já restão bem poucos dos teus, qu'inda possão
Dos seus, que já dormem, os ossos levar.

Teus filhos valentes causavão terror,
Teus filhos enchião as bordas do mar,
As ondas coalhavão de estreitas igáras,
De frechas cobrindo os espaços do ar.

Já hoje não cáção nas matas frondosas
A corça ligeira, o trombudo coati...
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco Tupi !

O Piága nos disse que breve seria,
A que nos infliges cruel punição;
E os teus inda vagão por serras, por valles,
Buscando um asilo por invio sertão !

Tupan, ó Deus grande! descobre o teu rosto
Bastante soffremos com tua vingança!
Já lagrimas tristes chorárão teus filhos,
Teus filhos que chórão tão grande tardança.

Descobre o teu rosto, resurjão os bravos,
Que eu vi combatendo no albor da manhã;
Conheção-te os féros, confessem vencidos
Que és grande e te vingas, qu'és Deus, ó Tupan!

TABYRA

DEDICATORIA AOS PERNAMBUCANOS

Salve, terra formosa, ó Pernambuco,
Veneza Americana, transportada
Boiante sobre as agoas!
Amigo genio te formou na Europa,
Genio melhor te despertou sorrindo
Á sombra dos coqueiros.

Salve, risonha terra! são teus montes
Arrelvados, innumeros teus valles,
Cujas veias são rios!
Doces teus prados, tuas varzeas ferteis,
Onde reluz o fructo sasonado
Entre o matiz das flôres!

Outros, patria d'heroes, teus feitos cantem,
E a bella historia de colonia exaltem,
E os nomes forasteiros;
Não eu, que nada almejo senão ver-vos,
Tu e Olinda, ambas vós, co'os olhos longos,
Espraiados no mar!

Ambas vós, sobre tudo americanas,
Doces flôres dos mares de Colombo,
Filhas do norte ardente!
Virgens irmãs, que vão de mãos travadas
Sorrirem d'innocencia á propria imagem,
Que luz em claro arroyo.

Andei, por vós sómente, em vossas matas,
Colhendo agrestes flôres na floresta,
Não respiradas nunca,
Singelas, como vós, — como vós, bellas,
Ennastrei-as em forma de grinalda
Fino, extremoso amante!

Não vivem muitos as flôres: são meus versos
Ephemeros como ellas; côr sem brilho,
Ou perfume apagado,
Ou trino fraco d'ave matutina,
Ou echo de um baixel que passa ao longe
Com descante saudoso.

TABYRA

Les *peaux rouges,* plus nobles, mais plus infortunées que les *peaux noires,* qui arriveront un jour à la liberté par l'esclavage, n'ont d'autre recours que la mort, parce que leur nature se refuse à la servitude.

***

É Tabyra guerreiro valente,
Cumpre as partes de chefe e soldado;
É caudilho de tribu potente,
— Tobajaras — o povo senhor·
Ninguem mais observa o tratado,
Ninguem menos de p'rigos se aterra,
Ninguem corre aos acenos da guerra
Mais depressa que o bom lidador!

Seu viver é batalha aturada,
Dos contrarios a traça aventando;
É dispor a cilada arriscada,
Onde o imigo se venha metter!
Levão noites com elle sonhando
Potiguares, que o virão de perto;
Potiguares, que assellão por certo
Que Tabyra só sabe vencer!

Mil enganos lhe têm já tecido,
Mil ciladas lhe têm preparado;
Mas Tabyra, fatal, destemido,
Tem feitiço, ou encanto, ou condão!
Sempre o plano da guerra é frustrado,
Sempre bravo fronteiro apparece,
Que os enganos crueis lhes destece,
Face a face, arco e setas na mão.

Já dos Luzos o troço apoucado,
Paz firmando com elle traidôra,
Dorme illeso na fé do tratado,
Que Tabyra é valente e leal.
Sem Tabyra dos Luzos que fôra?
Sem Tabyra que os guarda e defende,
Que das pazes talvez se arrepende
Já feridas outr'ora em seu mal!

Chefe estulto d'um povo de bravos,
Mas que os piágas victorias te fadem,
Hão de os teus, miserandos escravos,
Taes triunfos um dia chorar!
Caraíbas taes feitos applaudem,
Mas sorrindo vos forjão cadeias,
E pesadas algemas, e peias,
Que traidores vos hão de lançar!

Chefe estolido, insano, imprudente,
Sangue e vida dos teus malbaratas?!
Mingua as forças da tribu potente,
Vencedora da raça Tupi!
Hão de os teus, acoçados nas matas,
Mal feridos, sangrentos, ignavos,
Não podendo viver como escravos,
Dar o resto do sangue por ti!

Vivem homens de pel' côr da noite
Neste solo, que a vida embelleza;
Podem, servos, debaixo do açoite,
Nenias tristes da patria cantar!
Mas o indio que a vida só préza
Por amor dos combates, e festas
Dos triunfos sangrentos, e sestas
Resguardadas do sol no palmar;

Ocioso, indolente, vadío,
Ou activo, incançavel, fragueiro;
Já nas matas, no bosque erradio,
Já disposto a lutar, a vencer;
Ama as selvas, e o vento palreiro,
Ama a gloria, ama a vida; mas antes
Que viver amargados instantes,
Quer e póde e bem sabe morrer!

Eia, avante! ó caudilho valente!
Potiguares lá vêm denodados;
Tão cerrado concurso de gente
Ninguem vio nestas partes assim!
Poucos são, mas briosos soldados;
Não são homens de aspecto jocundo!
Restos são, mas são restos d'um mundo;
Poucos são, mas soldados por fim!

Os seus velhos disserão comsigo,
Discutindo os motivos da guerra:
« É Tabyra — cruel, inimigo,
Já nem crê, renegado, em Tupan! »
Pés robustos lá batem na terra,
Pó ligeiro se expande nos ares:
Era noite! milhar de milhares
São armados, mal rompe a manhã.

Vêm soberbos, — o sol luz apenas!
Confiados, galhardos, lustrosos,
Vêm bizarros nas armas, nas pennas,
Atrevidos no accento e na voz!
Um d'entre elles, dos mais orgulhosos,
Sóbe á pressa nas aspas d'um monte:

D'alli brada, postado defronte
De Tabyra — com geito feroz:

« O Tabyra, Tabyra! aqui somos
A provar nossas forças comtigo;
Dizes tu que vencidos já fomos!
Dil'-o tu, não n'o diz mais ninguem.
Ora eu só a vós todos vos digo:
Sois cobardes, irmãos de Tabyra!
Propagastes solemne mentira,
Que vencer não sabemos tambem.

« Para o vosso terreiro vos chamo,
Contra mim vinde todos, — sou forte:
Occorrei ao meu nobre reclamo!
Aqui sou, nem me parto d'aqui!
Vinde todos em densa cohorte:
Travaremos combate sangrento;
Mas por fim do triunfo cruento
Direis vós se fui eu quem menti. »

Disse o arauto: eis a turba ufanosa
Lhe responde, arco e setas brandindo,
Pés batidos, voz alta e ruidosa:
— Bem fallado, ó guerreiro, mui bem!
Assim é; mas Tabyra rugindo,
Resentido de offensas tamanhas,
O rancor mal encobre das sanhas,
Que não lava no sangue de alguem.

Raso outeiro alli perto se off'rece:
Vinga-o prestes, hardido, açodado!...
Como leiva de pallida messe,
Já madura, tremendo no pé.

Todo o campo descobre occupado
Por guerreiros, — no extremo horisonte
Não distingue, nas faldas do monte,
O que é gente, o que gente não é.

Não se abala o preclaro guerreiro,
Do que vê seu valor não fraqueia ;
Diz comsigo : « Um só golpe certeiro
Vai de todo esta raça apagar!
Juntos são, mas são meus ! » — Já vozeia :
Logo os seus lhe respondem gritando,
Taes rugidos, taes roncos soltando
Que aos seus proprios devêrão turbar !

Diz a fama que então de assustadas
Muitas aves que o espaço cruzavão,
De pavor subitaneo tomadas,
Descahião pasmadas no chão :
Já com silvos e atitos voavão
Muitas outras, que o triste gemido
No conflicto, abafado e sumido,
Talvez derão, — mas fraco, mas vão !

Eis que os arcos de longe se encurvão,
Eis que as setas aladas já voão,
Eis que os ares se cobrem, se turvão,
De frechados, de surdos que são.
Novos gritos mais altos reboão,
Entre as hostes se apaga o terreno,
Já tornado apoucado e pequeno,
Já coberto de mortos o chão!

Peito a peito encontrados afoutos,
Braço a braço travados briosos,

Fervem todos inquietos, revoltos,
Qu'indecisa a victoria inda está.
Todos movem tacápes pesados;
Qual resvala, qual todo se enterra
No inimigo que morde na terra,
Que sepulcro talvez lhe será.

« Mas Tabyra! Tabyra? que é delle?
« Onde agora se esconde o pujante? »
— Não n'o vedes?! — Tabyra é aquelle
— Que sangrento, impiedoso lá vai!
— Vel-o-heis andar sempre adiante,
— Larga esteira de mortos deixando
— Traz de si, como o raio cortando
— Ramos, troncos do bosque, onde cai. —

« Foge! foge! leal Tobajara;
« Quantos arcos que em ti fazem mira?! »
— Muitos são; porém medos encara
— Face a face, quem é como eu sou! —
Muitas setas cravejão Tabyra:
Bello quadro! — mas vel-o era horrivel!
Porco-espim que sangrado e terrivel
Duras cerdas raivando espetou!

Tem um olho d'um tiro frechado!
Quebra as setas que os passos lh'impedem,
E do rosto, em seu sangue lavado,
Frecha e olho arrebata sem dó!
E aos imigos que o campo não cedem,
Olho e frecha mostrando extorquidos,
Diz, em voz que mais erão rugidos:
— Basta, vís, por vencer-vos um só!

E com furia tão grande arremettem,
Com despêgo tão nobre da vida ;
Tantos golpes, tão fundos repetem,
Que senhores do campo já são !
Potiguares lá vão de fugida,
Inda á fera mais torva e bravia
Disputando guarida d'um dia
No mais fundo do vasto sertão !

Potiguares, que a aurora risonha
Vio nação numerosa e potente,
Não já povo na tarde medonha,
Mas só restos d'um povo infeliz !
Insepultos na terra inclemente
Muitos dormem ; mas ha quem lh'inveja
Essa morte do bravo em peleja,
Quem a vida do escravo maldiz !

« Este o conto que os Indios contavão,
« A deshoras, na triste senzala ;
« Outros homens alli descançavão,
« Negra pel' ; mas escravos tambem.
« Não choravão ; sómente na falla
« Era um quê da tristeza que mora
« Dentro d'alma do homem que chora
« O passado e o presente que tem ! »

O GIGANTE DE PEDRA

O guerriers ! ne laissez pas ma dépouille au corbeau;
Ensevelissez-moi parmi des monts sublimes,
Afin que l'étranger cherche, en voyant leurs cimes,
Quelle montagne est mon tombeau !

V. HUGO. — *Le Géant.*

I

Gigante orgulhoso, de fero semblante,
N'um leito de pedra lá jaz a dormir!
Em duro granito repousa o gigante,
Que os raios sómente pudérão fundir.

Dormido atalaia no serro empinado
Devêra cuidoso, sanhudo velar ;
O raio passando o deixou fulminado,
E á aurora, que surge, não ha de acordar!

Co'os braços no peito cruzados, nervosos,
Mais alto que as nuvens! os céos a encarar,
Seu corpo se estende por montes fragosos,
Seu pés sobranceiros se elevão do mar!

De lavas ardentes seus membros fundidos
Avultão immensos : só Deos poderá
Rebelde lançal-o dos montes erguidos,
Curvados ao peso, que sobre lhe 'stá.

E o céo, e as estrellas e os astros fulgentes
São velas, são tochas, são vivos brandões,
E o branco sudario são nevoas algentes,
E o crepe, que o cobre, são negros bulcões.

Da noite, que surge, no manto fagueiro
Quiz Deos que se erguesse, de junto a seus pés,
A cruz sempre viva do sol no cruzeiro,
Deitada nos braços do eterno Moysés.

Perfumão-no odores que as flôres exhalão,
Bafejão-no carmes de um hymno de amor
Dos homens, dos brutos, das nuvens que estalão,
Dos ventos que rugem, do mar em furor.

E lá na montanha, deitado dormido
Campeia o gigante, — nem póde acordar!
Cruzados os braços de ferro fundido,
A fronte nas nuvens, os pés sobre o mar!

II

Banha o sol os horizontes,
Trepa os castellos dos céus,
Aclara serras e fontes,
Vigia os dominios seus :
Já descahe p'ra o occidente,
E em globo de fogo ardente
Vai-se no mar esconder;
E lá campeia o gigante,
Sem destorcer o semblante,
Immovel, mudo, a jazer!

Vem a noite após o dia,
Vem o silencio, o frescor,
E a brisa leve e macia,
Que lhe suspira ao redor;
E da noite entre os negrores,

Das estrellas os fulgores
Brilhão na face do mar :
Brilha a lua scintillante,
E sempre mudo o gigante,
Immovel, sem acordar!

Depois outro sol desponta,
E outra noite tambem,
Outra lua que aos céos monta,
Outro sol que após lhe vem :
Após um dia outro dia,
Noite após noite sombria,
Após a luz o bulcão,
E sempre o duro gigante,
Immovel, mudo, constante
Na calma e na cerração!

Corre o tempo fugidio,
Vem das aguas a estação,
Após ella o quente estio ;
E na calma do verão
Crescem folhas, vingão flôres,
Entre galas e verdores
Sazonão-se fructos mil ;
Cobrem-se os prados de relva,
Murmura o vento na selva,
Azulão-se os céos de anil!

Tornão prados a despir-se,
Tornão flôres a murchar,
Tornão de novo a vestir-se,
Tornão depois a seccar ;
E como gota filtrada
De uma abobada escavada

Sempre, incessante a cahir,
Tombão as horas e os dias,
Como phantasmas sombrias,
Nos abysmos do porvir!

E no feretro de montes
Inconcusso, immovel, fito,
Escurece os horizontes
O gigante de granito.
Com soberba indifferença
Sente extincta a antiga crença
Dos Tamoyos, dos Pagés;
Nem vê que duras desgraças,
Que lutas de novas raças
Se lhe atropellão aos pés!

III

E lá na montanha deitado dormido
Campeia o gigante! — nem póde acordar!
Cruzados os braços de ferro fundido,
A fronte nas nuvens, e o pés sobre o mar!...

IV

Vio primeiro os incolas
Robustos, das florestas,
Batendo os arcos rigidos,
Traçando homereas festas,
A luz dos fogos rutilos,
Aos sons do murmuré!

E em Guanabara esplendida
As danças dos guerreiros,
E o guáu cadente e vário
Dos moços prazenteiros,
E os cantos da victoria
Tangidos no boré.

E das ygaras concavas
A frota aparelhada,
Vistosa e formosissima
Cortando a undosa estrada,
Sabendo, mas que frageis,
Os ventos constrastar :
E a caça leda e rapida
Por serras, por devezas,
E os cantos da janubia
Junto ás lenhas accesas,
Quando o tapuya misero
Seus feitos vai narrar !

E o germen da discordia
Crescendo em duras brigas,
Ceifando os brios rusticos
Das tribus sempre amigas,
— Tamoy a raça antigua,
Feroz Tupinambá.
Lá vai a gente improvida,
Nação vencida, imbelle,
Buscando as matas invias,
Donde outra tribu a expelle;
Jaz o pagé sem gloria,
Sem gloria o maracá.

Depois em náos flammivomas
Um troço hardido e forte,
Cobrindo os campos humidos
De fumo, e sangue, e morte,
Traz dos reparos horridos
D'altissimo pavez :
E do sangrento pelago
Em miseras ruinas
Surgir galhardas, limpidas
As portuguezas quinas,
Murchos os lizes candidos
Do improvido gaulez !

V

Mudarão-se os tempo e a face da terra,
Cidades alastrão o antigo paúl ;
Mas inda o gigante, que dorme na serra,
Se abraça ao immenso cruzeiro do sul.

Nas duras montanhas os membros gelados,
Talhados a golpes de ignoto buril,
Desçança, ó gigante, que encerras os fados,
Que os terminos guardas do vasto Brazil.

Porém se algum dia fortuna inconstante
Puder-nos a crença e a patria acabar,
Arroja-te ás ondas, ó duro gigante,
Inunda estes montes, desloca este mar !

LEITO DE FOLHAS VERDES

Porque tardas, Jatyr, que tanto a custo
Á voz do meu amor moves teus passos?
Da noite a viração, movendo as folhas,
Já nos cimos do bosque rumoreja.

Eu sob a copa da mangueira altiva
Nosso leito gentil cobri zeloza
Com mimoso tapiz de folhas brandas,
Onde o frouxo luar brinca entre flôres.

Do tamarindo a flôr abrio-se, ha pouco,
Já solta o bogarí mais doce aroma!
Como prece de amor, como estas preces,
No silencio da noite o bosque exhala.

Brilha a lua no céo, brilhão estrellas,
Correm perfumes no correr da brisa,
A cujo influxo magico respira-se
Um quebranto de amor, melhor que a vida

A flôr que desabrocha ao romper d'alva
Um só gyro do sol, não mais, vegeta:
Eu sou aquella flôr que espero ainda
Doce raio do sol que me dê vida.

Sejão valles ou montes, lago ou terra,
Onde quer que tu vas, ou dia ou noite,
Vai seguindo após ti meu pensamento;
Outro amor nunca tive; és meu, sou tua!

Meus olhos outros olhos nunca vírão,
Não sentirão meus labios outros labios,
Nem outras mãos, Jatyr, que não as tuas
A arasoya na cinta me apertàrão.

Do tamarindo a flôr jaz entre-aberta,
Já solta o bogarí mais doce aroma;
Tambem meu coração, como estas flôres,
Melhor perfume ao pé da noite exhala!

Não me escutas, Jatyr! nem tardo acodes
Á voz do meu amor, que em vão te chama!
Tupan! lá rompe o sol! do leito inutil
A brisa da manhã sacuda as folhas!

Y-JUCA-PYRAMA

I

No meio das tabas de amenos verdores,
Cercadas de troncos — cobertos de flôres,
Alteião-se os tectos d'altiva nação;
São muitos seus filhos, nos animos fortes,
Temiveis na guerra, que em densas cohortes,
Assombrão das matas a immensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de gloria,
Já prelios incitão, já cantão victoria,
Já meigos attendem á voz do cantor:
São todos Tymbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá vôa na bocca das gentes,
Condão de prodigios, de gloria e terror!

As tribus vizinhas, sem forças, sem brio,
As armas quebrando, lançando-as ao rio,
O incenso aspirárão dos seus maracás :
Medrosos das guerras que os fortes accendem,
Custosos tributos ignavos lá rendem,
Aos duros guerreiros sujeitos na paz.

No centro da taba se estende um terreiro,
Onde ora se aduna o concilio guerreiro
Da tribu senhora, das tribus servís :
Os velhos sentados praticão d'outr'ora,
E os moços inquietos, que a festa enamora,
Derramão-se em torno d'um indio infeliz.

Quem é? — ninguem sabe : seu nome é ignoto,
Sua tribu não diz : — mas de um povo remoto
Descende por certo — d'um povo gentil;
Assim lá na Grecia ao escravo insulano
Tornavão distincto do vil musulmano
As linhas correctas do nobre perfil.

Por casos de guerra cahio prisioneiro
Nas mãos dos Tymbiras; — no extenso terreiro
Assola-se o tecto, que o teve em prisão ;
Convidão-se as tribus dos seus arredores,
Cuidosos se incumbem do vaso das côres,
Dos varios aprestos da honrosa funcção.

Acerva-se a lenha da vasta fogueira,
Entesa-se a corda da embira ligeira,
Adorna-se a maça com pennas gentís :
A custo, entre as vagas do povo da aldeia
Caminha o Tymbira, que a turba rodeia,
Garboso nas plumas de vario matiz.

Em tanto as mulheres com leda trigança,
Affeitas ao rito da barbara usança,
O indio já querem captivo acabar :
A coma lhe cortão, os membros lhe tingem,
Brilhante enduápe no corpo lhe cingem,
Sombreia-lhe a fronte gentil kanitar.

II

Em fundos vasos d'alvacenta argilla
Ferve o cauim;
Enchem-se as copas, o prazer começa,
Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte anceião,
Sentado está,
O prisioneiro, que outro sol no occaso
Jámais verá!

A dura corda, que lhe enlaça o collo,
Mostra-lhe o fim
Da vida escura, que será mais breve
Do que o festim!

Comtudo os olhos d'ignobil pranto
Seccos estão;
Mudos os labios não descerrão queixas
Do coração.

Mas um martyrio, que encobrir não póde,
Em rugas faz
A mentirosa placidez do rosto
Na fronte audaz!

Que tens, guerreiro? Que temor te assalta
No passo horrendo?
Honra das tabas que nascer te virão,
Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

Rasteira grama, exposta ao sol, á chuva,
Lá murcha e pende:
Sómente ao tronco, que devassa os ares,
O raio offende!

Que foi? Tupan mandou que elle cahisse,
Como viveu;
E o caçador que o avistou prostrado
Esmoreceu!

Que temes, ó guerreiro? Além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

III

Em larga roda de noveis guerreiros
Ledo caminha o festival Tymbira,
A quem do sacrificio cabe a honra.
Na fronte o kanitar sacode em ondas,
O enduápe na cinta se embalança,
Na dextra mão sopesa a iverapeme,

Orgulhoso e pujante. — Ao menor passo
Collar d'alvo marfim, insignia d'honra,
Que lhe orna o collo e o peito, ruge e freme,
Como que por feitiço não sabido
Encantadas alli as almas grandes
Dos vencidos Tapuyas, inda choram
Serem gloria e brasão d'imigos feros.

« Eis-me aqui, diz ao indio prisioneiro;
« Pois que fraco, e sem tribu, e sem familia,
« As nossas matas devassaste ousado,
« Morrerás morte vil da mão de um forte. »
Vem a terreiro o misero contrario;
Do collo á cinta a musurana desce:
« Dize-nos tu quem és, teus feitos canta,
« Ou, se te apraz, defende-te. » Começa
O indio, que ao redor derrama os olhos,
Com triste voz que os animos commove.

IV

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribu tupi.

Da tribu pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci:
Sou bravo, sou forte,

Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,
De tribus imigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.

Andei longes terras,
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vís Aymorés;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes — escravos!
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os piagas coitados
Já sem maracás;
E os meigos cantores,
Servindo a senhores,
Que vinhão traidores,
Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo
Meu ultimo amigo,
Sem lar, sem abrigo

Cahio junto a mi!
Com placido rosto,
Sereno e composto,
O acerbo desgosto
Commigo soffri.

Meu pae a meu lado
Já cego e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por invios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegámos aqui!

O velho no emtanto
Soffrendo já tanto
De fome e quebranto,
Só qu'ria morrer!
Não mais me contenho,
Nas matas me embrenho,
Das frechas que tenho
Me quero valer.

Então, forasteiro,
Cahi prisioneiro
De um troço guerreiro
Com que me encontrei;
O crù dessocego
Do pae fraco e cego,
Emquanto não chego,
Qual seja, — dizei!

Eu era o seu guia
Na noite sombria,
A só alegria
Que Deos lhe deixou :
Em mim se apoiava,
Em mim se firmava,
Em mim descançava,
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? — Morrer.
Emquanto descreve
O gyro tão breve
Da vida que teve,
Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo :
Aqui virei ter.
Guerreiros, não côro,
Do pranto que choro,
Se a vida deploro,
Tambem sei morrer.

V

Soltai-o! — diz o chefe. Pasma a turba:
Os guerreiros murmurão : mal ouvírão,
Nem poude nunca um chefe dar tal ordem!
Brada segunda vez com voz mais alta,

Afrouxão-se as prisões, a embira cede,
A custo, sim; mas cede: o estranho é salvo.
— Tymbira, diz o indio enternecido,
Sôlto apenas dos nós que o seguravão:
És um guerreiro illustre, um grande chefe,
Tu que assim do meu mal te commoveste,
Nem soffres que, transporta a natureza,
Com olhos onde a luz já não scintilla,
Chore a morte do filho o pae cançado,
Que sómente por seu na voz conhece.
— És livre; parte.
— E voltarei.
— Debalde.
— Sim, voltarei, morto meu pai.
— Não voltes!
É bem feliz, se existe, em que não veja,
Que filho tem, qual chora: és livre; parte!
— Acaso tu suppões que me acobardo,
Que receio morrer!
— És livre; parte!
— Ora não partirei; quero provar-te
Que um filho dos Tupis vive com honra,
E com honra maior, se acaso o vencem,
Da morte o passo glorioso affronta.

— Mentiste, que um Tupi não chora nunca,
E tu choraste!... parte; não queremos
Com carne vil enfraquecer os fortes.

Sobresteve o Tupi: arfando em ondas
O rebater do coração se ouvia
Precipite; do rosto afogueado
Gelidas bagas de suor corrião:

Talvez que o assaltava um pensamento...
Já não... que na enlutada fantasia,
Um pezar, um martyrio ao mesmo tempo,
Do velho pae a moribunda imagem
Quasi bradar-lhe ouvia : — Ingrato ! ingrato ! —
Curvado o collo, taciturno e frio,
Espectro d'homem, penetrou no bosque !

VI

— Filho meu, onde estás?
— Ao vosso lado;
Aqui vos trago provisões : tomai-as,
As vossas forças restaurai perdidas,
E a caminho, e já !
— Tardaste muito!
Não era nado o sol, quando partiste,
E frouxo o seu calor já sinto agora!
— Sim, demorei-me a divagar sem rumo,
Perdi-me nestas matas intrincadas,
Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;
Convem partir, e já !
— Que novos males
Nos resta de soffrer ? que novas dôres,
Que outro fado peior Tupan nos guarda ?

— As setas da afflicção já se esgotárão,
Nem para novo golpe espaço intacto
Em nossos corpos resta.
— Mas tu tremes !
— Talvez do afan da caça...
— Oh filho caro !

Um quê mysterioso aqui me falla,
Aqui no coração; piedosa fraude
Será por certo, que não mentes nunca!
Não conheces temor, e agora temes?
Vejo e sei: é Tupan que nos afflige,
E contra o seu querer não valem brios.
Partamos!... —
E com mão tremula, incerta
Procura o filho, tacteando as trevas
Da sua noite lugubre e medonha.
Sentindo o acre odor das frescas tintas,
Uma idéa fatal correu-lhe á mente...
Do filho os membros gelidos apalpa,
E a dolorosa maciez das plumas
Conhece estremecendo: foge, volta,
Encontra sob as mãos o duro craneo,
Despido então do natural ornato!...
Recúa afflicto e pavido, cobrindo
Ás mãos ambas os olhos fulminados;
Como que teme ainda o triste velho
De ver, não mais cruel, porém mais clara,
D'aquelle exicio grande a imagem viva
Ante os olhos do corpo afigurada.
Não era que a verdade conhecesse
Inteira e tão cruel qual tinha sido;
Mas que funesto azar corrêra o filho,
Elle o via; elle o tinha alli presente;
E era de repetir-se a cada instante,
A dôr passada, a previsão futura
E o presente tão negro, alli os tinha;
Alli no coração se concentrava,
Era n'um ponto só, mas era a morte!

— Tu prisioneiro, tu ?
— Vós o dissestes.
— Dos indios ?
— Sim.
— De que nação ?
— Tymbiras.
— E a musurana funeral rompeste,
Dos falsos manitôs quebraste a maça...

— Nada fiz... aqui estou.
— Nada ! —
Emmudecem ;
Curto instante depois prosegue o velho :
— Tu és valente, bem o sei ; confessa,
Fizeste-o, certo, ou já não fôras vivo !

— Nada fiz, mas souberão da existencia
De um pobre velho, que em mim só vivia...

— E depois ?...
— Eis me aqui.
— Fica essa taba ?
— Na direcção do sol, quando transmonta.
— Longe ?
— Não muito.
— Tens razão : partamos.
— E quereis ir ?...
— Na direcção do occaso.

VII

« Por amor de um triste velho,
Que ao termo fatal já chega,

Vós, guerreiros, concedestes
A vida a um prisioneiro.
Acção tão nobre vos honra,
Nem tão alta cortezia
Vi eu jámais praticada
Entre os Tupis, — e mais forão
Senhores em gentileza.

« Eu porém nunca vencido,
Nem nos combates por armas,
Nem por nobreza nos actos ;
Aqui venho, e o filho trago.
Vós o dizeis prisioneiro,
Seja assim como dizeis ;
Mandai vir a lenha, o fogo,
A maça do sacrificio
E a musurana ligeira ;
Em tudo o rito se cumpra !
E quando eu for só na terra,
Certo acharei entre os vossos,
Que tão gentís se revelão,
Alguem que meus passos guie;
Alguem, que vendo o meu peito
Coberto de cicatrizes,
Tomando a vez de meu filho,
De haver-me por pae se ufane ! »
Mas o chefe dos Tymbiras,
Os sobrolhos encrespando,
Ao velho Tupi guerreiro
Responde com torvo accento :

— Nada farei do que dizes ;
É teu filho imbelle e fraco !
Aviltaria o triumpho

Da mais guerreira das tribus
Derramar seu ignobil sangue:
Elle chorou de cobarde ;
Nós outros, fortes Tymbiras,
Só de heróes fazemos pasto. —

Do velho Tupi guerreiro
A surda voz na garganta
Faz ouvir uns sons confusos,
Como os rugidos de um tigre,
Que pouco a pouco se assanha !

VIII

« Tu choraste em presença da morte ?
Na presença de estranhos choraste ?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldito
De uma tribu de nobres guerreiros,
Implorando crueis forasteiros,
Seres presa de vís Aymorés.

« Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem patria vagando,
Regeitado da morte na guerra,
Regeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado ;
Não encontres amor nas mulheres ;
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenhão alma inconstante e fallaz !
« Não encontres doçura no dia,
Nem as côres da aurora te ameiguem,

E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanço gozar :
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta ás chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte pousar.

« Que a teus passos a relva se torre,
Murchem prados, a flôr desfalleça,
E o regato que limpido corre,
Mais te accenda o vesano furor ;
Suas agoas depressa se tornem,
Ao contacto dos labios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
Donde fujas com asco e terror !

« Sempre o céu, como um tecto incendido,
Creste e punja teus membros maldictos
E o oceano de pó denegrido
Seja a terra ao ignavo tupi !
Miseravel, faminto, sedento,
Manitôs lhe não fallem nos sonhos,
E de horror os espectros medonhos
Traga sempre o cobarde após si.

« Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso d'argilla cuidoso
Arco e frecha e tacápe a teus pés !
Sê maldito,, e sósinho na terra ;
Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, cobarde, meu filho não és. »

IX

Isto dizendo, o miserando velho
A quem Tupan tamanha dôr, tal fado
Já nos confins da vida reservára,
Vae com tremulo pé, com as mãos já frias
Da sua noite escura as densas trevas
Palpando. — Alarma ! alarma ! — O velho pára ;
O grito que escutou é voz do filho,
Voz de guerra que ouvio jà tantas vezes
N'outra quadra melhor. — Alarma ! alarma !
— Esse momento só vale apagar-lhe
Os tão compridos trances, as angustias,
Que o frio coração lhe atormentàrão
De guerreiro e de pae : — vale, e de sobra.
Elle que em tanta dôr se contivera,
Tomado pelo subito contraste,
Desfaz-se agora em pranto copioso,
Que o exhaurido coração remoça.

A taba se alborota, os golpes descem,
Gritos, imprecações profundas soão,
Emmaranhada a multidão braveja,
Revolve-se, ennovela-se confusa,
E mais revolta em mór furor se accende.
E os sons dos golpes que incessantes fervem,
Vozes, gemidos, estertor de morte
Vão longe pelas ermas serranias
Da humana tempestade propagando
Quantas vagas de povo enfurecido
Contra um rochedo vivo se quebravão.

Era elle, o Tupi ; nem fôra justo
Que a fama dos Tupis — o nome, a gloria,
Aturado labor de tantos annos,
Derradeiro brasão da raça extincta,
De um jacto e por um só se aniquilasse

— Basta ! já clama o chefe dos Tymbiras,
— Basta, guerreiro illustre! assás lutaste.
— E para o sacrificio é mister forças. —
O guerreiro parou, cahio nos braços
Do velho pae, que o cinge contra o peito,
Com lagrimas de jubilo bradando :
« Este, sim, que é meu filho muito amado !
« E pois que o acho emfim, qual sempre o tive
« Corrão livres as lagrimas que choro,
« Estas lagrimas, sim, que não deshonrão. »

X

Um velho Tymbira, coberto de gloria,
Guardou a memoria
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
E á noite, nas tabas, se alguem duvidava
Do que elle contava,
Dizia prudente : — « Meninos, eu vi !

« Eu vi o brioso no largo terreiro
Cantar prisioneiro
Seu canto de morte, que nunca esqueci :
Valente, como era, chorou sem ter pejo ;
Parece que o vejo,
Que o tenho n'est'hora diante de mi. »

« Eu disse comigo : Que infamia d'escravo!
Pois não, era um bravo :
Valente e brioso, como elle, não vi!
E á fé que vos digo : parece-me encanto
Que quem chorou tanto,
Tivesse a coragem que tinha o Tupi! »

Assim o Tymbira, coberto de gloria,
Guardava a memoria
Do moço guerreiro, do velho Tupi.
E á noite nas tabas, se alguem duvidava
Do que elle contava,
Tornava prudente : « Meninos, eu vi! »

MARABÁ

Eu vivo sósinha ; ninguem me procura!
Acaso feitura
Não sou de Tupá!
Se algum d'entre os homens de mim não se esconde,
— Tu és, me responde,
— Tu és Marabá!

— Meus olhos são garços, são côr das saphiras,
— Tem luz das estrellas, tem meigo brilhar;
— Imitão as nuvens de um ceu anilado,
— As côres imitão das vagas do mar! —

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos :
« Teus olhos são garços, »

Responde anojado : « mas es Marabá :
« Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,
« Uns olhos fulgentes,
« Bem pretos, retinctos, não côr d'anajá ! »

— É alvo meu rosto da alvura dos lyrios,
— Da côr das areias batidas do mar ;
— As aves mais brancas, as conchas mais puras
— Não tem mais alvura, não tem mais brilhar.—

Se ainda me escuta meus agros delirios :
« És alva de lyrios »
Sorrindo responde ; « mas és Marabá :
« Quero antes um rosto de jambo corado
« Um rosto crestado
« Do sol do deserto, não flôr de cajá. »

— Meu collo de leve se encurva engraçado,
— Como hastea pendente do cactos em flôr ;
— Mimosa, indolente, resvalo no prado,
— Como um soluçado suspiro de amor ! —

« Eu amo a estatura flexivel, ligeira,
« Qual d'uma palmeira.»
Então me respondem ; tu es Marabá :
« Quero antes o collo da ema orgulhosa,
« Que pisa vaidosa,
« Que as floreas campinas governa, onde está. »

— Meus loiros cabellos em ondas se annelão,
— O oiro mais puro não tem seu fulgor ;
— As brisas nos bosques de os ver se enamorão,
— De os ver tão formosos como um beija-flôr ! —

Mas elles respondem; « Teus longos cabellos,
« São loiros, são bellos,
« Mas são annelados; tu es Marabá:
« Quero antes cabellos, bem lisos, corridos,
« Cabellos compridos,
« Não côr d'oiro fino, nem côr d'anajá. »

E as doces palavras que eu tinha cá dentro
Á quem n'as direi?
O ramo d'acacia na fronte de um homem
Jámais cingirei:

Jámais um guerreiro da minha arasoya
Me desprenderá:
Eu vivo sósinha, chorando mesquinha,
Que sou Marabá!

CANÇÃO DO TAMOYO

NATALICIA

I

Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida;
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só póde exaltar.

II

Um dia vivemos!
O homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que entesa
Tem certa uma presa,
Quem seja tapuya,
Condor ou tapyr.

III

O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os timidos velhos
Nos graves concelhos,
Curvadas as frontes,
Escutão-lhe a voz!

IV

Domina, se vive;
Se morre, descança,
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte ha de vir!

V

E pois que és meu filho,
Meus brios reveste:
Tamoyo nasceste,
Valente serás.
Sê duro guerreiro,
Robusto, fragueiro,
Brasão dos tamoyos
Na guerra e na paz.

VI

Teu grito de guerra
Retumbe aos ouvidos
D'imigos transidos
Por vil commoção;
E tremão d'ouvil-o
Peior que o sibilo
Das setas ligeiras,
Peior que o trovão.

VII

E a mãe nessas tabas,
Querendo calados
Os filhos creados
Na lei do terror;
Teu nome lhes diga,
Que a gente inimiga
Talvez não escute
Sem pranto, sem dôr!

VIII

Porém se a fortuna,
Trahindo teus passos,
Te arroja nos laços
Do imigo fallaz!
Na ultima hora
Teus feitos memora
Tranquillo nos gestos,
Impavido, audaz.

IX

E càe como o tronco
Do raio tocado,
Partido, rojado
Por larga extensão;
Assim morre o forte!
No passo da morte
Triunfa, conquista
Mais alto brasão.

X

As armas ensaia,
Penetra na vida:
Pesada ou querida,
Viver é lutar.
Se o duro combate
Os fracos abate,
Aos fortes, aos bravos,
Só póde exaltar.

A MANGUEIRA

Já viste cousa mais bella
Do que uma bella mangueira,
E a doce fruta amarella,
Sorrindo entre as folhas della,
E a leve copa altaneira?
Já viste cousa mais bella
Do que uma bella mangueira?

Nos seus alegres verdores
Se embalança o passarinho;
Todo é graça, todo amores,
Decantando seus ardores
Á beira do casto ninho:
Nos seus alegres verdores
Se embalança o passarinho!

O cançado viandante
Á sombra della acha abrigo;
Traz-lhe a aragem susurrante,
Que lhe passa no semblante,
Talvez o adeos d'um amigo;
E o cançado viandante
Á sombra della acha abrigo.

A sombra que ella derrama
Todas as dôres acalma;
Seja dôr que o peito inflamma,
Ou voraz, nociva chamma
Que nos mora dentro d'alma,
A sombra que ella derrama
Todas as dôres acalma.

O mancebo namorado
Para ella se encaminha;
Bate-lhe o peito açodado,
Quando chega o prazo dado,
Quando ao tronco se avisinha
E o mancebo namorado
Para o tronco se encaminha.

Sob a copa deleitosa
Mil suspiros se entrelação,
E d'uma hora aventurosa
Guarda a prova a casca annosa
Nas cifras que alli se abração:
Sob a copa venturosa
Mil suspiros se entrelação.

Grata estação dos amores,
Abrigo dos que o não tem,
Deixa-me ouvir teus cantores,
Admirar teus verdores;
Presta-me abrigo tambem,
Grata estação dos amores,
Abrigo dos que o não tem!

A MÃE D'AGUA

« Minha mãe, olha aqui dentro,
Olha a bella creatura,
Que dentro d'agoa se vê!
São d'ouro os longos cabellos,

Gentil a doce figura,
Airosa, leve a estatura;
Olha, vê no fundo d'agua
Que bella moça não é!

« Minha mãe, no fundo d'agua
Vê essa mulher tão bella!
O sorrir dos labios della,
Inda mais doce que o teu,
É como a nuvem rosada,
Que no romper da alvorada,
Passa risonha no céu.

« Olha, mãe, olha depressa!
Inclina a leve cabeça
E nas mãosinhas resume
A fina trança mimosa,
E com pente de marfim!
Olha agora que me avista
A bella moça formosa,
Como se fez toda rosa,
Toda candura e jasmim!
Dize, mãe, dize: tu julgas
Que ella se ri para mim!

« São seus labios entre-abertos
Semelhantes á romã:
Tem ares d'uma princeza,
E no emtanto é tão medrosa!...
Inda mais que minha irmã.
Olha, mãe, sabes quem é
A bella moça formosa,
Que dentro d'agua se vê? »

— Tem-te, meu filho; não olhes
Na funda, lisa corrente:
A imagem que te embelleza
É mais do que uma princeza,
É menos do que é a gente.

— Oh! quantas mães desgraçadas
Chorão seus filhos perdidos?
Meu filho, sabes porquê?
Foi porque derão ouvidos
Á leve sombra enganosa,
Que dentro d'agua se vê.

— O seu sorriso é mentira,
Não é mais que sombra vã;
Não vale aquillo que eu valho,
Nem o que val tua irmã:
É como a nuvem sem corpo,
De quando rompe a manhã.

— É a mãe d'agua traidora,
Que illude os faceis meninos,
Quando elle são pequeninos
E obedientes não são;
Olha, filho, não a escutes,
Filho do meu coração:
O seu sorriso é mentira,
É terrivel tentação. —

Junto ao rio crystallino
Brincava o ledo menino,
Molhando o pé;

O fresco humor o convida,
Menos que a imagem querida,
    Que n'agua vê.

Cauteloso de repente,
Ouve um conselho prudente,
    Que a mãe lhe dá;
Não é anjo, não é fada;
Mas uma bruxa malvada,
    E cousa má.

Ella é quem rouba os meninos
Para os tragar pequeninos,
    Ou mais talvez!
E para vingar-se n'agoa
Da causa de tanta mágoa,
    Remeche os pés.

Turba a fonte n'um instante,
Já não vê o bello infante
    A sombra vã,
E as brancas mãos delicadas
E as longas tranças douradas
    Da sua irmã.

O menino arrependido
Diz comsigo entristecido :
    — Que mal fiz eu!
Minha mãe, bem que indulgente,
Só por não me ver contente,
    Me repr'hendeu. —

Era figura tão bella!
E que expressão tão singela,

Que riso o seu!
Oh! minha mãe certamente
Só por não me ver contente,
Me repr'hendeu!

Espreita, sim, mas duvída
Que a bella imagem querida
Torne a volver;
E na fonte crystallina
Para ver todo se inclina
Se a póde ver!

Acha-se ainda turbada,
E a bella moça agastada
Não quer voltar;
Sacode leve a cabeça,
Emquanto o pranto começa
A borbulhar.

E de triste e arrependido
Diz comsigo entristecido:
— Que mal fiz eu!...
— Leda ao ver-me parecia,
— Era boa, e me sorria...
— Que riso o seu!

As aguas no emtanto de novo se apiacão,
A lisa corrente se espelha outra vez;
E a imagem querida no fundo apparece
Com mil peixes varios brincando a seus pés.

Do collo uma charpa trazia pendente,
Cortando-lhe o seio de brancos jasmins,
Um iris nas côres, e as franjas bordadas
De prata luzente, de vivos rubins.

Uma harpa a seu lado frisava a corrente,
Gemendo queixosa da leve pressão,
Como harpas ethereas, que as brisas conversão,
Achando-as perdidas em mesta soidão.

Sentida, chorosa parece que estava,
E o bello menino, sentado, a chorar
« Perdôa, dizia-lhe, o mal que te hei feito;
Por minha vontade não hei de tornar! »

A harpa dourada de subito vibra,
A charpa se agita do seio ao travez;
Das franjas garbosas as pedras reflectem
Infindos luzeiros nos humidos pés.

Os peixes pasmados de subito parão
Nó fundo luzente de puro crystal;
Fantasticos seres assomão ás grutas
Do nitido ambar, do vivo coral!

Emtanto o menino se curva e se inclina
Por ver mais de perto a donosa visão;
A mãe, longe delle dizia : — Meu filho,
Não oiças, não vejas, que é má tentação. —

« Vem meu amigo » dizia
A bella fada engraçada,
Pulsando a harpa dourada :

« Sou boa, não faço mal,
Vem ver meus bellos palacios,
Meus dominios dilatados
Meus thesouros encantados
No meu reino de crystal.

« Vem, te chamo : vê a lympha
Como é bella e crystallina ;
Vê esta areia tão fina,
Que mais que a neve seduz !
Vem, verás como aqui dentro
Brincão mil leves amores,
Como em listas multicores
Do sol se desfaz a luz.

« Se não achas borboletas
Nem as vagas mariposas,
Que brincão por entre as rosas
Do teu ameno jardim ;
Tens mil peixinhos brilhantes,
Mais luzentes e mais bellos
Que o oiro dos meus cabellos,
Que a nitidez do setim. »

Emtanto o menino se curva e se inclina
Por ver de mais perto a donosa visão ;
E a mãe, longe delle, dizia : — Meu filho,
Não oiças, não vejas, que é má tentação. —

« Vem, meu amigo, tornava
A bella fada engraçada,
Vem ver a minha morada,
O meu reino de crystal :
Não se sente a tempestade
Na minha espaçosa gruta,
Nem voz do trovão se escuta
Nem roncos do vendaval.

« Aqui, ao findar do dia,
Tudo rapido se accende,
E o meu palacio resplende
De vivo, ethereo clarão.
Mil figuras apparecem,
Mil donzellas encantadas
Com angelicas toadas
De ameigar o coração.

« Quando passo, as brandas aguas
Por me ver passar se afastão,
E mil estrellas se engastão
Nas paredes de crystal.
Surgem luzes multicores,
Como desses pyrilampos,
Que tu vês andar nos campos,
Sem comtudo fazer mal.

« Quando passo, mil sereias,
Deixando as grutas limosas,
Formão ledas, pressurosas
O meu sequito real :
Vem! dar-te hei meus palacios
Meus dominios dilatados,

Meus thesouros encantados
E o meu reino de crystal. »

Emtanto o menino se curva e se inclina
Para a visão ;
E a mãe lhe dizia : — Não vejas, meu filho,
Que é tentação. —

E o bello menino, dizendo comsigo
— Que bem fiz eu ! —
Por ver o thesouro gentil, engraçado,
Que já é seu,

Atira-se ás aguas : n'um grito medonho
A mãe lastimavel — Meu filho ! — bradou :
Respondem-lhe os echos ; porém voz humana
Aos gritos da triste não torna : — Aqui estou !

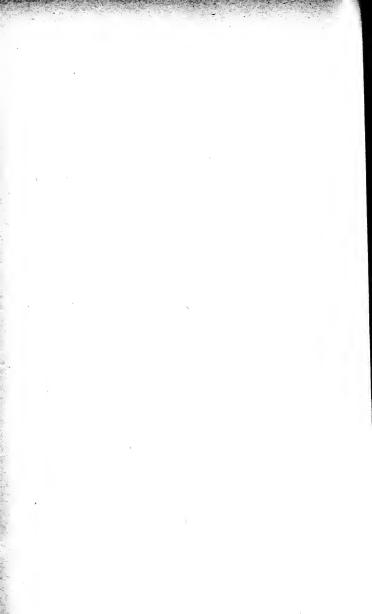
OS TYMBIRAS

POEMA AMERICANO

O. D. C.

A S. M. O Sr. D. PEDRO II

IMPERADOR CONSTITUCIONAL

E DEFENSOR PERPETUO DO BRAZIL

OS TYMBIRAS

INTRODUCÇÃO

Os ritos semibarbaros dos Piagas,
Cultores de Tupan, e a terra virgem
D'onde, como d'um throno, emfim se abrírão
Da cruz de Christo os piedosos braços ;
As festas, e batalhas mal sangradas
Do povo Americano, agora extincto,
Hei de cantar na lyra. — Evóco a sombra
Do selvagem guerreiro !... Torvo o aspecto,
Severo e quasi mudo, a lentos passos,
Caminha incerto, — o bipartido arco
Nas mãos sustenta, e dos despidos hombros
Pende-lhe a rota aljava... as entornadas,
Agora inuteis setas, vão mostrando
A marcha triste e os passos mal seguros
De quem, na terra de seus paes, embalde
Procura asylo, e foge o humano trato.

Quem pudera, guerreiro, nos seus cantos
A voz dos piágas teus um só momento
Repetir : essa voz que nas montanhas
Valente retumbava, e dentro d'alma
Vos ia derramando arrojo e brios,
Melhor que taças de cauim fortissimo?!
Outra vez a chapada e o bosque ouvirão
Dos filhos de Tupan a voz e os feitos
E as pocemas de morte, levantadas
Dentro do circo, onde o fatal delicto
Expia o malfadado prisioneiro,
Qu'enxerga a maça e sente a mussurana
Cingir-lhe os rins a ennodoar-lhe o corpo :
E só de os escutar mais forte accento
Haverião de achar nos seus refolhos
O monte e a selva e novamente os échos.

Como os sons do boré, sôa o meu canto
Sagrado ao rudo povo americano :
Quem quer que a natureza estima e preza
E gósta ouvir as empoladas vagas
Bater gemendo as cavas penedias,
E o negro bosque susurrando ao longe —
Escute-me. — Cantor modesto e humilde,
A fronte não cingi de myrto e louro,
Antes de verde rama engrinaldei-a,
D'agrestes flôres enfeitando a lyra ;
Não me assentei nos cimos do Parnaso,
Nem vi correr a lympha da Castalia.
Cantor das selvas, entre bravas mattas
Aspero tronco da palmeira escolho.
Unido a elle soltarei meu canto,
Emquanto o vento nos palmares zune,
Rugindo os longos encontrados leques.

Nem só me escutareis fereza e mortes :
As lagrimas do orvalho por ventura
Da minha lyra distendendo as cordas,
Hão-de em parte ameigar e embrandecel-as.
Talvez o lenhador quando acommette
O tronco d'alto cedro corpulento,
Vem-lhe tingido o fio da segure
De puro mel, que abelhas fabricárão,
Talvez tambem nas folhas que engrinaldo,
A acacia branca o seu candor derrame
E a flôr do sassafraz se estrelle amiga.

CANTO PRIMEIRO

Sentado em sitio escuso descansava
Dos Tymbiras o chefe em tronco annoso,
Itajuba, o valente, o destemido
Acoçador das feras, o guerreiro
Fabricador das incansaveis lutas.
Seu pae, chefe tambem, tambem Tymbira
Chamava-se o Jaguar : delle era fama
Que os musculosos membros repellião
A frecha sibilante, e que o seu craneo
Da maça aos tesos golpes não cedia.
Cria-se... e em que não crê o povo estulto ?
Que um velho piága na espelunca horrenda
Aquelle encanto, inutil n'um cadaver,
Tirára ao pae defuncto, e ao filho vivo
Inteiro o transmittíra ; é certo ao menos
Que durante uma noite juntos forão
O moço e o velho e o pallido cadaver.

Mas, acertando um dia estar occulto
N'um denso tabocal, onde perdêra
Traços de fera, que revêr cuidava,

Seta ligeira atravessou-lhe um braço.
Mão d'imigo traidor a disparára,
Ou fôra algum dos seus, que receioso
Do mal causado, emmudeceu prudente.

Relata o caso, irreflectido, o chefe.
Mal crido foi ! — por abonar seu dito,
Redobra d'imprudencia, — mostra aos olhos
A traiçoeira frecha, o braço e o sangue.
A fama vôa, as tribus inimigas
Adunão-se, amotinão-se os guerreiros
E as boccas dizem : o Tymbira é morto !
Outras emendão : Mal ferido sangra !
Do nome do Itajuba se despega
O medo, — um só desastre venha, e logo
Esse encanto vae prestes converter-se
Em riso e farça das nações vizinhas !
Os Manitôs, que morão pendurados
Nas tabas d'Itajuba, que as protejão ;
O terror do seu nome já não vale,
Já defensão não é dos seus guerreiros!

Dos Gamellas um chefe destemido,
Cioso d'alcançar renome e gloria,
Vencendo a fama que os sertões enchia,
Sahio primeiro a campo, armado e forte ;
Guedelha e ronco dos sertões immensos,
Guerreiros mil e mil vinhão traz elle,
Cobrindo os montes e juncando as mattas.
Com pejado carcaz de ervadas setas
Tingidas d'urucú, segundo a usança
Barbara e fera, desgarrados gritos
Davão no meio das canções de guerra.

Chegou, e fez saber que era chegado
O rei das selvas a propôr combate
Dos Tymbiras ao chefe. — « A nós só caiba
(Disse elle) a honra e a gloria ; entre nós ambos
Decida-se a questão do esforço e brios.
Estes, que vês, impavidos guerreiros,
São meus, que me obedecem ; se me vences,
São teus ; se és o vencido, os teus me sigão :
Aceita ou foge, que a victoria é minha. »

— Não fugirei, responde-lhe Itajuba :
Que os homens, meus iguaes, encarão fito
O sol brilhante, e os não deslumbra o raio. —

« Serás, poisque me affrontas, torna o barbaro,
Do meu valor trophéo, — e da victoria,
Qu'hei-de certo alcançar, despojo opimo.
Nas tabas em que habito ora as mulheres
Tecem da sapucaya as longas cordas,
Que os pulsos teus hão-de arrochar-te em breve ;
E tu vil, e tu preso, e tu coberto
D'escarneo e d'irrisão ! — Cheio de gloria,
Além dos Andes voará meu nome ! »

O filho de Jaguar surrio-se a furto :
Assim o pae sorri ao filho imberbe,
Que desprezado o arco seu pequeno,
Talhado para aquellas mãos sem forças,
Tenta d'outro maior curvar as pontas
Que vezes tres o mede em toda a altura !

Travárão luta fera os dois guerreiros.
Primeiro ambos de longe as setas vibrão ;
Amigos manitôs, que ambos protegem,

Nos ares as desgarrão. Do Gamella
Entrou a frecha tremula n'um tronco
E só parou no cerne ; a do Tymbira,
Ciciando veloz, fugio mais longe,
Roçando apenas os frondosos cimos.
Encontrão-se os tacápes, lá se partem;
Ambos o punho inutil regeitando,
Estreitão-se valentes : braço a braço,
Alentando açodados, peito a peito,
Revolvem fundo a terra aos pés, e ao longe
Rouqueja o peito arfado um som confuso.

Scena vistosa! quadro apparatoso !
Guerreiros velhos, á victoria affeitos,
Tamanhos campeões vendo n'arena,
E a luta horrivel e o combate acceso,
Mudos quedárão de terror transidos.
Qual d'aquelles heróes ha-de primeiro
Sentir o egregio esforço abandonal-o?
Perguntão ; mas não ha quem lhes responda.

São ambos fortes : o Tymbira hardido,
Esbelto como o tronco da palmeira,
Flexivel como a frecha bem talhada,
Ostenta-se robusto o rei das selvas ;
Seu corpo musculoso, immenso e forte
É como rocha enorme, que desaba
De serra altiva, e cáe no valle inteira.
Não vale humana força desprendel-a
D'alli, onde ella está ; fugaz corisco
Bate-lhe a calva fronte sem partil-a.

Separão-se os guerreiros um do outro,
Foi d'um o pensamento, — a acção foi d'ambos

Ambos arquejão; descoberto o peito
Arfa, estúa, eleva-se, comprime-se,
E o ar em ondas soffregos respirão.
Cada qual, mais pasmado que medroso,
Se estranha a força que no outro encontra,
A mal cuidada resistencia o irrita.
Itajuba! Itajuba! — os seus exclamão.
Guerreiro, tal como elle, se descóra
Um só momento, é dar-se por vencido.
O filho de Jaguar voltou-se rapido.
Donde essa voz partio? quem n'o aguilhôa?
Raiva de tigre anuviou-lhe o rosto
E os olhos côr de sangue irados pulão.

« A tua vida a minha gloria insulta! »
Grita ao rival; « e já de mais viveste. »
Disse, e como o condor, descendo a prumo
Dos astros, sobre o lhama descuidoso,
Pávido o prende nas torcidas garras,
E sóbe audaz onde não chega o raio...
Vôa Itajuba sobre o rei das selvas,
Cinge-o nos braços, contra si o aperta
Com força incrivel: o colosso vérga,
Inclina-se, desaba, cáe de chofre,
E o pó levanta e atrôa forte os echos.
Assim cáe na floresta um tronco annoso,
E o som da queda se propaga ao longe!

O fero vencedor um pé alçando,
Morre! — lhe brada — e o nome teu comtigo!
O pé desceu, batendo a arca do peito
Do exanime vencido: os olhos turvos,
Levou, a extrema vez, o desditoso

Áquelles céos d'azul, áquellas mattas,
Doce coberta de verdura e flôres!

Depois, erguendo o esqualido cadaver
Sobre a cabeça, horrivelmente bello,
Aos seus o mostra ensanguentado e torpe:
Então por vezes tres o horrendo grito
Do triumpho soltou; e os seus tres vezes
O mesmo grito em côro repetirão.
Aquella massa emfim vôa nos ares;
Porém na dextra do feliz guerreiro
Dividem-se entre os dedos as melenas,
De cujo craneo marejava o sangue!

Transbordando ufania do successo
Inda recente, recordava as phases
Orgulhoso o guerreiro! Ainda escuta
A dura voz, inda a figura avista
D'esse, que ousou atravessar-lhe as sanhas:
Lembra-se! e da lembrança grato enlevo
Lhe côa n'alma em fogo: longos olhos,
Emquanto assim medita, vae levando
Por onde o céo e as selvas se confundem,
Por onde o rio, em tortuosos gyros,
Queixoso lambe as empedradas margens.
Assim o jugo seu não escorjassem
Trédos Gamellas c'o a nocturna fuga!
Perfidos! o heróe jurou vingar-se!
Tremei! qu'ha-de o valente debellar-vos!
E emquanto segue o céo, e o rio, e as selvas,
Crescem-lhe brios, força, — alteia o collo,
Fita orgulhoso a terra, onde não acha,
Nem crê achar quem lhe resista; eis n'isto

Reconhece um dos seus, que pressuroso
Corre a encontral-o, — rapido caminha;
Porém d'instante a instante, d'enfiado
Vólta o pavido rosto, onde se pinta
O susto vil, que denuncia o fraco.

Ó filho de Jaguar » de longe brada,
« N'este aperto nos vale, — eil-os se avanção
Pujantes contra nos, tão bastos, tantos,
Como enredados troncos na floresta. »

« Tu sempres tremes, Jurucey, » tornou-lhe
Com voz tranquilla e magestosa o chefe,
« O mel, que em fallas sem cessar distillas,
Tolhe-te o esforço e te enfraquece a vista :
Amigos são talvez, amigas tribus,
Algum chefe, que tem comnosco as armas,
Em signal d'alliança, espedaçado :
Vem talvez festejar o meu triumpho,
E os seus cantores celebrar meu nome, »

« Não! não! ouvi o som triste e sonoro
Das ygaras, rompendo a custo as aguas,
Dos remos manejados a compasso,
E os sons guerreiros do boré, e os cantos
Do combate; parece, d'irritado,
Tão grande peso agora a flôr lhe corta,
Que o rio vae sorver as altas margens. »

— E são Gamellas? — perguntou-lhe o chefe.
« Vi-os, tornou-lhe Jurucey, — são elles! »
O chefe dos Tymbiras dentro d'alma
Sentio odio e vingança remordel-o.
Rugio a tempestade, mas lá dentro;

Cá fóra retumbou, mas quasi extincta.
Começa então com voz cavada e surda :

« Irás tu, Jurucey, por mim dizer-lhes :
Itajuba, o valente, o rei da guerra,
Fabricador das incansaveis lutas,
Emquanto a maça não sopesa, emquanto
Dormem-lhe as setas no carcaz immoveis,
Off'rece-vos liança e paz ; — não ama,
Tigre repleto, espedaçar mais prezas,
Nem quer dos vossos derramar mais sangue.
Tres grandes tabas, onde heróes pullulão,
Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,
Cahidas a seus pés, a voz lhe escutão.
Vós outros, attendei, — cortai nas mattas
Troncos robustos e frondosas palmas,
E construi cabanas, — onde o corpo
Cahio do rei das selvas, — onde o sangue
D'aquelle heróe vossa perfidia attesta.
Aquella briga emfim de dois, tamanhos,
Signalai ; porque estranho caminheiro,
Amigas vendo e juntas nossas tabas,
E a fé, que usais guardar, sabendo, exclamem :
Vejo um povo de heróes e um grande chefe ! »

Disse : e vingando o cimo d'alto monte,
Que em roda largo espaço dominava,
O atroador memby soprou com força.
O tronco, o arbusto, a moita, a rocha, a pedra,
Convertem-se em guerreiros ; mais depressa,
Quando sôa o clarim, nuncio de guerra,
Não sopra, e escava a terra, e o ar divide
Co'as crinas fluctuantes, o ginete,
Impavido, orgulhoso. em campo aberto.

Da montanha Itajuba os vê sorrindo,
Galgando valles, combros, serranias,
Coalhando o ar e o céo de feios gritos,
E folga porque os vê correr tão prestes
Aos sons do cavo buzio conhecido,
Já tantas vezes repetidos antes
Por valles e por serras ; já não póde
Numeral-os, de tantos que se apinhão ;
Mas, vendo-os, reconhece o vulto e as armas
Dos seus : « Tupan sorri-se lá dos astros,
— Diz o chefe entre si ; — lá, descuidosos
Das folganças de Ibáke, heróes tymbiras
Contemplão-me, das nuvens debruçados :
E por ventura de lhes ser eu filho
Enlevão-se, e repetem, não sem gloria,
Os seus cantores d'Itajuba o nome. »

Vem primeiro Jucá de féro aspecto.
D'uma onça bicolor cae-lhe na fronte
A pell' vistosa ; sob as hirtas cerdas,
Como sorrindo, alvejão brancos dentes,
E nas vasias orbitas lampejão
Dois olhos, fulvos, máos. — No bosque, um dia,
A traiçoeira fera a cauda enrosca
E mira nelle o pulo : do tacápe
Jucá desprende o golpe, e furta o corpo :
Onde estavão seus pés, as duras garras
Encravão-se enganadas, e onde as garras
Mordêrão, beija a terra a fera exangue
E, morta, ao vencedor tributa um nome.

Vem depois Jacaré, senhor dos rios,
Ita-roca indomavel, — Catucába,
Primeiro sempre no combate, — o forte

Juçarána, — Poty ligeiro e dextro,
O tardo Japegoá, — o sempre afflicto
Piahiba, que espiritos perseguem :
Mojacá, Moperéba, irmãos nas armas,
Sempre unidos; ninguem não foi como elles!
Lagos de sangue derramárão juntos;
Filhos e paes e mães d'imigas tabas
Odeião-nos chorando, e a gloria d'ambos,
Assim chorada, mais e mais se exalta :
Çamotim, Pirajá, e outros infindos,
Heróes tambem, aos quaes faltou sómente
Nação menor, menos guerreira tribu.

Japy, o atirador, quando escutava
Os sons guerreiros do memby troante,
Na tesa corda a frecha embebe inteira,
E mira um javali que os alvos dentes,
Navalhados, remove: pára, escuta...
Volvem-lhe os mesmos sons : bate-lhe o peito,
Os olhos pulão, — sólta horrendo grito,
Arranca e roça a fera!... a fera attonita,
Aterrada, transida; treme, erriça
As duras cerdas; tiritante, pavida
Esgazeando os olhos fascinados,
Recúa : um tronco só lhe embarga os passos.
Por longo tracto, de si mesma alheia,
Demora-se, lembrada : a custo o sangue
Volve de novo ao costumado gyro,
Emquanto o vulto horrendo se recorda!

« Mas onde está Jatyr? — pergunta o chefe,
Que debalde o procura entre os que o cercão :
— Jatyr, dos olhos negros, que me luzem,

Melhor que o sol nascendo, dentro d'alma;
Jatyr, que aos chefes todos anteponho,
Cuja bravura e temerario arrojo
Fólgo em reger e moderar nos prelios;
Esse, porque não vem, quando vós vindes? »

— Corre Jatyr no bosque, diz um chefe,
Bem sabes como: acinte se desgarra
Dos nossos; anda só, talvez sem armas,
Talvez bem longe: acordo nelle é certo,
Creio, de nos tachar assim de fracos! —

Pae de Jatyr, Ogib, entrára em annos;
Grosseiro cedro mal lhe firma os passos,
Os olhos pouco vêm; mas de conselho
Valioso e prestante. Alli, mil vezes,
Havia com prudencia temporado
O juvenil ardor dos seus, que o ouvião.
Alheio agora da prudencia, escuta
A voz que o filho amado lhe crimina.
Sopra-lhe o dizer acre a cinza quente,
Viva, accesa, antes braza, — o amor paterno:
Amor inda tão forte na velhice,
Como no dia venturoso, quando
Cendy que os olhos seus só virão bella,
Sorrindo luz de amor dos meigos olhos,
Carinhosa lh'o deu; quando na rede
Ouvia com prazer as ledas vozes
Dos companheiros seus, — e quando absorto,
Olhos pregados no gentil menino,
Bem longas horas, sim, porém bem doces
Levou scismando aventuradas sinas.
Alli o tinha, alli meigo e risonho

Aquelles tenros braços levantava ;
Aquelles olhos limpidos se abrião
Á luz da vida ; candido sorriso,
Como o sorrir da flôr no romper d'alva,
Radiava-lhe o rosto : quem julgára,
Quem pudera aventar, suppôr ao menos
Haverem de apertar-se aquelles braços
Tão mimosos, um dia, contra o peito
Arquejante e cançado, — e aquelles olhos
Verterem pranto amargo em soledade ?
Incrivel ! — porém lagrimas crescerão-lhe
Dos olhos, — lá tombou-lhe uma das faces
No filho em cujo rosto um beijo a enxuga.

Agora, Ogib, alheio da prudencia,
Que ensina, imputações tão más ouvindo
Contra o filho querido, acre responde :

« São torpes os anúns que em bandos folgão,
São máos os caitetús que em varas pascem :
Sómente o sabiá geme sósinho
E sósinho o condor aos céos remonta.
Folga Jatyr de só viver comsigo :
Em bem, que tens agora que dizer-lhe ?
Esmaga o seu tacápe a quem vos prende,
A quem vos damna, afoga entre os seus braços
E em quem vos accommette, emprega as setas.
Fraco ! não temes já que te não falte
O primeiro entre vós, Jatyr, meu filho ? »

Despeitoso Itajuba, ouvindo um nome,
Embora o de Jatyr, apregoado
Melhor, maior que o seu, a testa enruga
E diz severo aos dois qu'inda argumentão :

« Mais respeito, mancebo, ao sabio velho,
Qu'eramos nós crianças, manejava
A seta e o arco em defensão dos nossos.
Tu, velho, mais prudencia. Entre nós todos
O primeiro sou eu : Jatyr, teu filho,
É forte e bravo; porém novo. Eu mesmo
Gabo-lhe o porte e a gentileza; e aos feitos
Noveis applaudo : bem maneja o arco,
Vibra certeira a frecha; mas... (Sorrindo
Prosegue) afóra delle inda ha quem saiba
Mover tão bem as armas, e nos braços
Robustos, afogar fortes guerreiros.
Jatyr virá, senão... serei comvosco,
(Disse voltado para os seus, que o cercão)
E bem sabeis que vos não falto eu nunca. »

Altercão elles nas ruidosas tabas,
Emquanto Jurucey com pé ligeiro
Caminha : as aves docemente atitão,
De ramo em ramo — docemente o bosque
A medo rumoreja, — a medo o rio
Escôa-se e murmura : um borborinho,
Confuso se propaga, — um raio incerto
Dilata-se do sol doirando o occaso.
Ultimo som que morre, ultimo raio
De luz, que treme incerta, quantos entes
Oh! quantos! hão de ver a luz de novo
E o romper d'alva, e os céus, e a natureza
Risonha e fresca, — e os sons, e os ledos cantos
Ouvir das aves timidas no bosque
Outra vez ao surgir da nova aurora?

CANTO SEGUNDO

Desdobra-se da noite o manto escuro :
Leve brisa subtil pela floresta
Enreda-se e murmura, — amplo silencio
Reina por fim. Nem saberás tu como
Essa imagem da morte é triste e torva,
Se nunca, a sós comtigo, a presentiste
Longe deste zunir da turba inquieta.
No ermo, sim ; procura o ermo e as selvas...
Escuta o som final, o extremo alento,
Que exhala em fins do dia a natureza !
O pensamento, que incessante vôa,
Vae do som á mudez, da luz ás sombras
E da terra sem flôr ao céu sem astro.
Semelha a fraca luz qu'inda vacilla
Quando, em ledo saráu, o extremo acorde
No deserto salão geme, e se apaga !

Era pujante o chefe dos Tymbiras,
Sem conto seus guerreiros, tres as tabas,
Opimas, — uma e uma derramadas
Em gyro, como dança dos guerreiros.

Quem não folgára de as achar nas mattas?
Tres flôres em tres hastes differentes
N'um mesmo tronco, — tres irmãs formosas
Por um laço de amor alli prendidas
No ermo, mas vivendo aventuradas?
Deu-lhes assento o héróe entre dois montes,
Em chã copada de frondosos bosques.
Alli o cajazeiro as perfumava;
O cajueiro, na estação das flôres,
De vivo sangue marchetava as folhas;
As mangas, curvas á feição de um arco,
Beijavão-lhes o tecto; a sapucaya
Lambia a terra, em graciosos laços
Doces maracujás de espessas ramas
Sorrião-se pendentes; o páo d'arco
Fabricava um docel de cróceas flôres,
E as parasitas de matiz brilhante
A usnea das palmeiras estrellavão!

Quadro risonho e grande, em que não fosse
Em granito ou em marmore talhado!
Nem palacios, nem torres avistáras,
Nem castellos que os annos vão comendo,
Nem grimpas, nem zimborios, nem feituras
Em pedra, que os humanos tanto exaltão!
Rudas palhoças só! que mais carece
Quem ha de ter sómente um sol de vida,
Jazendo negro pó antes do occaso?
Que mais? Tão bem a dôr ha de sentar-se
E a morte revoar tão solta em gritos
Alli, como nos atrios dos senhores;
Tão bem a compaixão ha de cobrir-se
De dó, limpando as lagrimas do afflicto.

Incerteza voraz, timida esp'rança,
Desejo, inquietação tambem lá morão :
Que sóbra pois em nós, que falta nelles?

De Itajuba separão-se os guerreiros;
Mudos, ás portas das sombrias tabas,
Immoveis, nem que fossem duros troncos,
Pensativos meditão. Já da guerra
Nada receião, que Itajuba os manda;
O encanto, os manitôs inda o protegem,
Vela Tupan sobre elle, e os santos piágas
Comprida serie de floridas quadras
Vêr-lhe asségurão : nem de ha pouco a luta,
Melhor disseras de renome ensejo,
Os desmentio, que nunca os piágas mentem.
Mêdo, certo, não têm; são todos bravos!
Porque meditão pois? Tambem não sabem!

Sahe o piága no emtanto da caverna,
Que nunca humanos olhos penetrárão;
Com ligeiro sendal os rins aperta,
Cocar de escuras plumas se debruça
Da fronte, em que se enxerga em fundas rugas
O tenaz pensamento afigurado.
Cercão-lhe os pulsos cascaveis loquazes,
Respondem outros, no tripudio sacro,
Dos pés. Vem magestoso, e grave, e cheio
Do Deos, que o peito seu, tão fraco, habita.
E emquanto o fumo lhe volteia em torno,
Como neblina em torno ao sol que nasce,
Ruidoso maracá nas mãos sustenta,
Sólta do sacro rito os sons cadentes.

« Visita-nos Tupan, quando dormimos,
E só por seu querer que então sonhamos;

Escute-me Tupan! Sobre vós outros,
Poder do maracá por mim tangido,
Os sonhos desção, quando o orvalho desce.

« O poder de Anhangá cresce co'a noite;
Sólta de noite o máo seus máos ministros:
Caraibêbes na floresta accendem
A falsa luz, que o caçador transvia.
Caraibêbes enganosas fórmas
Dão-nos aos sonhos, quando nós sonhamos.
Poder do fumo, que lhes quebra o encanto,
De vós se partão; mas Tupan vos olhe,
Descendo os sonhos, quando o orvalho desce.

« Tristonhos pios a acauán desata,
Quando ao guerreiro prognostica males;
Tristonhos bandos de urubús vorazes
Os sonhos turbão das vencidas hostes:
Cheios de médo os Manitôs desertão
As tabas mudas, que hão de ser calcadas,
Já cinza fria, pelo imigo fero.
Não fujão Manitôs ás nossas tabas!
Urubús, acauàns nos vóssos sonhos,
Virtude e força deste meu tripudio,
Não se vos pintem; mas Tupan vos olhe,
Descendo os sonhos, quando o orvalho desce!

« O sonho e a vida são dois galhos gemeos;
São dois irmãos que um laço amigo aperta:
A noite é o laço; mas Tupan é o tronco
E a seve e o sangue que circula em ambos.
Vive melhor quem da existencia ignaro,
Na paz da noite, novas forças cria.
O louco vive com aferro, emquanto

N'alma lhe ondeião do delirio as sombras,
De vida espurias; Deos porém lh'as rompe,
E na loucura do porvir nos falla!
Tupan vos olhe, e sobre vós do Ibake
Os sonhos desção, quando o orvalho desce! »

Assim cantava o piága merencorio,
Tangia o maracá, dançava em roda
Dos guerreiros : pudéra ouvido attento
Os sons finaes da lagubre toada
Na placida mudez da noite amiga
De longe, em côro ouvir : « Sobre nós outros
Os sonhos desção, quando o orvalho desce. »

Calou-se o piága, já descansão todos!
Almo Turpan os communique em sonhos,
E os que sabem tão bem vencer batalhas,
Quando acordados malbaratão golpes,
Saibão dormidos figurar triumphos!

Mas que medita o chefe dos Tymbiras?
Bosqueja por ventura ardís de guerra,
Fabrica e enreda as asperas ciladas,
E a olhos nús do pensamento enxerga
Desfeita em sangue revolver-se em gritos
Morte pavida e má?! ou sente e avista,
Escandecida a mente, o Deos da guerra
Impavido Areskí, sanhudo e forte,
Calcar aos pés cadaveres sem conto,
Na dextra ingente sacudindo a maça,
Donde certeira, como o raio, desce
A morte, e banha-se orgulhosa — em sangue?

Al sente o bravo; outro pensar o occupa!
Nem Areski, nem sangue se lhe antolha,

Nem resolve comsigo ard... de guerra,
Nem combates, nem lagrimas medita :
Sentio calar-lhe n'alma um sentimento
Gelado e mudo, como o véo da noite.
Jatyr, dos olhos negros, onde pára?
Que faz, que lida? ou que fortuna corre?
Tres sóes já são passados : quanto espaço,
Quanto azar não correu nos amplos bosques
O impróvido mancebo aventureiro?
Alli na relva a cascavel se esconde,
Alli, das ramas debruçado, o tigre
Aferra traiçoeiro a presa incauta!
Reserve-lhe Tupan mais fama e gloria,
E voz amiga de cantor suave
C'os altos feitos lhe embalsame o nome!

Assim discorre o chefe, que em nodoso
Tronco rudo-lavrado se recosta :
Não tem poder a noite em seus sentidos,
Que a mesma ideia de continuo volvem.
Vela e treme nos tectos da cabana
A baça luz das resinosas tochas,
Acres perfumes rescendendo; — alastrão
De rubins côr de brasa a flôr do rio!

» Ouvíra com prazer um triste canto,
Diz lá comsigo; um canto merencorio,
Que este presagio funebre espancasse.
Bem sinto um não sei quê aferventar-se-me
Nos olhos, que vae prestes expandir-se :
Não sei chorar, bem sei; mas fôra grato,
Talvez bem grato! á noite, e a sós commigo,
Sentir macias lagrimas correndo.
O talo agreste de um cipó sem graça

Verte compridas lagrimas cortado;
O tronco do cajá desfaz-se em gomma,
Suspira o vento, o passarinho canta,
O homem chora! eu só, mais desditoso,
Invejo o passarinho, o tronco, o arbusto,
E quem, feliz, de lagrimas se paga. »

Longo espaço depois fallou comsigo,
Mudo e sombrio: « Sabiá das matas
Croá (diz elle ao filho d'Yandyroba),
As mais canoras aves, as mais tristes
No bosque, a suspirar comtigo aprendão.
Canta, poisque trocára de bom grado
Os altos feitos pelos doces carmes
Quem quer que os escutou, mesmo Itajuba »

Emmudeceu: na taba quasi escura,
Com pé alterno a dança vagarosa,
Aos sons do maracá, traçava os paços.

« Flôr de belleza, luz de amor, Coema,
Murmurava o cantor, onde te foste,
Tão doce e bella, quando o sol raiava?
Coema, quanto amor que nos deixaste!
Eras tão meiga, teu sorrir tão brando,
Tão macios teus olhos! teus accentos
Cantar perenne, tua voz gorgeios,
Tuas palavras mel! O romper d'alva,
Se encantos punha a par dos teus encantos,
Tentava embalde pleitear comtigo!
Não tinha a ema porte mais soberbo,
Nem com mais graça recurvava o collo!
Coema, luz de amor. onde te foste!

10.

« Amava-te o melhor, o mais guerreiro
D'entre nós : elegeu-te companheira,
A ti sómente, que só tu achavas
Sorriso e graça na presença delle.
Flôr, que nasceste no musgoso cedro,
Cobravas páreas de abundante seiva,
Tinhas abrigo e protecção das ramas...
Que vendaval te despegou do tronco,
E ao longe, em pó, te esperdiçou no valle?
Coema, luz de amor, flôr de belleza,
Onde te foste, quando o sol raiava?

« Anhangá rebocou estreita ygara
Contra a corrente : Orapacên vem nella.
Orapacên, Tupinambá famoso,
Conta prodigios d'uma raça estranha,
Tão alva como o dia, quanto nasce,
Ou como a areia candida e luzente,
Que as aguas d'um regado sempre lavão.
Raça, a quem os raios promptos servem,
E o trovão e o relampago acompanhão.
Já de Orapacên os mais guerreiros
Mordem o pó, e as tabas feitas cinza
Clamão vingança em vão contra os estranhos,
Talvez d'outros estranhos perseguidos,
Em punição talvez d'atroz delicto.
Orapacên, fugindo, brada sempre:
— Maír! Maír! Tupan! — Terror que mostra,
Brados que sólta, e as derrocadas tabas,
Desde Tapuytapéra alto proclamão
Do vencedor a indomita pujança.
Ai! não viesse nunca ás nossas tabas
O tapuya mendaz, que os bravos feitos

Narrava do Maír ; nunca os ouvíras,
Flôr de belleza, luz de amor, Coema !

« A cega desventura, nunca ouvida,
Nos move á compaixão : prestes corremos
Com ledo gasalhado a restaural-os
Da vil dureza do seu fado : dormem
Nas nossas redes, diligentes vamos
Colher-lhes fructos, — descansados folgão
Nas nossas tabas : Itajuba mesmo
Off'rece abrigo ao palrador tapuya !
Hospedes são, nos diz ; Tupan os manda :
Os filhos de Tupan serão bem vindos,
Onde Itajuba impera ! — Ai que não erão,
Nem filhos de Tupan, nem gratos hospedes
Os vís que o rio, a custo, nos trouxera ;
Antes dolosa resfriada serpe
Que ao nosso lar creou vida e peçonha.
Quem nunca os víra ! porém tu, Coema,
Leda avesinha, que adejavas livre,
Azas da côr da prata ao sol abrindo,
A serpente cruel porque fitaste,
Se já do olhado máo sentias pejo ? !

« Ouvímos, uma vez, da noite em meio,
Voz de afflicta mulher pedir soccorro
E em tom sumido lastimar-se ao longe.
Orapacên ! — bradou feroz tres vezes
O filho de Jaguar : clamou debalde.
Sómente acode o echo á voz irada,
Quando elle o malfeitor no instincto enxerga.
Em sanhas rompe o chefe hospitaleiro,
E tenta com afan chegar ao termo,
Donde as querellas miseras partião.

Chegou —já tarde ! — nós, mais tardos inda.
Assistimos ao subito espectaculo!

« Queimão-se raros fogos nas desertas
Margens do rio, quasi immerso em trevas:
Afadigados no labor nocturno,
Os traiçoeiros hospedes caminhão,
Pejando á pressa as concavas ygaras.
Longe, Coema, a doce flôr dos bosques,
Com voz de embrandecer duros penhascos,
Supplíca e roja em vão aos pés do fero,
Cavilloso tapuya! Não resiste
Ao fogo da paixão, que dentro lavra,
O barbaro, que a vio, que a vê tão bella!

« Vai arrastal-a, — quando sente uns passos
Rapidos, breves, — volta-se: — Itajuba!
Grita ; e os seus, medrosos, receiando
A perigosa luz, os fogos matão.
Mas, no extremo clarão que elles soltárão,
Vio-se Itajuba com seu arco em punho,
Calculando a distancia, a força, e o tiro:
Era grande a distancia, a força immensa... »

« E a raiva incrivel, continúa o chefe,
A antiga cicatriz sentindo abrir-se!
« Ficou-me o arco em dois nas mãos partido,
E a frecha vil cahio-me aos pés sem força. »
E assim dizendo nos cerrados punhos
De novo pensativo a fronte opprime.

« Sim, tornava o cantor, immenso e forte
Devêra o arco ser, que entre nós todos
Só um achou, que lhe vergasse as pontas,
Quando Jaguar morreu! — partio-se o arco!

Depois ouvio-se um grito, após ruido,
Que as aguas fazem no tombar de um corpo;
Depois — silencio e trevas... »

« Nessas trevas,
Replicava Itajuba, — inteira a noite,
Louco vaguei, corri d'encontro ás rochas.
Meu corpo lacerei nos espinheiros,
Mordi sem tino a terra já cançado;
Soluçavão porém meus frouxos labios
O nome della tão querido, e o nome...
Aos vís Tupinambás nunca os eu veja,
Ou morra, antes de mim, meu nome e gloria
Se os não hei de punir ao recordar-me
A aurora infausta que me trouxe aos olhos
O cadaver... » Parou, que a estreita gorja
Recusa aos cavos sons prestar accento.

« Descança agora o pallido cadaver
(Continúa o cantor) junto á corrente
Do regato, que volve areias d'ouro.
Alli agrestes flôres lhe matizão
O modesto sepulcro, — aves canóras
Descantão tristes nenias ao compasso
Das aguas, que tambem nenias solução.

« Suspirada Coema, em paz descança
No teu florido e funebre jazigo;
Mas, quando a noite dominar no espaço,
Quando a lúa coar humidos raios
Por entre as densas, buliçosas ramas,
Da candida neblina véste as fórmas,
E vem no bosque suspirar co'a brisa:
Ao guerreiro, que dorme, inspira sonhos,
E á virgem, que adormece, amor inspira. »

Calou-se ; o maracá rugio de novo
A extrema vez ; e jaz emmudecido.
Mas no remanso do silencio e trevas,
Como debil vagido, escutarias
Queixosa voz, que repetia em sonhos:
« Veste, Coema, as fórmas da neblina,
Ou vem nos rios tremulos da lúa
Cantar, viver e suspirar commigo. »

Ogib, o velho, pae do aventureiro
Jatyr, não dorme nos vasios tectos:
Do filho ausente prendem-no cuidados;
Vela cançado e triste o pae coitado,
Lembrando-se desastres que passárão
Imprórvidos, no bosque pernoitando.
E vela, — e a mente afflicta mais se enluta,
Quanto mais cresce a noite e as trevas crescem !

Já tarde, sente uns passos apressados,
Medindo a taba escura ; o velho treme,
Estende a mão convulsa, e roça um corpo
Molhado e tiritante: a voz lhe falta...
Attende largo espaço, até que escuta
A voz do sempre afflicto Piahiba,
Ao pé do fogo extincto lastimar-se.

« O louco Piahiba, a noite inteira,
Andou nas mattas ; miserando soffre ;
O corpo tem aberto em fundas chagas,
E o orvalho gotejou fogo sobre ellas :
Como o verme na fructa, um Deos maligno
Lhe mora na cabeça, oh ! quanto soffre !

« Emquanto o velho Ogib está dormindo,
Vou-me aquecer ;
O fogo é bom, o fogo aquece muito ;
Tira o soffrer,
Emquanto o velho dorme, não me expulsa
D'ao pé do lar ;
Dou-lhe a mensagem, que me deu a morte,
Quando acordar !
Eu vi a morte ; vi-a bem de perto
Em hora má !
Vi-a de perto, não me quiz comsigo,
Por ser tão má.
Só não tem coração, dizem os velhos,
E é bem de vêr ;
Que, se o tivera, me daria a morte,
Que é meu querer.
Não quiz matar-me ; mas é bem formosa ;
Eu vi-a bem :
E como a virgem, que não tem amores,
Nem odios tem.
O fogo é bom, o fogo aquece muito,
Quero-lhe bem ! »

Remexe, assim dizendo, as frias cinzas
E mais e mais conchega-se ao borralho.
O velho em tanto, erguido a meio corpo
Na rede, escuta pavido, e tirita
De frio e medo. — quasi igual delirio
Castiga-lhe as ideias transformadas.

« Já me não lembra o que me disse a morte !...
Ah ! sim, já sei !
— Junto ao sepulchro da fiel Coema,
Alli serei :

Ogib emprazo, que a fallar me venha
Ao anoitecer! —
O velho Ogib ha de ficar contente
Co'o meu dizer;
Talvez que o velho, que viveu já muito,
Queira morrer! »

Emmudeceu: alfim tornou mais brando:

« Mas dizem que a morte procura mancebos;
Porém tal não é;
Que colhe as florinhas abertas de fresco
E os fructos no pé?!...
Não, não, que só ama sem folhas as flôres,
E sem perfeição;
E os fructos perdidos, que apanha golosa,
Cahidos no chão.
Tambem me não lembra que tempo hei vivido.
Nem por que razão
Da morte me queixo, que vejo, e não vê-me,
Tão sem compaixão. »

As ancias não vencendo, que o soçobrão,
Salta da curva rede Ogib afflicto;
Tremulo as trevas apalpando, topa,
E roja miserando aos pés do louco.

« Oh! dize-me, se a viste, e se em tua alma
Algum sentir humano inda se aninha,
Jatyr, que é feito delle? Disse a morte
Haver-me cubiçado o moço imberbe,
A cara luz dos meus cansados olhos?
Oh, dize-o! Assim o espirito inimigo
Folgados annos respirar te deixe! »

O louco ouvio nas trevas os soluços
Do velho, mas seus olhos nada alcanção.
Pasma, e de novo o seu cantar começa :
« Emquanto o velho dorme, não me expulsa
D'ao pé do lar. »
— « Mas expulsei-te eu nunca ? »
Tornava Ogib a desfazer-se em pranto,
Em ancias de transido desespero.
« Bem sei que um Deus te mora dentro d'alma ;
E nunca houvera Ogib de espancar-te
Do lar, onde Tupan é venerado.
Mas falla ! oh ! falla, uma só vez repete-o :
Vagaste á noite nas sombrias mattas... »

« Silencio ! brada o louco : não escutas ?! »
E pára, como ouvindo uns sons longinquos.
Depois prosegue : « Piahiba o louco
Errou de noite nas sombrias mattas ;
O corpo tem aberto em fundas chagas,
E o orvalho gotejou fogo sobre ellas.
Geme e soffre, e sente fome e frio,
Nem ha quem de seus males se condôa.

Oh ! tenho frio ! o fogo é bom, e aquece,
Quero-lhe bem ! »
« Tupan, que tudo pódes,
Orava Ogib em lagrimas desfeito,
A vida inutil do cansado velho
Toma, se a queres ; mas que eu veja em vida,
Meu filho, e só depois me colha a morte !

CANTO TERCEIRO

Era a hora em que a flôr balança o calix
Aos doces beijos da serena brisa,
Quando a ema soberba alteia o collo,
Roçando apenas o matiz relvoso ;
Quando o sol vem doirando os altos montes,
E as ledas aves á porfia trinão,
E a verde coma dos frondosos cedros
Move o perfume, que embalsama os ares;
Quando a corrente meio occulta sôa
De sob o denso véu da parda névoa ;
Quando nos pannos das mais brancas nuvens
Desenha a aurora melindrosos quadros
Gentís orlados com listões de fogo ;
Quando o vivo carmim do esbelto cactus
Refulge a medo abrilhantado esmalte,
Doce poeira de aljofradas gotas,
Ou pó subtil de perolas desfeitas.

Era a hora gentil, filha de amores,
Era o nascer do sol, libando as meigas,
Risonhas faces da luzente aurora !

Era o canto e o perfume, a luz e a vida,
Uma só coisa e muitas, — melhor face
Da sempre vária e bella natureza :
Um quadro antigo, que já vimos todos,
Que todos com prazer vemos de novo.

Ama o filho do bosque contemplar-te,
Risonha aurora, — ama acordar comtigo ;
Ama espreitar nos céus a luz que nasce,
Ou rosea ou branca, já carmim, já fogo,
Já timidos reflexos, já torrentes
De luz, que fere obliqua os altos cimos.
Amavão contemplar-te os de Itajuba
Impavidos guerreiros, quando as tabas
Immensas, que Jaguar fundou primeiro
Crescião, como crescem gigantescos
Cedros nas mattas, prolongando a sombra
Longe nos valles, — e na copa excelsa
Do sol estivo os abrasados raios
Parando em vasto leito de esmeraldas.

As tres formosas tabas de Itajuba
Já forão como os cedros gigantescos
Da corrente empedrada ; hoje acamados
Fosseis que dormem sob a terrea crusta,
Que os homens e as nações por fim sepultão
No bojo immenso ! — Chame-lhe progresso
Quem do exterminio secular se ufana ;
Eu modesto cantor do povo extincto
Chorarei nos vastissimos sepulchros,
Que vão do mar aos Andes, e do Prata
Ao largo e doce mar das Amasonas.
Alli me sentarei meditabundo

Em sitio, onde não oição meus ouvidos
Os sons frequentes d'europeus machados
Por mãos de escravos Afros manejados,
Nem veja as mattas arrasar, e os troncos,
D'onde, chorando, a preciosa gomma
Resina virtuosa e grato incenso
A nossa incuria grande eterno assellão ;
Em sitio onde os meus olhos não descubrão
Triste arremêdo de longinquas terras.
Aos crimes das nações Deus não perdôa ;
Do pae aos filhos e do filho aos netos,
Porque um delles de todo apague a culpa,
Virá correndo a maldição — contínua,
Como fuzís de uma cadeia eterna.
Virão nas nossas festas mais solemnes
Myriadas de sombras miserandas,
Scarnecendo, seccar o nosso orgulho
De nação ; mas nação que tem por base
Os frios ossos da nação senhora,
E por cimento a cinza profanada
Dos mortos, amassada aos pés de escravos.
Não me deslumbra a luz da velha Europa ;
Ha de apagar-se, mas que a inunde agora :
E nós !... sucámos leite máo na infancia,
Foi corrompido o ar que respirámos,
Havemos de acabar talvez primeiro.

America infeliz ! — que bem sabia,
Quem te creou tão bella e tão sósinha,
Dos teus destinos máos ! Grande e sublime
Corres de polo a polo entre dois mares
Os maximos do globo : annos da infancia
Contavas tu por seculos ! que vida

Não fôra a tua na sazão das flôres!
Que magestosos fructos, na velhice,
Não deras tu, filha melhor do Eterno,
America infeliz, já tão ditosa
Antes que o mar e os ventos não trouxessem
A nós o ferro e os cascaveis da Europa?!
Velho tutor e aváro cubiçou-te,
Desvalida pupilla, e herança pingue
E o brilho e os dotes da sem par belleza!
Cedeste, fraca; e entrelaçaste os annos
Da mocidade em flôr — ás cans e á vida
Do velho, que já pende e já declina
Do leito conjugal immerecido
Á campa, onde talvez cuida encontrar-te!

Tu, filho de Jaguar, guerreiro illustre,
E os teus, de que então vos occupaveis,
Quando nos vossos mares alinhadas
As náos de Hollanda, os galeões de Hespanha,
As fragatas de França, e as caravellas
E portuguezas náos se abalroavão,
Retalhando entre si vosso dominio,
Qual se vosso não fôra? Ardia o prelio,
Fervia o mar em fogo á meia noite,
Nuvem de espesso fumo condensado
Toldava astros e céus; e o mar e os montes
Acordavão rugindo aos sons troantes
Da insolita peleja! — Vós, guerreiros,
Vós, que fazieis, quando a espavorida
Fera bravia procurava azilo
Nas fundas mattas, e na praia o monstro
Marinho, a quem o mar, já não seguro
Reparo contra a força e industria humana,

Lançava alheio e pavido na areia?
Agudas setas, válidos tacápes
Fabricavão talvez!... ai não... capellas,
Capellas ennastravão para ornato
Do vencedor; — grinaldas penduravão
Dos alindados tectos, porque vissem
Os forasteiros, que os paternos ossos
Deixando atraz sem manitôs vagavão,
Os filhos de Tupan como os hospedão
Na terra a que Tupan não dera ferros!

Rompia a fresca aurora, rutilando
Signaes de um dia limpido e sereno.
Então vinhão sahindo os de Itajuba
Fortes guerreiros a contar os sonhos
Com que Tupan amigo os bafejára,
Quando as estrellas pallidas tombavão,
Já de clarão maior esmorecidas.
Vinhão ledos ou tristes na apparencia,
Timoratos ou cheios de hardimento,
Como o futuro evento se espelhava
Nos sonhos, bons ou máos; mas accordal-os
Disparatados, e o melhor de tantos
Colligir, era missão mais alta.
Não fosse o piága interprete divino,
Nem os seus olhos penetrante vissem
O porvir, ao travez do véu do tempo,
Como ao travez do corpo a mente enxergão;
Não fosse, e quem ha hi que se afoutasse
Em campo de batalha a expôr a vida,
A vida nossa tão querida, e tanto

Da flôr a vida breve semelhando ;
Roaz insecto a vae traçando em gyro,
Nem mais revive uma só vez cortada !

Mande porém Tupan seus gratos filhos,
Rogados sonhos, que os decifra o piága :
E Tupan, de benigno os influe sempre
Em vesp'ras de batalha, como as chuvas
Descem, quando a terra humores pede,
Ou como, em sazão propria, brotão flôres.

Postão-se em fórma de crescente os bravos
Avida turba mulheril no emtanto
O rito sacro impaciente aguarda.
Brincão na relva os folgasões meninos,
Emquanto os mais crescidos, contemplando
O apparato electrico das armas,
Enlevão-se ; e, mordidos pela inveja,
Discorrem lá comsigo ; — Quando havemos
Nós outros, d'empunhar d'aquelles arcos,
E quando levaremos de vencida
As hostes vís do perfido Gamella !

Vem por fim Itajuba. O piága austero,
Volvendo o maracá nas mãos myrrhadas,
Pergunta : « Foi o espirito comvosco,
O espirito da força, e os ledos sonhos,
Ministros de Tupan, nuncios da gloria ? »
— Sim, forão, lhe respondem, ledos sonhos,
Correios de Tupan ; mas o mais claro
É duro nó que o piága só desata. —
« Dizei-os pois, que vos escuta o piága. »
Disse, e maneja o maracá : das boccas
Do mysterio divino, em puros flocos
De neve, o fumo em borbotões golfeja.

Diz um que, divagando em mattas virgens
Sentíra a luz fugir-lhe de repente
Dos olhos, — se não foi que a natureza,
Por magico feitiço transtornada,
Vestia por si mesma novas galas
E aspectos novos, — nem as elegantes,
Viçosas trepadeiras, nem as redes
Agrestes do cipó já divisava.
Em logar da floresta, uma clareira
Relvosa descobria : em vez das arvores
Tão altas, de que havia pouco o bosque.
Parecia ufanar-se, — um tronco apenas,
Mas tronco tal que os resumia a todos.

Alli sósinho o tronco agigantado
Luxuriava em folhas verde-negras,
Em flôres côr de sangue, e na abundancia
Dos fructos, como nunca os vio nas mattas ;
Tão alvos como a flôr do mamãozeiro,
De macia pennugem debruados.

« Extatico de os vêr alli tão bellos
Taes fructos, que eu algures nunca víra,
O barbaro dizia, fui colhendo
O melhor, porque o visse de mais perto.
Pezar de não saber se era salubre,
Anciava gostal-o, e em dura lida
Lutava o meu desejo co'a prudencia.
Venceu aquelle ! ai não vencesse nunca !
Nunca, ludibrio vão dos meus desejos,
Mordessem-n'o meus labios resequidos !
Contal-o me arripia ! — Mal o tóco,
Força-me a rejeital-o um quê de occulto,
Que os nervos me estremece : a causa inquiro...

Eis que uma cobra, uma coral, de dentro
Desdobra o corpo lubrico, e em tres voltas,
Mal grata armilla, me circunda o braço.

Da vista e do contacto horrorizado,
Sacudo o extranho ornato ; em vão me agito :
Com quanto mais affan tento livrar-me,
Mais apertado o sinto. — Nisto acórdo,
Humido o corpo e fatigado, e a mente
Molesta ainda do combate inglorio.
O que é, não sei ; tu sabes tudo, ó piága :
Ha hi talvez razão que eu não alcanço,
Que certo isto não é sonhar batalhas. »

« Haja sentido occulto no teu sonho,
(Diz ao guerreiro o piága) eu, que levanto
O véu do tempo, e aos mortaes o mostro,
Dir-t'o-hei por certo ; mas eu creio e tenho
Que algum genio turbou-te a fantasia,
Talvez angoéra de traidor Gamella ;
Que os Gamellas são perfidos em morte,
Como em vida. » — Assim e, diz Itajuba.

Outro sonhou caçadas abundantes,
Temiveis caitetús, pacas ligeiras,
Coatis e jabotins, — té onça e tigres,
Tudo em rimas, em feixes : outro em sonhos
Nada disto enxergou ; porém cardumes
De peixes varios, que o timbó prestante
Trazia quasi á mão, se não fechados
Em mondés espaçosos ! — gaudio immenso !
De os ver alli raivando na estacada
Tão grandes serubins, trauíras tantas,
Ou boiando sem tino á flôr das aguas !

Outros não virão nem mondés, nem peixes,
Nem aves, nem quadrupedes : mas grandes
Çamotins transbordando argentea espuma
Do fervente cauím ; e por tres noites
Gyrar em roda a taça do banquete,
Emquanto cada qual memora em cantos
Os feitos proprios : reina o guáu, que passa
D'estes áquelles com cadencia alterna.

O piága exulta ! « Eu vos auguro, ó bravos,
Do heróe Tymbira (clama enthusiasta)
Leda victoria ! Nunca em nossas tabas
Haverá de correr melhor folgança,
Nem ganhareis jamais honra tamanha.
Bem sabeis como é de uso entre os que vencem
Festejar o triumpho : o canto e a dança
Marchão de par, — banquetes se preparão,
E a gloria da nação mais alta brilha !
Oh ! nunca sobre as tabas de Itajuba
Haverá de nascer mais grata aurora ! »

Soão festivos gritos, e as pocemas
Dos guerreiros, que soffregos escutão
Do piága os ditos, e o feliz augurio
Da proxima victoria. Não dissera,
Quem quer que fosse extranho aos usos delles
Senão que por aquella densa pinha
De vulgo, se espalhára a fausta nova
De gloriosa acção já consummada,
Que os seus, validos da victoria, obrárão.

Emtanto Japegoá posto de parte,
Emquanto lavra em todos o contagio
Da gloria e do prazer, — bem claro mostra

No rosto descontente o que medita.
« Prazer que em altos gritos se propala.
Discorre lá comsigo o Americano,
É como a chamma rapida correndo
Nas folhas da pindoba : é falso e breve! »

Attenta nelle o chefe dos Tymbiras,
Como que interno, igual presentimento
Rejeita, seu máo grado a voz do piága.
« Que pensa Japegoá ? Acaso em sonhos
Tremendo e torvo se lhe entolha o exito
Da batalha ? ou seja, ou não comnosco,
Que tarda em nos dizer seu pensamento ? »
« Eu vi, » diz Japegoá (e assim dizendo,
Sacode vezes tres a fronte adusta,
Onde gravára da prudencia o sello
Contínuo meditar). « Vi altos combros
De mortos já pollutos, — vi lagôas
Brutas de sangue impuro e negrejante ;
Vi setas e carcaz espedaçados,
Tacápes adentados, ou partidos,
Ou já sem fio ! — vi... » Eis Catucaba
Mal soffrido intervem, interrompendo
A narração do sonhador de males.
Bravo e hardido como é, nunca a prudencia
Lhe foi virtude, nem por tal a acceita.
Nunca o memby guerreiro em seus ouvidos
Troôu medonho, inhospito combate,
Que ás armas não corresse o valeroso,
Intrepido soldado ; mais que tudo
Amava a luta, o sangue, vascas, transes,
Convulsos arrepios, altos gritos
Do vencedor, imprecações sumidas

Do que, vencido, jaz no pó sem gloria.
Sim, ama e quer o trafego das armas
Talvez melhor que a si ; nem mais risonha
Imagem se lhe antolha, nem ha cousa
Que tenha em mais apreço ou mais cubice.
O p'rigo mesmo, o leite dos combates,
(Cauim das almas fortes o chamava)
Era sorte e condão que o electrizava :
Um p'rigo que aventasse era feitiço,
Que em delirio de febre o transtornava.
Fanatico de si, ébrio de gloria,
Lá se arrojava intrepido e brioso,
Onde peor, onde mais negro o via.

Não erão dois na esquadra de Itajuba
De genios em mais pontos encontrados :
Por isso em luta sempre. Catucaba,
Fragueiro, inquieto, sempre aventuroso,
Em cata de mais gloria e mais renome,
Sempre á mira de encontros arriscados,
Sempre o arco na mão, sempre embebida
Na corda tesa a frecha equilibrada.
Ninguem mais solto em vozes, mais galhardo
No guerreiro desplante, ou que mostrasse
Atrevido e soberbo e forte em campo
Quer pujança maior, quer mais orgulho.

Japegoá, corajoso, mas prudente,
Evitava o conflicto ; via o risco,
Media o seu poder e as posses delle
E o azar da luta e descançava em ocio.
Sua propria indolencia revelava
Animo grande e não vulgar coragem.

Se fosse lá nos paramos da Libia,
Deitado á sombra da arvore gigante,
O leão da Numidia bem pudéra
Trilhar por junto delle os movediços
Combros de areia, — amedrontando os ares
Com aquelle bramir agreste e rudo,
Que as feras sem terror ouvir não sabem ;
O indio ouvíra impavido o rugido,
Sem que o terror lhe destingisse as faces,
E ao rei dos animaes voltando o rosto,
Sómente por que mais a geito o visse,
Víras ambos, sombrios, magestosos,
Contemplarem-se a espaço, destemidos ;
D'extranheza o leão os seus rugidos
Na gorja suffocar, e a nobre cauda,
Entre medos e assomos de hardimento,
Mover de leve e irresoluto aos ventos !

Um — era a luz fugaz facil prendida
Nas plumas do algodão : luz que deslumbra
E que em breve amortece ; outro — faisca,
Que, surda, pouco e pouco vai lavrando
Não vista e não sentida té que surge
D'um jacto só, tornada incendio e fumo.

« Que viste, diz-lhe o emulo brioso,
Só coalheiras de sangue inficionado,
Só tacápes e setas bipartidas,
E corpos já corruptos ? ! Eia, ó fraco,
Embora em ocio ignavo aqui descances,
E nos misteres feminís te adextres !
Ninguem te chama á vida dos combates,
Não te almeja ninguem por companheiro,
Nem ha-de o sonho teu acobardar-nos.

É certo que haverá mortos sem conto,
Mas não seremos nós ; — setas partidas,
As nossas, não ; tacápes amolgados...
Mas os nossos verás mais bem talhantes,
Quando houverem partido imigos craneos.

« Heróe, não em façanhas, mas nos ditos,
Lidador que a vileza d'alma encobres
Com frazes descortezes, — já te virão,
Pendentes braço e armas, contemplando
Os feitos meus, pezar que sou cobarde.
Essa infame tarefa que me incumbes,
É minha, sim ; mas por diverso modo :
Não ministro cauím ás vossas festas ;
Mas na refrega o meu trabalho é vosso.
Da batalha no campo achaes defunctos,
Vossa gloria e brasão, corpos sem conto,
Cujas feridas largas e profundas,
De largas e profundas, denuncião
A mão que as sóe fazer com tanto effeito.
Não tenho espaço onde recolha os ossos,
Não tenho cinto onde pendure os craneos,
Nem collar onde caibão tantos dentes,
De quantos venci já : por isso inteiros
Lá vol-os deixo, heróes ; e vós lá ides,
Em que me não queiraes por companheiros,
Rivaes dos urubús, fortes guerreiros,
Facil triumpho conquistar nas trevas,
Aos vorazes tatús roubando a presa. »

Calou-se... e o vulgo rosna em torno d'ambos,
D'este ou d'aquelle heróe tomando as partes.
Pois que?...ha-de ficar tamanha affronta
Impune, e não haveis levar das armas,
Porque o sangue a desbote e apague inteira ? »

Dizião, — e a taes ditos mais fermenta
A raiva em ambos ; fazem-lhes terreiro,
Já verga o arco, já se entesa a corda,
Já batem pés no solo pulvurento :
Corrêra o sangue de um, talvez o de ambos,
Que sobre os dois a morte abríra as azas!

Silencio! brada o chefe dos Tymbiras,
Interposto severo en meio de ambos;
De um lado e outro a turba circumfusa
Emmudece, — divide-as largo espaço,
De cujo centro gyra os torvos olhos
O heróe, e só de olhar lhe estende as raias.
Assim de altivo pincaro descamba
Enorme rocha, obstruindo o leito
De um rio caudaloso : as fundas agoas,
Latindo em vão na rocha volumosa,
Separão-se cavando novos leitos,
Emquanto o antigo se resecca e abrasa.

Silencio! disse; e em torno os olhos gyra,
Fulgidos, negros : orgulhosas frontes,
Que aos golpes do tacápe não se dobrão
Em torno sobre o peito vão cahindo,
Uma após outra; altivo um só apenas
Rebelde arrosta o olhar! — rapido golpe.
Rapido e forte, como o raio, o prostra
Na arena em sangue! Mosqueado tigre,
Se cáe no meio de preás medrosos,
Talvez no primo impulso algum aferra·
Mas vê que foge a turba espavorida,
Vulgacho imbelle! ao misero que prende
E torce ainda nas compridas garras,
Longe, sem vida, desdenhoso arroja.

Assim o heróe. Por longo tracto mudo,
Soberbo e grande alfim mostrando o rio,
Quedou sem mais dizer : o rio ao longe
As aguas, como sempre, magestosas
Na gorja das montanhas derramava,
Caudal immenso. « Traz d'aquelles montes,
Diz Itajuba, não sabeis quem seja ?
Affronta e nome vil haja o guerreiro,
Que ousa lutas ferir, travar discordias,
Quando o imigo boré tão perto sôa ! »

Accorre o piága em meio do conflicto.
« Prudencia, ó filho de Jaguar, exclama;
Nem mais sangue tymbira se derrame,
Que já não basta por pagar-nos deste,
Que derramaste, quanto houver nas veias
Dos perfidos Gamellas. O que ouviste,
Que o forte Japegoá diz ter sonhado,
Assella o que Tupan me está dizendo,
Cá dentro em mim nos decifrados sonhos,
Depois que os funestou propinquo sangue. »

« Devoto piága (Mojacá prosegue),
Que vida austera e penitente vives
Dos rochedos na lapa venerada,
Tu, dos genios do Ibáke bem fadado,
Tu face a face com Tupan pratícas
E vês nos sonhos meus melhor qu'eu mesmo,
Escuta e dize, ó venerando piága,
(Benevolo Tupan teus ditos oiça)
Angoéra máo turbou-te a phantasia,
Afflicto Mojacá, teu sonho mente. »

Palavras taes no indio circumspecto,
Cujos labios em vão nunca se abrírão ;

Guerreiro, cujos sonhos nunca forão,
Nem mesmo em risco estreito, pavorosos;
No vulgo frio horror vão trescalando,
Que entre a crença do piága, e a deferencia
Devida a tanto heróe fluctúa incerta.

« Eu vi, diz elle, vi em taba imiga
Guerreiro, como vós, comado e hirsuto!
A corda estreita do cruento rito
Os rins lhe aperta : a dura tangapema
Sobre-está-lhe fatal ; — cantos se entôão
E a turba dansatriz em torno gyra.
Sonho não foi, que o vi, como vos vejo :
Mas não vos direi já quem fosse o triste!
Se visseis, como eu vi, a fronte altiva,
O olhar soberbo, — aquella força grande,
Aquelle riso desdenhoso e fundo...
Talvez um só, nenhum talvez se encontre,
Que seja para estar no passo horrendo
Tão seguro de si, tão descansado!

Acaso um tronco volumoso e tosco
De escamas fortes entre si travadas
Alli perto jazia. Ogib, o velho,
Pae do errante Jatyr, alli sentou-se;
Alli triste pensava, até que o sonho
Do afflicto Mojacá veio acordal-o.
« Tupan! que mal te fiz, que assim me colhe
Do teu furor a seta envenenada? »
Com voz chorosa e tremula clamava.
« Escuto os gabos que só cabem nelle.
Vejo e conheço o costumado ornato
Do filho meu querido! isto que fôra,
A quem tão infeliz como eu não fosse,

Ventura grande, me constringe o peito!
Conheço o filho meu no que disseste,
Guerreiro, como a flôr pelo perfume,
Como o esposo conhece a grata esposa
Pelas usadas plumas da arassoya,
Que entre as folhas do bosque a espaços brilha
Ai! nunca brilhe a flôr, se hão-de roel-a
Insectos; nunca vague a linda esposa
No bosque, se hão-de as feras devoral-a! »

A dôr que mostra o velho em todo o aspecto,
Nas vozes por soluços atalhadas,
Nas lagrimas que chora, os move a todos
A triste compaixão; mas mais áquelle,
Que, antes do pobre pae, já todo angustias,
Da propria narração se enternecia.
Ás querellas de Ogib volta o rosto
O fatal sonhador, — que, seu máo grado,
As setas da afflicção tendo cravado
Nas entranhas de um pae, quer logo o succo
Fresco e saudavel, do louvor, na chaga
Verter-lhe, donde o sangue em jorros salta.

« Tal era, tão impavido (prosegue,
Fitando o velho Ogib) o seu desplante,
Qual foi o de Jatyr n'aquelle dia,
Quando, novel nas artes do guerreiro,
Circumdado se vio á nossa vista
D'imiga multidão : todos o vímos ;
Todos da clara estirpe deslembrados,
Clamámos tristes, pavidos : — É morto! —
Elle porém que o arco usar não póde,
O valido tacápe desprendendo,

Sacode-o, vibra-o : fere, prostra e mata
A este, áquelle; e em volumosos feixes
Acerva a turva vil, lucrando um nome.
Tapyr, caudilho seu, que não supporta
Que um homem só e quasi inerme, o cubra
De tamanho labéo, altivo brada :
— Cede-me, estulto, cede ao meu tacápe
Que nunca ameaçou ninguem debalde. —
E assim dizendo vibra crebros golpes,
Co' a bruta folha retalhando os ares!
Um coiro de tapyr, em vez de escudo,
Rijo e piloso lhe guardava os membros.
Jatyr, do arco seu curvando as pontas,
Sacode a seta fina e sibilante,
Que vara o couro e o corpo e surge fóra.
Tomba de chofre o indio, e o som da queda
Remata o som que a voz não rematára.
Vista a pell' do tapyr, que o resguardava,
Japy, mesmo Japy lhe inveja o tiro. »

Todo o campo se afflige, todos clamão
« Jatyr! Jatyr! o forte entre os mais fortes. »
Ordem não ha; mulheres e meninos
Baralhão-se em tropel : o pranto, os gritos
Confundem-se : do velho Ogib emtanto
Mal se percebe a voz « Jatyr » gritando.

Itajuba por fim silencio impondo
Á turba mulheril, e a dos guerreiros
Mesta batalha : « Consultemos, disse,
Consultemos o piága : as vezes póde
O santo velho serenando, o Ibáke,
Amigo bom tornar o Deos malquisto ».

« Mas ora não ! — responde o piága iroso.
Só quando ruge a negra tempestade,
Só quando a furia d'Anhangá fuzila
Raios do escuro céu na terra afflicta
Do piága vos lembraes ? Tarda lembrança,
Tarda e fatal, guerreiros! Quantas vezes
Não fui, eu mesmo, nos terreiros vossos
Fincar o santo maracá ? Debalde,
Debalde o fui, que á noite se achava sempre
Sem offertas, que aos Deoses tanto prazem !
Nú e despido o vi, como ora o vêdes.
(E assim dizendo mostra o sacrosanto
Mysterio, que de irado pareceu-lhes
Soltar mais rouco som no seu rugido)
Quem de vós se lembrou que o santo Piága
Na lapa dos rochedos se myrrhava
Á pura mingoa? Só Tupan, que ao velho
Deu não sentir os dentes aguçados
Da fome, que por dentro o remordia,
E mais cruel, passada entre os seus filhos! »

« Cegou-nos Anhangá, diz Itajuba;
Fincado o maracá nos meus terreiros,
Cegou-nos certo ! — nunca o vi sem honras!
Que se o víra, bom piága... oh ! não se diga
Que um homem só, dos meus, perece á mingoa,
(Quem quer que seja, quanto mais um piága)
Quando campeião tantos homens d'arco
Nas tabas de Itajuba, — tantas donas
Na cultura dos campos adextradas.
Hoje mesmo farei que ao antro escuro
Caminhem tantos dons, tantas offertas,
Que o teu santo mysterio ha-de por força,
Quer o queiras, quer não, dormir sobre ellas ! »

« Talvez a rica offrenda aplaca os Deoses,
E saudavel conselho a noite inspira! »
Disse e sem mais dizer acolhe á gruta.

« Á caça, ó meus guerreiros! brada o chefe:
Ledas donzellas ao cauím se appliquem,
Os meninos á pesca, á roça as donas,
Eia! » — Ferve o labor, reina o tumulto,
Que quasi tanto val como a alegria,
Ou antes, só prazer que o povo gosta.

Já deslembrados do que ausente chorão
(Favor das turbas que tão leve passas!)
Ledos no peito, ledos na apparencia
Todos se incumbem da tarefa usada.

Trabalho no prazer, prazer que moras
Dentro de tanto afan! festa que nasces
Sob auspicios tão máos, possa algum genio,
Possa Tupan sorrir-te carinhoso,
E das alturas condoer-se amigo
Do triste, orfão de amor, e pae sem filho!

CANTO QUARTO

Bem vindo seja o fausto mensageiro,
O mellífluo Tymbira, cujos labios,
Distillão sons mais doces do que os favos,
Que errado caçador na brenha inculta
Por ventura topou ! Hospede amigo,
Ledo nuncio de paz, que o territorio
Pisou de imigas hostes, quando a aurora
Despontava nos céos — bem vindo seja !
Não luz mais brando e grato o romper d'alva
Que o teu sereno aspecto ; nem mais doce
A fresca brisa da manhã cicia
Pela selvosa encosta, que a mensagem
Que o chefe imigo e fero anceia ouvir-te.
Mellifluo Jurucey, bem vindo sejas
Dos Gamellas ao chefe, Gurupema,
Senhor dos arcos, quebrador das setas,
Das selvas rei, filho de Icrá valente.

Assim comsigo as hostes do Gamella :
Comsigo só, que a usada gravidade
Já na garganta, a voz lhes retardava.

Não veio Jurucey? Posto de fronte,
Arco e frecha na mão feito pedaços,
Certo signal do respeitoso encargo,
Por terra não lançou?—Que pois augura
Tal vinda, a não ser que o audaz Tymbira
Melhor conselho toma; e por ventura
De Gurupema receiando as forças,
Amiga paz lhe off'rece, e em signal della
Do vencido Gamella o corpo entrega?!
Em bem! que a torva sombra vagarosa
Do outrora chefe seu ha-de aplacar-se,
Ouvindo a mesta voz das carpideiras,
E vendo no sarcophago depostas
As armas, que no Ibáke hão-de servir-lhe,
E junto ao corpo, que foi seu, as plumas,
Emquanto vivo, insignias do mando.
Embora ostente o chefe dos Tymbiras
O ganhado trophéo; embora á cinta
Ufano prenda o gadelhudo craneo,
Aberto em crôa, do infeliz Gamella.
Embora; mas porém amigas quedem
Do Tymbira e Gamella as grandes tabas,
E largo em roda na floresta imperem,
Que o mundo em peso, unidas, affrontárão!

Nascia a aurora: do Gamella as hostes
Em pé, na praia, o mensageiro aguardão
Sisudos, graves. Um caudal regato,
Cujo branco areial a prata imita,
Sereno alli volvia as mansas aguas,
Como que triste de as levar ao rio,
Que ao mar conduz a rapida torrente
Por entre a selva umbrosa e broncas penhas.

Esta a praia! — em redor troncos gigantes,
Que a folhagem no rio debruçavão,
Onde beber frescor os galhos vinhão,
Luxuriando em viço! — penduradas
Trepadeiras gentís da coma excelsa,
Estrellando do bosque o verde manto
Aqui, alli, de flôres scintillantes,
Meneiavão-se ao vento, como fitas,
De que se ennastra a coma a virgem bella.
Era um prado, uma varzea, um taboleiro
Com mimoso tapiz de varias flôres,
Agrestes, sim, mas bellas. Genio amigo
Chegou-lhe só a magica vergasta!
Eil-as a prumo ao longo da corrente
Com requebros louçãos a enamoral-a!

A nós de embira aos troncos amarradas
Quasi ygaras sem conto figuravão
Ousada ponte no correr das aguas
Por força mais qu'humana trabalhada.

Vê-as e pasma Jurucey, notando
O imigo poderio, e seu máo grado
Váe lá comsigo mesmo discorrendo:
« Muitos e fortes são nossos guerreiros;
Muitos, certo, e as nossas tabas fortes,
Itajuba invencivel; mas da guerra
É sempre incerto o azar e sempre vario!
E... quem sabe? talvez... mas nunca, oh! nunca!
Itajuba! Itajuba! — onde ha no mundo
Posses que valhão contrastar seu nome?
Onde a seta que valha derribal-o,
E a tribu ou povo que os Tymbiras vençao?! »

Entre as hostes que a si tinha fronteiras
Penetra ! — tão galhardo era o seu gesto,
Tão sereno e guerreiro o seu desplante,
Que os Gamellas em si tambem disserão :
« Missão de paz o traga, que se os outros
São tão feros assim, Tupan nos valha,
Sim, Tupan ; que o não póde o rei das selvas ! »

Hospedagem sincera emtanto off'recem
A quem talvez não tardará buscal-os
Com fina seta no leal combate.
Ás ygaras o levão pressurosos,
Servem-lhe o piraken na guerra usado,
E os loiros dons do colmeal agreste ;
Servem-lhe amigos succulento pasto
Em banquete frugal ; servem-lhe taças
(A ver se mais que a fome o instiga a sêde)
De espumoso cauím, — taças pesadas
Na funda noz da sapucaya abertas.
Sem temor o tymbira vae provando
O mel, o piraken, as iguarias ;
Mas dos vinhos cohibe-se prudente.

Em remoto logar forma conselho
O rei das selvas, Gurupema, emquanto
Restaura o mensageiro os lassos membros.
Chama primeiro Caba-oçú valente ;
As rispidas melenas corredias
Cortão-lhe o rosto, — pendem-lhe nas costas,
Hirtas e lisas, como o junco em feixes
Acamados no leito resequido
D'invernosa corrente. O rosto feio
Aqui, alli, negreja manchas negras
Como da bananeira a larga folha,

Colhida ao romper d'alva, qu'uma virgem
Nas mãos lascivas machucou brincando.

Valente é Caba-oçú ; mas sem piedade !
Como sedenta fera almeja sangue
E de malvada acção cruel se paga.
Apresou em combate um seu contrario,
Que mais imigo tinha entre os imigos :
Da guerra os duros vinculos lançou-lhe
E a terreiro o chamou, como é de usança
Para o triumpho bellico adornado.
Fizerão-lhe terreiro os mais d'emtorno:
Elle do sacrificio empunha a maça,
Improperios assaca, vibra o golpe,
E antes que tombe o corpo, aferra os dentes
No craneo fulminado : jorra o sangue
No rosto, e em gurgulhões se expande o cerebro,
Que a fera humana rabida mastiga !
E emquanto limpa á desgrenhada coma
Do sevo pasto o esqualido sobejo,
Barbaras hostes do Gamella torcem,
A tanto horror, o transtornado rosto.

Vem Jepiaba, o forte entre os mais fortes,
Tayatú, Tayatinga, Nupançaba,
Tucura o agil, Cravatá sombrio,
Andyra, o sonhador de agouros tristes,
Que elle é primeiro a desmentir co'as armas;
Piréra que jamais não foi vencido,
Itapeba, rival de Gurupema,
Okena, que por si vale mil arcos,
Escudo e defensão dos seus que ampara;
E outros, e muitos outros, cuja morte
Não foi sem gloria no cantar dos bardos.

« Guerreiros! Gurupema assim começa:
Antes de ouvir o mensageiro estranho
Consultar-vos me é força ; a nós incumbe
Vingar do rei da selva a morte indigna.
Do que morreu, em que lhe seja eu filho,
Estende-se o desar sobre nós todos,
E a todos nós da gloriosa herança
Compete o desaggravo. Se nos busca
O filho de Jaguar, é que nos teme;
A nossa furia por ventura intenta
Voltar a mais amigo sentimento.
Talvez do vosso chefe o corpo e as armas
Com larga pompa nos envia agora:
Basta-vos isto? »

— Guerra! Guerra! exclamão.

« Notae porém quanto é pujante o chefe,
Que os Tymbiras dirige. Sempre o segue
Facil victoria, e mesmo antes da luta
As galas triumphaes dispõe seguro. »

— Embora, dizem uns; outros murmurão
Que de tão grande heróe, qual quer que seja
A offerta expiatoria, em bem, se aceite;
Outros porém, e a maior parte, incertos
Vacillão no conselho. A injuria é grande,
Bem fundo a sentem, mas bem grande é o risco.

« Se o orgulho desce a ponto no Tymbira,
Que pazes nos propõe, diz Itapeba
Com dura voz e cavernoso accento,
Já está vencido! — Alguem pensa o contrario
(E com despeito a Gurupema encara)

Alguem, não eu ! Se havemos de barato
Dar-lhe a victoria, humildes aceitando
O triste cambio (a ideia só me irrita)
De um morto por um arco tão valente,
Aqui as armas vís faço pedaços
Em breve tracto, e vou-me a ter com esse,
Que sabe leis dictar, mesmo vencido! »

Como tormenta, que rouqueja ao longe
E som comfuso espalha em surdos echos;
Como rapida frecha corta os ares,
Já perto sôa, já mais perto brame,
Já sobranceira emfim roncando estala :
Nasce fraco rumor que logo cresce,
Avulta, ruge, horrisono rimbomba.
Okena ! Okena ! o heróe nunca vencido,
Com voz troante e procellosa exclama,
Dominando o rumor, que longe echôa :

« Fujão timidas aves aos lampejos
Do raio abrasador, — medrosas fujão!
Mas não será que o heróe se acanhe ao vel-os!
Itapeba, só nós somos guerreiros ;
Só nós, que a olhos nús fitando o raio,
Da gloria a senda estreita a par trilhamos.
Tens em mim quanto sou e quanto valho,
Armas e braço emfim ! »

Eis rompe a densa
Turba que já d'emtorno d'Itapeba
Formidavel barreira alevantava.

Quadro pasmoso ! os dois de mão travadas.
Sereno o aspecto, placido o semblante,

Á furia popular se apresentavão
De constancia e valor sómente armados.
Erão escólhos gemeos, empinados,
Que a furia de um vulcão ergueu nos mares.
Eterno alli serão co'os pés no abysmo,
Co'os negros cimos devassando as nuvens,
Se outra força maior os não afunda.
Ruge embalde o tufão, embalde as vagas
Do fundo pégo á flôr do mar borbulhão!

Estranha a turba, e pasma o desusado
Arrôjo, que jamais assim não vírão!
Mas mais que todos Caba-oçú valente
Enleva-se da acção que o maravilha:
E de nobre furor tomado e cheio,
Clama altivo: « Eu tambem serei comvosco,
Eu tambem, que a só mercê vos peço
De haver ás mãos o perfido Tymbira.
Seja, o que mais lhe apraz, invulneravel,
Que d'armas não careço por vencel-o.
Aqui o tenho, — aqui commigo o apérto,
Estreitamente o apérto nestes braços
(E os braços mostra e os peitos musculosos),
Ha-de medir a terra já vencido,
E orgulho e vida perderá co'o sangue,
Arrã soprada, que um menino espoca! »

E bate o chão, e o pé na areia enterra,
Orgulhoso e robusto: o vulgo applaude,
De prazer e rancor soltando gritos
Tão altos, taes, como se alli tivera
Aos pés, rendido e morto o heróe Tymbira.

Por entre os alvos dentes que branquejão,
Ri-se o prazer nos labios do Gamella.

Ao rosto a côr lhe sobe, aos olhos chega
Fugaz clarão da raiva que aos Tymbiras
Votou de ha muito, e mais que tudo ao chefe
Que o espolio paternal mostra vaidoso.

Com gesto senhoril silencio impondo
Alegre aos tres a mão callosa off'rece,
Rompendo nestas vozes : « Desde quando
Cabe ao soldado pleitear combates
E ao chefe em ocio vil viver seguro?
Guerreiros sois, que os actos bem n'o provão;
Mas, se vos não apraz ter-me por chefe,
Guerreiro tambem sou, e onde se ajuntão
Guerreiros, hão-de haver logar os bravos!
Serei comvosco, » disse. — E aos tres se passa.

Sôão batidos arcos, rompem gritos.
Do festivo prazer, sóbe de ponto
O ruidoso applaudir. Só Itapeba,
Que ao seu rival deu azo de triumpho.
Mal satisfeito e quasi irado rosna.

Um Tapuya, guerreiro adventicio,
Filhado acaso á tribu dos Gamellas,
Pede attenção, — prestão-lhe ouvidos todos.
Estranho é certo; — porém longa vida
A velhice robusta lhe autorisa.
Muito ha visto, soffreu muitos revezes,
Longas terras correu, aprendeu muito;
Mas quem é, donde vem, qual é seu nome?
Ninguem o sabe : elle o não disse nunca.
Que vida teve, a que nação pertence,
Que azar o trouxe á tribu dos Gamellas?
Ignora-se tambem. Nem mesmo o chefe
Perguntar-lh'o se atreve. É forte, é sabio,

É velho e experiente, o mais que importa?
Chamem-lhe o forasteiro, é quanto basta.
Se á caça os aconselha, a caça abunda;
Se á pesca, os rios cobrem-se de peixes;
Se á guerra, ai da nação que elle indigita!
Valem seus ditos mais que valem sonhos,
E acerta mais que os piágas nos conselhos.

« Mancebo (assim diz elle a Gurupema),
Já vi o que por vós não será visto,
Immensas tabas, barbaros imigos,
Como nunca os vereis: andei já tanto,
Que o não fareis, andando a vida inteira!
Estranhos casos vi, chefes pujantes!
Tabyra, o rei dos bravos Tobajaras,
Alkindar, que talvez já não exista,
Ipperú, Jeppipó de Mambucaba,
E Konian, rei dos festins guerreiros;
E outros, e outros mais. Pois eu vos digo,
Acção, que eu saiba, de tão grandes Cabos,
Como a vossa não foi, — nem tal façanha
Fizerão nunca, e sei que forão grandes!
Itapeba entre os seus não encontráras,
Que não pagasse com seu sangue o arrojo
De tanto ás claras pôr-se-lhes contrario.
Mas quem do humano sangue derramado
Por ventura se peja? — em que logares
A gloria da peleja horror infunde?
Ninguem, nenhures, ou sómente aonde,
Ou só aquelle que já vio tingidas
Crúas vagas de sangue, e os turvos rios
Ao mar volvendo mortos por tributo.
Vi-as eu, inda novo; mas tal vista
Do humano sangue saciou-me a sede.

Ouvi-me, Gurupema, ouvi-me todos ;
Da sua tentativa o rei das selvas
Teve por premio o lacrimoso evento;
E era chefe brioso e bom soldado!
Só não pôde soffrer que alguem dissesse
Haver outro maior tão perto delle!
A vaidade o cegou! hardida empresa
Commetteu, mas por si ; de fóra, e longe
Os seus o vírão deslindar seu pleito.
Vencido foi... a vossa lei de guerra,
Barbara, sim, mas lei, — dava ao Tymbira
Usar como elle usou, do seu triumpho.
A que pois fabricar novos combates?
Porque emprehendel-os nós, quando mais justos
Os Tymbiras talvez mover pudérão?
Que vos importa a vós vencer batalhas!
Tendes rios piscosos, fundas mattas,
Innumeros guerreiros, tabas fortes;
Que mais vos é mister? Tupan é grande :
De um lado o mar se estende sem limites,
Pingues florestas d'outro lado correm
Sem limites tambem. Quantas ygaras,
Quantos arcos houvermos, nas florestas,
No mar, nos rios caberão ás largas :
Porque então batalhar? porque insensatos,
Buscando o inutil, necessario aos outros,
Sangue e vida arriscar em nescias lutas?
Se o filho de Jaguar trazer-nos manda
Do chefe desditoso o frio corpo,
Aceite-se.... se não... voltemos sempre,
Ou com elle, ou sem elle, ás nossas tabas,
Ás nossas tabas mudas, lacrimosas,

Que hão de certo enlutar nossos guerreiros
Quer vencedores voltem, quer vencidos. »

Do forasteiro, que tão solto falla
E tão livre argumenta, Gurupema
Pesa a prudente voz, e alfim responde :
« Tupan decidirá. » — « Oh ! não decide,
(Como comsigo diz o forasteiro)
Não decide Tupan humanos casos,
Quando imprudente e cego o homem corre
D'encontro ao fado seu ; não valem sonhos,
Nem da prudencia meditado aviso
Do atalho infausto a desviar-lhe os passos !

O chefe dos Gamellas não responde :
Váe pensativo demandando a praia,
Onde o Tymbira mensageiro o aguarda.

Reina o silencio, sentão-se na arena,
Jurucey, Gurupema e os mais com elles.
Amiga recepção, — alli não viras
Nem pompa oriental, nem galas ricas,
Nem armados salões, nem corte egregia,
Nem regios passos, nem caçoilas fundas,
Onde a cheirosa gomma se derrete.
Era tudo singelo, simples tudo,
Na carencia do ornato — o grande, o bello,
Na propria singeleza a magestade
Era a terra o palacio, as nuvens tecto,
Columnatas os troncos gigantescos,
Balcões os montes, pavimento a relva,
Candelabros a lua, o sol e os astros.

Lá 'stão na branca areia descansados.
Como festiva taça n'um banquete,

O cachimbo de paz, correndo em roda,
De fumo adelgaçado cobre os ares.
Almejão, sim, ouvir o mensageiro,
E mudos são comtudo : não dissera,
Quem quer que os visse alli tão descuidosos,
Que ardor inquieto e fundo os anciava

O forte Gurupema alfim começa
Após congruo silencio, em voz pausada ;
— Saúde ao nuncio do Tymbira ! disse.
Tornou-lhe Jurucey : « Paz aos Gamellas,
Renome e gloria ao chefe seu preclaro ! »
— A que vens pois ! Nos te escutamos : falla.
« Todos vós, que me ouvís, vistes boiantes,
Á mercê da corrente, o arco e as setas
Feitas pedaços, por mim mesmo inuteis. »

« E de t'o ver folguei ; mas quero eu mesmo
Ouvir dos labios teus quanto imagino.
Acata-me Itajuba, e de medroso
Tenta poupar aos seus tristeza e luto ?
A flôr das tabas suas talvez manda
Trazer-me o corpo e as armas do Gamella,
Vencido, em mal, no desleal combate !
Pois seja, que talvez não queira eu sangue ;
E do justo furor quebrando as setas...
Mas dize-o tu primeiro... Nada temas ;
É sagrado entre nós guerreiro inerme,
E mais sagrado o mensageiro estranho. »

Treme de pasmo e colera o Tymbira,
Ao ouvir tal discurso. — Mais sorpreso
Não fica o pescador, que mariscando
Vae na maré vasante, quando avista

Envolto em lodo um tubarão na praia,
Que reputa sem vida; passa rente,
E co' as malhas da rede acaso o açoita
E a desleixo : — feroz o monstro acorda,
E escancarando as fauces mostra nellas
Em sete filas alinhada a morte !
Tal ficou Jurucey, — não de receio,
Mas de sorpresa attonito ; — o contrario,
Que de o ver merencorio não se agasta,
A que proponha o seu encargo o anima.

« Não ignavo temor a voz me embarga ;
Emmudeço de ver quão mal conheces
Do filho de Jaguar os altos brios!
Esta a mensagem que por mim vos manda :
Tres grandes tabas, onde heróes pullulão,
Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,
Cahidas a seus pés a voz lhe escutão.
Não quer dos vossos derramar mais sangue ;
Tigre cevado em carnes palpitantes,
Rejeita a facil preza; nem o tenta
De perjuros haver trophéos sem gloria.
Emquanto pois a maça não sopesa,
Emquanto no carcaz dormem-lhe as setas
Immoveis — attendei ! — cortae no bosque
Troncos robustos e frondosas palmas
E novas tabas construí no campo,
Onde o corpo cahio do rei das selvas,
Onde empastado inda enrubece a terra
Sangue d'aquelle heróe que vos infama !
Aquella briga enfim de dois, tamanhos,
Signalae; porque estranho caminheiro
Amigas vendo e juntas nossas tabas,

E a fé que usais guardar, sabendo, exclame :
Vejo um povo de heróes, e um grande chefe ! »

Emquanto escuta o mensageiro estranho,
Gurupema, talvez sem que o sentisse,
Vae pouco e pouco erguendo o corpo inteiro.
A baça côr do rosto é sempre a mesma,
O mesmo o aspecto, — a válida postura
A quem de longe o vê, sómente indica
Vigor descommunal, e a gravidade
Que os proprios Indios por incrivel notão.
Era uma estatua, excepto só nos olhos,
Que por entre as em vão cahidas palpebras
Clarão funereo derramava em torno.

« Quero ver que valor mostras nas armas,
(Diz ao Tymbira, que a resposta aguarda)
Tu que arrogante, em frases descortezes,
Guerra declaras, quando paz off'reces.
Quebraste o arco teu quando chegaste,
O meu te off'reço ! O quebrador dos arcos
Nos dons por certo liberal se mostra,
Quando o seu arco off'rece : julga e pasma ! »

E o arco empunha ! outro não foi como elle !
Artifice de nome em seus lavores
Mais de um anno gastára em fabrical-o.
As pontas levemente recurvadas
Cabeças de bicephala serpente
Figuravão, — iguaes no peso e fórma :
Melhor que nenhum outro equilibrado,
Lavrados os desenhos com tal arte,
Que sem tirar-lhe a força, mais flexivel,
Mais pesado o tornavão com mais graça.

Do pejado carcaz tira uma seta,
Na corda a ageita, — o arco entesa e curva.
Atira, — sôa a corda, a frecha vôa
Com silvos de serpente. Sobre a copa
D'uma arvore frondosa descansava
Ha pouco um cenemby, — frechado agora
Despenha-se no rio, sopra iroso,
A cortante serrilha embora erriça,
Co'a dura cauda embora açoita as aguas;
A corrente o conduz, e em breve tracto
O hastil da frecha sobre-nada a prumo.

Pudera Jurucey, alçando o braço,
Poupar acção tão baixa áquelles bosques,
Onde os guerreiros de Itajuba imperão.
Immovel, mudo contemplou no rio
De chofre o cenemby cahir frechado,
Lutar co'a morte, ensanguentando as aguas,
Desparecer, — a voz por fim levanta.

« Ó rei das selvas, Gurupema, escuta .
Tu, que medroso em face d'Itajuba
Não ousáras tocar o pó que o vento
Nas folhas dos seus bosques deposita;
Senhor das selvas, que de longe o insultas,
Porque me vês aqui sósinho e fraco,
Fraco e sem armas, onde armado imperas;
Senhor das selvas (que antes frecha accesa
Sobre os tectos houvesses arrojado,
Onde as mulheres tens e os filhos caros),
Nunca miraste um alvo mais funesto
Nem tiro mais fatal vibraste nunca.
Com lagrimas de sangue has de choral-o,
Maldizendo o logar, o ensejo, o dia,
O braço, a força, o animo, o conselho

Do delicto infeliz que vae perder-te!
Eu, sósinho entre os teus que me rodeião,
Sem armas entre as armas que descubro,
Sem medo entre os medrosos que me cercão,
Em tanta solidão seguro e ousado,
Rosto a rosto comtigo, e no teu campo,
Digo-te, ó Gurupema, ó rei das selvas,
Que és vil, qu'es fraco! »

Sibilante frecha
Rompe da turba-multa e crava o braço
Do ousado Jurucey, qu'inda fallava.

« É seguro entre vós guerreiro inerme,
E mais seguro o mensageiro estranho! »
Disse com riso mofador nos labios.
« Aceito o arco, ó chefe, e a treda frecha,
Que vos hei-de tornar, ultriz da offensa
Infame, que Aymorés nunca sonhárão!
Ide, correi, quem vos impede a marcha?
Vingae esta corrente, não mui longe
Os Tymbiras estão! — Voltae da empresa
Com este feito heroico rematado;
Fugi, se vos apraz; fugi, cobardes!
Vida por gota pagareis meu sangue;
Por onde quer que fordes de fugida
Vae o fero Itajuba perseguir-vos
Por agua ou terra, ou campos, ou florestas;
Tremei!... »

E como o raio em noite escura
Cegou, despareceu! De timorato
Procura Gurupema o autor do crime,
E autor lhe não descobre; inquire... embalde!
Ninguem foi, ninguem sabe, e todos vírão.

SEXTILHAS DE FREI ANTÃO

J'ai fait de ma chambre la cellule d'un cloître; j'ai béni et sanctifié ma vie et ma pensée; j'ai raccourci ma vue et j'ai éteint devant mes yeux les lumières de notre âge; j'ai fait mon cœur plus simple, et l'ai baigné dans le bénitier de la foi catholique; je me suis appris le parler enfantin du vieux temps : et j'ai écrit!...

STELLO.

LÔA DA PRINCEZA SANCTA

Bom tempo foy o d'outr'ora
Quando o reyno era christão,
Quando nas guerras de mouros
Era o rey nosso pendão,
Quando as donas consumião
Seos teres em devação.

Dava o rei huma batalha,
Deos lhe acudia do céo;
Quantas terras que ganhava,

Dava ao Senhor que lhas deo,
E só em fazer mosteyros
Gastava muito do seo.

Se havia muitos Iffantes,
Torneyo não se fazia;
He esse o estilo de Frandres,
Onde anda muita heregia:
Para os armar cavalleiros
A armada se apercebia.

Chamava el-rey seos vassallos
E em côrtes logo os reunia:
Vinha o povo attencioso,
Vinha muita cleregia,
Vinha a nobreza do reyno,
Gente de muita valia.

Quando o rey tinha-los juntos
Começava a discursar:
« Os Iffantes já são homens,
Vou-me ás terras d'alem-mar
Armal-os hy cavalleiros;
Deos Senhor m'ha de ajudar. »

Não concluia o pujante
Rey — de assi lhes propor,
Clamavão todos em grita
Com vozes de muito ardor:
« Seremos nessa folgança,
Honra de nosso Senhor! »

E logo todos em sembra,
Todos gente mui de bem,
Na armada se agazalhavão,

Sem se pezar de ninguem;
E os Padres de Sam Domingos
Hião com elles tambem.

Hião, sí, os bentos Padres :
E que assi fosse, he rezão,
Que o sancto em guerras d'Igreja
Foy hum bom sancto christão :
Queimou a muitos hereges
No fogo da expiação!

Quando depois se tornava
Toda a frota pera cá,
Primeiro se perguntava;
« Que terras temos por lá? »
Quem em Deos tanto confia,
Sempre Deos por si terá.

El-rei tornava benino,
Como coisa natural :
« Temos Ceita, Arzilla ou Tangere,
« Conquistas de Portugal! »
E todos, a voz em grita,
Clamavão : real! real!

Bom tempo foy o d'outr'ora
Quando o reyno era christão;
Os moços davão-se á guerra,
As moças á devação :
Aquella terra de mouros
Vivia em muita afflicção.

Deo-nos Deos tantas victorias,
E tanto pera louvar,
Que os Padres de Sam Domingos

Já não sabião rezar;
Todo-lo tempo era pouco
Pera louvores cantar!

Sendo tantas as batalhas,
Nem recontro se perdeo!
Aquelles Padres coitados
Não tinhão tempo de seu:
Levavão todo cantando
Louvores ao pay do céo.

Louvores ao pay do céo,
Que eu inda possa trovar,
Quando não vejo os mares
Nossas quinas tremolar;
Mas sómente o templo mudo,
Sem guarnimentos o altar!

Vejo os sinos apeados
Dos campanarios subtiz,
E a prata das sacristias,
Servida em misteres vis,
E ante os leões de Castella
Dobrada a Luza cerviz!

Cant'eu, em bem que sou Padre,
Digo que sou Portuguez:
Arço de ver nossas coizas
Hirem todas ao revez,
Arço de ver nossa gente
Andar comnosco ao envez.

Mercê de Deos! minha vida
He vida de muita dura!
Vivo esquecido dos vivos

Na terra da desventura;
Vivo escrevendo e penando
N'um canto de cella escura.

Do meu velho breviario
Só deixarei a leitura
Para escrever estes carmes,
Remedio á nossa amargura;
O corpo tenho alquebrado,
Vive minha alma em tristura.

Que armada de tantas velas,
Que armada he essa qu'hy vem?
Vem subindo Tejo acima,
Que fermosura que tem!
Nas praias se apinha o povo,
E as cobre todas porêm.

Dão signays as fortalezas,
Respondem signays de lá:
Vem el-rey victorioso!
Quem de gaudio se terá?
O mar he todo bonança,
O céo mui sereno está!

Oco bronze fumo e fogo
Já começa a despejar;
Acordão alegres echos
Os sinos a repicar;
Grita e folgança na terra,
Celeuma e grita no mar!

Vinde embora e mui depressa,
Senhores da capital!
Vinde ver Affonso quinto,
Rey, senhor de Portugal;
Vem das terras africanas
Dar-vos festança real.

Nossos reys forão outr'ora
Fragueiros de condição;
Dormião quasi vestidos,
Espada nua na mão;
Nem repoisavão de noite
Sem fazer sua oração.

Empresa não commettião
Sem primeiro commungar,
Sem fazer voto a algum sancto
De tenção particular;
Porêm victorias houverão,
Que são muito de espantar!

Os vindouros esquecidos
Da protecção divinal,
Conhecerão os poderes
Da benção celestial,
Se contarem os mosteyros
Das terras de Portugal!

Nossas capellas que temos,
Nossos mosteyros custosos,
São obras sanctas de Sanctos,
Obras de reys mui piedosos;
São brados de pedra viva,
Que prégão feitos briosos.

Alguns já agora escarnecem
Dos templos edificados;
Dizem que forão mal gastos
Os bens com elles gastados:
Eu creio (Deos me perdôe)
Que são incréos disfarçados!

E mais pasmão dos feitios
De pedra, que Memphis tem,
Sem ter olhos pera Mafra,
Pera Batalha ou Belem!
Oh! se a estes conheceras,
Meo Frey Gil de Santarem!

N'aquella villa deserta
Ainda se me afigura
Ver elevar-se nas sombras
Tua válida estatura,
E ouvir a voz que intimava
Ao rey a sentença dura!

E mais a tacha que tinha
Era ser fraco, e não mais!
Tu, meo Sancto, que fizeras,
Se ouviras a estes tais,
Que nos assacão motejos
Ás nossas obras reais!

Mas vós, quem quer qu'isto lerdes,
Relevai-me esta tardança;
São achaquès da velhice:
Vivemos de remembrança
E em longas fallas fazemos
De tudo commemorança.

Já el-rey Affonso quinto
Nas suas terras pojou :
Alegre o povo o recebe,
Alegre el-rei se mostrou ;
Abrio-se em alas vistosas,
El-rey entre ellas passou.

Vem os muzicos troando
Nos atabales guerreiros,
Tangem outros istromentos
D'esses climas forasteiros,
E traz elles vem marchando,
Passo a passo, os prisioneiros.

São elles mouros gigantes
De bigodes retorcidos,
Caminhão a passos lentos,
Com sembrantes de atrevidos.
Causa medo vêl-os tantos,
Tam membrudos, tam crescidos!

São homens de fero aspeito,
Homens de má condição,
Que vivem na lei nojenta
Do seo nojento alkorão,
Que — vinho? nem querem vêl-o,
Só porque o bebe hum christão!

Vêm as moiras depois d'elles,
Rostos cobertos com véos ;
Bem que filhas d'Agarenos,
São tambem filhas de Deos;
Se forão christans ou freiras,
Serião anjos dos céos

Luzião os olhos d'ellas,
Como pedras muito finas;
Devião ser finas bruxas,
Inda qu'erão bem meninas,
Que estas mouras da Mourama
Nascem já bruxas cadimas.

Huma d'ellas que lá vinha
Olhou-me á travez do véo!...
Foy aquillo obra do demo,
Quasi, quasi me rendeo!
Pensei n'ella muitas vezes,
Valerão-me anjos do céo!

Via as largas pantalonas,
E o pésinho delicado...
Como póde pensar n'isto
Hum pobre frade cançado,
Hum padre da Observancia,
Que sempre come pescado?!

Emfim, dizer quanto vimos
Não cabe n'este papel;
Vinhão muitas alimarias,
Como achadas a granel;
Vinha o iffante brioso,
Montado no seu corsel.

Vinhão pagens e varletes,
Vinhão muitos escudeiros,
Vinhão do sol abrazados
Nossos robustos guerreiros;
Vinha muita e boa gente,
Muitos e bons cavalleiros!

A Princeza Dona Joanna
Sahio dos Paços reais;
Era moça e muito airosa,
E dona de partes tais,
Que todos lhe qu'rião muito,
Estranhos e naturais!

Foi requerida de muitos
E muito grandes senhores,
Por fama que della tinhão,
E por copia de pintores,
Que muitos vinhão de fóra
Ao cheiro de seos louvores.

E diz-se d'hum rey de França,
Ludovico, creio eu:
Hum pobre frade mesquinho
Só trata em cousas do céo;
Sabe elle que muito sabe,
Se a bem morrer aprendeo.

Pois diz-se do rey de França,
O onzeno do nome seo,
Que vendo hum retrato d'estes
Pera si logo entendeo
Qu'era prodigio na terra
Quem tanto tinha do céo.

E logo sem mais tardança
Cahio, giolhos no chão;
No feltro traz arreliquias,
Assi uza hum rey christão;
O seo feltro poz diante,
E fez hy sua oração!

Sahio a real Princeza,
Sahio dos Paços reais,
Nos pulsos ricas pulseiras,
Na fronte finos ramais;
De longe seguem-lhe a trilha
Muitos bons homens segrais.

Traçava h'um mantéo vistoso
Sobo-las suas espaldas,
E as largas roupas na cinta
Prendia em muitas laçadas;
Seos olhos valião tanto
Como duas esmeraldas.

Tinha elevada estatura
E meneyo concertado,
Solto o cabello em madeixas,
Pelas costas debruçado:
Cadexo de fios d'oiro,
Franjas de templo sagrado.

Vinha assi a regia Dona,
Vinha muito pera ver:
O povo em si não cabia,
Quando a via, de prazer;
Era ella sancta ás occultas
E anjo no parecer!

Debaixo das telas finas
E dos brocados luzidos,
Trazia á raiz das carnes
Duros cilicios cozidos
E humas crinas muito agras,
Tudo extremos mui subidos.

Passava noites inteiras
No oratorio a rezar,
Dormia despois na pedra
Sem ninguem o suspeitar:
Extremos tais em princeza
Quem n'os ha de acreditar?

No dia de lava-pés
Ordenava ao seo Védor
Trazer-lhe doze mulheres;
E depois, com muita dôr,
Chorando os pés lhes lavava,
Honra de nosso Senhor!

E depois de os ter lavado,
Não perdia a occasião,
Despedia a todas juntas
Com sua esmola na mão:
Dizia que era humildade,
E obra de devação.

E as mendigas pasmadas
Sabião de tal saber,
E perguntavão, quem era
Aquella sancta mulher?!
Máos peccados que ella tinha
Só pera assi proceder!

O mesmo Védor foy quem
Isto despois revelou,
Quando aquella humanidade
Em o Senhor descançou;
Dona Joanna era já morta,
Elle porêm m'o contou.

Mas sendo tanto o resguardo
Que guardava em coisas tais,
Sabião algo os estranhos
Por muitos certos signais,
Que o ar he todo perfume,
Se a terra he toda rosais.

He coisa de maravilha
Que me faz scismar a mi,
Que as donas d'hoje pareção
Huns camafêos d'alfeni,
Não donas de carne e osso;
As donas d'outr'ora — si.

Hoje leigos de nonnada
(He lhes o demo caudel)
Praguejão a meza escaça
E as arestas do burel;
Querem mimos e regalos,
E jejuns a leite e mel.

Lá caminha Dona Joanna,
Regente de Portugal;
Traz sobre si muitas joias
Do thesouro paternal;
Deos lhe pôz graça divina
Sobre a graça natural.

Acostou-se a comitiva,
Muito senhora de si:
Perante el-rey se agiolha,
Disse-lhe el-rey: não assi!
E ao peito a cinge dizendo:
« Não a meos pés, mas aqui! »

« Sois hum bom pay, Senhor rey,
Tornou-lhe a sancta Princeza :
Eu que sou vassalla vossa
E filha por natureza,
Peço mercê como aquella,
Como esta peço fineza. »

Ficárão logo suspensos
Todolos que erão aly,
Ficárão como enleiados,
Enleio tal nunca vi !
Eis que a Princeza medroza
Começa a propor assi.

El-rey não lhe respondêra ;
Que lhe havia responder ?
Boa filha Deos lhe dera,
Que lhe havia defender ?
Sorrio-se, o bom rey quizera
Muito por ella fazer.

A Princeza disse entonces :
« De alguns capitães antigos
Tenho lido, Senhor rey,
Que, vencidos os imigos,
Tornavão, a Deos fazendo
Sacrificios mui subidos.

« Vião as coisas melhores
Que dos seos reynos havião,
E logo lh'as offertavão ;
E mercês tambem fazião,
No dia do seo triunfo
A los que justas pedião.

« Deslembrar a usança antiga
Fôra de grande estranheza;
Agora sobre maneira,
Perfeita tamanha empreza,
De tanto lustre aos do reyno,
De tal honra a vossa Alteza.

« Digo pois a vossa Alteza,
E digo com muita fé,
Deve a offerta ser tamanha
Quamanha foy a mercê,
Não do nobre rey pujante,
Mas do sancto rey qual he.

« A offerta que vós fizerdes,
Será mercê paternal:
Se quereis que corresponda
Ao favor celestial,
Deve ser coisa mui alta,
Deve ser coisa real.

« Ao Deos que vence as batalhas
Dai-lhe a filha muito amada;
Dai-lhe a só filha que tendes
Em tantos mimos criada:
Será a offerta bem quista
E do Senhor acceitada.

« E eu a quem mais custou
De medos, esta jornada,
Que muitas noites orando
Passei em pranto banhada,
Sou eu, Senhor, quem vos peço
Ser a hostia a Deos votada. »

Que sancta que era a Princeza
Que extremos de devação!
Nos sembrantes dos presentes
Vio-se, e não era rezão,
Que a nenhum delles prazia
Deferir tal petição.

Sobr'esteve um pouco e mudo,
El-rey, porque muito a amava:
Aquelle dizer da filha
Todo o prazer lhe aguava,
Aquelle pedir sem dó
Todo o ser lhe transtornava.

Encostou-se ao hombro della
O pobre velho cançado,
Chorou o triunfo breve
E o prazer mal rematado,
Não como rey valeroso,
Mas como pay anojado.

El rey despois mais tranquillo
Rompeo o silencio alfi';
E entre afflicto e satisfeito
Disse á filha: Seja assi!...
Velhos guerreiros vi eu
Chorarem tambem aly.

Cant'eu perdido entre o vulgo
Não sei que tempo gastei,
Nem sei de mim que fizerão,
Nem tam pouco se chorei;
Foi traça da Providencia:
Nisto commigo assentei.

Foy Jephté corajoso,
O forte rey de Judá;
Volta coberto de loiros,
Quem primeiro encontrará?
Sente a filha, torce o rosto...
Nada ao triste valerá.

Qual d'estes dois sacrificios
Soube a Deos mais agradar?
Vai a Hebréa constrangida
Depor o collo no altar,
Vai a christã jubilosa!
São ambas pera pasmar.

Depois n'hum dia fermoso,
Era no mez de Janeiro,
Houve huma scena vistosa
Dentro de hum pobre mosteyro;
Fundou-o Brites Leytoa,
Dona mui nobre d'Aveiro.

Huma princeza jurada,
Sobrinha d'altos Iffantes,
Filha de reys soberanos,
Senhora das mais pujantes,
Era a primeira figura,
Espantava os circunstantes.

Aly humilde e curvada,
Pezar de todos os seos.
Giolhos sobre o ladrilho
E as mãos erguidas aos céos,
Ouvi — exigua mortalha
Pedir polo amor de Deos.

Cantemos todos louvores,
Louvores ao Senhor Deos:
Os anjos digão seo nome,
Rostos cobertos com véos;
Leião-n'o os homens escripto
No liso campo dos céos.

Bom tempo foy o d'outrora
Quando o reyno era christão,
Quando nas guerras mouriscas
Era o rey nosso pendão,
Quando as donas consumião
Seos teres em devação.

« Isto escreveo Frei Antão
De vida mui alongada,
Nossa Senhora da Escada
O teve por Capellão. »

GULNARE E MUSTAPHÁ

Deos Senhor foy quem nos céos
Pendurou milhões de estrellas,
Foy quem matizou a terra
De froles varias e bellas,
Quem ao mar por ser pujante
Areias deo por cancellas.

Mandou mais qu'arvoles fortes
Das sementes germinassem,
Que déssem froles mimosas.

Que perfumes trescalassem,
E mais fez que em tempo azado
As froles fructificassem.

Pois aquelle anjo das trevas,
Imigo da humanidade,
Nas arvoles poz carcoma,
Poz na frol muita ruindade,
Poz nos céos a nuvem negra,
Poz no mar a tempestade.

Nem só nas coisas terrenas
Damna, e faz mal o tredor,
A alma tambem por mil modos
Tenta com geito e sabor,
Que troca o prazer celeste
Em penas d'eterna dôr!

Mas não foy jamais que Deos
Em tal feito consentisse,
Senão porque suas posses
O homem bem claro visse;
Que sem elle fôra o mundo
Maldade só e sandice.

Mas que mal ha hy na terra
Que não venha pera bem?
Os d'aqui desta amargura
Dão coyta, e gloria porêm;
Dos outros que traz o demo
Deos o remedio lá tem.

Do mal que me foy commigo
Acontecido, al não sei,
Senão que por amor delle

Muito má vida levei,
Que me dá coyta mui grave
Do mal que me comportei.

Como já fiz penitencia,
Ora farei confissão;
Tal será, qual foy o escand'lo
De que fui occasião:
Não me tomem por modelo,
Mas tomem de mi licção.

Não he pera honra minha,
Mas pera honra dos céos,
Que eu direi publicamente
Os feios peccados meos;
Toda a vergonha foy minha,
Toda a honra cabe a Deos.

He uso assi na milicia
Celeste, e mais na d'aqui:
Dá batalha o cabo experto,
Desses muitos que ha per hy;
Toda a preza aos seos concede,
Só lôa quer pera si.

A Princeza Dona Joanna
Já vive dentro d'Aveiro;
Comsigo trouxe os escravos,
Que lhe trouxe o rey fragueiro;
O que ás terras africanas
Passou, e voltou primeiro.

Vierão aquelles feios
Netos d'Agar, inda mal!
Traçando vastas roupagens
Á maneira oriental;
Larga faxa na cintura,
Na faxa largo punhal.

Era pasmo vel-os juntos
Polas ruas passear,
Passo a passo—graves, mudos,
Com doairos d'espantar,
Profundas rugas na fronte
Rugas de máo meditar.

Levar traz si tanta gente
Nunca a ninguem vi assi;
Nem folias, nem cantares
Vi com tal cauda apoz si,
Bôdo, nem festa d'orago,
Bufão, e nem bolatf.

Mas quem vio acaso as turbas
Correrem traz algum bem?
Vão todas apoz engodos,
Apoz maldades tambem;
Mas seguir a Deos por gosto
Nem as vi, nem vio ninguem.

Com estes mouros descridos
Vierão tambem aquellas
Moiras, filhas da Mourama,
Donas, creio, muito bellas;
No trato e no galanteio
Outras que tais Magdanellas.

Vinha tambem a menina,
Aquella moira fatal,
Que nas ruas de Lisboa
Vi no cortejo real:
Cortejo del-rey Affonso
Vi-o eu, só por meo mal!

Quantas coisas que trazia,
Nulla rem lhe estava mal;
Dizião que tudo nella
Tinha graça natural,
Era coisa preciosa,
Como coisa oriental.

Aquella abelha sem dardo,
Aquella pomba sem fel
Passava noites inteiras
Tangendo n'hum arrabel,
Coando vivas saudades
Dos labios, em leite e mel.

E, alta noite, nas trevas
Ouvindo na solidão
Aquelle triste instromento,
Al não disseras, senão
Que o mesmo demo voltado
Era n'aquella feição.

Zagales porêm da serra
Mil vezes, no fim do dia,
Polos montes não buscava
A sua ovelha erradia;
Mas no bordão apoiado,
De si mesmo se esquecia.

Cant'eu vendido e pasmado
De todos e mais de mi,
Mil vezes fugi da cella,
Té das matinas fugi,
Mil vezes, durante a noite,
Aquelle instromento ouvi.

Mil vezes!... e não sei como
Isto foy, que o não sentia,
Quando mal me precatava,
Dava commigo que ouvia
Dilatar-se polos valles
Aquella doce harmonia.

Assi todo embevecido
Bons sonhos que então sonhei,
Boas venturas que tive,
Bons scismares que scismei!
Esqueci-me de ser frade!
Como isto foy, já não sei.

E se ás vezes me lembrava
Do juramento que dei,
Do encargo que me tomára,
E das vestes que eu tomei,
Chorava; e não sei bem como
Em pranto não me afundei.

Derramei n'aquellas brenhas
Cheio d'extranha afoiteza,
Palavras dadas ao vento
Com muito feia crimeza,
Contra mi e contra todos,
Contra toda a natureza.

Polas serras, polos matos,
Polas voltas dos caminhos
Rojei nas sarças mordentes
E nos cardos montesinhos,
Rasgando os brancos vestidos
N'aquellas matas d'espinhos.

E não sei, oh! não sei como
Todo eu não fiquei aly,
Como eu, que por tantas vezes
Rosto nas rochas feri,
Não perdi o ser de todo,
Nem siquer ensandeci.

Então ao Senhor clamava:
« Cegueira, Senhor, me dás!
Cinge-me os rins larga zona
De ferro, e bem me não traz;
Trago cilicios mordentes,
Usando burel mordaz.

« Abro e vejo o livro sancto,
E vejo que não sei ler!
Aquelles sanctos dictames
Já n'os não sei compr'hender:
Enojo occupa minha alma,
Hei pavor de me perder! »

Donde pois me vinha a mi
No proprio bem ver o mal?
Conheci no meo exemplo,
Que m'era do ser fatal:
Senhor, teo sancto remedio
He triaga cordial.

Bem como o ferro na frágoa,
No soffrer a alma se apura :
Assi que disse eu commigo
Que a triaga tambem cura,
Quanto mais amarga e punge,
Poder de sua amargura.

Aquella negra peçonha
Lavrando foy pouco e pouco;
Rohia coyta d'amores
Miôlo cavado e ôco,
Já era o mal dentro d'alma,
E eu delle rendido e louco.

Diziāo meos bentos Padres :
« Que he feito de Frei Antão?
Negra dôr o tem por certo,
Negra dôr de coração :
O demo o fez, porque visse
Turbada tal perfeição.

« Parece já de esquecido
Que nem de si tem lembrança!
Á taboa se achega apenas,
Não toma a sua pitança;
Té nos officios divinos
Perdeo a sua trigança.

« Sahe á noite muitas vezes,
Diz o bom do Guardião :
Sahir á noite, a deshoras,
Certo não he devação :
Que faz de noite nas ruas
Hum padre, ou frade ou christão? »

Comtudo alguns dos mais velhos
Dizião : « Que ha hy de mal ?
O quer que he que o perturba,
Coisa não he natural :
Deve ser condão divino
Ou graça celestial !

« Pois hum sancto como aquelle !
Quem he que o ha de tentar ? »
Eis senão quando começa
Voz, não sei donde, a zoar
Que Frei Antão ja não sabe
No seo rosairo rezar !

E o caso foy que hum noviço
Tirou-mo só de matreiro,
Tendo-o fechado comsigo
Por novena ou mez inteiro ;
E eu d'outro me não provêra,
Sendo que tinha dinheiro !

Todolos meos defensores
Voltárão-se contra mi ;
Dizião que era mal feito
Hum sancto mentir assi :
Seja-me Deos testemunha,
Nem sancto sou, nem menti.

Logo em Communidade
Propoz-me o Provincial :
« Dizei *peccavi*, meo Padre,
Que voz havedes tão mal,
Que não rezades as rosas
Da virgem celestial ! »

Ouvido que foy por mi
Tão solemne mandamento,
A mi, que primára sempre
Adentro do meo convento,
Não sei que pejo maldicto
Acorreo-me a pensamento.

Não era feio o peccado,
Mas confessal-o ; e assi
Fiquei de pavor transido,
Mal que tal preceito ouvi :
Homem não era de carne,
Montanha de pedra — si.

Torvado, calado e mudo
Nada não soube dizer ;
Nem confessar meo peccado,
Nem ao menos responder :
Ficárão como suspensos
Os que erão aly a ver.

O grave Provincial
Rompe o silencio, e « Azinha
Trazei, disse elle, o hyssope,
Mais a benta caldeirinha ;
Ver demo em corpo de frade
Coisa não he comezinha. »

Corre afanado o Sacrista
Pera a sua sacristia ;
Traz prestes a caldeirinha
Banhada inteira na pia ;
Rezava mil rezas suas,
Mil esconjuros dizia.

Do Sacrista amedrontado
Recebe o Provincial
O hyssope todo molhado,
Dizendo sacerdotal:
« Fugide, partes adversas,
Demonio, esprito do mal.

« E mais deixa a criatura
Por amor de quem Jezus
Soffreo, marteyro affrontoso
E morte vil n'huma cruz;
Em nome do Padre e Filho
E Esprito, que sempre luz! »

Ouvido aquelle exorcismo,
Cego de toda a rezão,
Larguei-me do refeitorio,
Fugindo como hum ladrão
Clamárão todos em grita:
« Chantou-se nelle o Legião! »

Enfiei os claustros todos,
Passei pola portaria,
Achei-me em logar, de noite,
Que eu mesmo não conhecia:
Os sons do arrabel mourisco
Sómente daly se ouvia.

No entanto os Padres prudentes
Discursavão entre si,
Dizião dos esconjuros
Que mal cabião em mi,
Que era grande sacrilegio
Usarem commigo assi.

Ai! sacrilego era o homem
Que ao inferno se vendia,
Era o christão que adorava
As filhas da idolatria,
Que dentro em si tinha o Demo
E o Demo em si não sentia;

Era o padre que trocára
O amor de seo Senhor
Por amor d'huma Donzella,
Filha d'aquelle impostor,
Mafoma, falso propheta,
Mafoma, judêo tredor!

A princeza Dona Joanna
Mandou ao nosso Convento:
Qu'eu prestes vá ter com ella
Manda por seo mandamento;
Não quer demora, nem falta,
Negocio diz de momento.

Qual seja o negocio urgente
Não m'o diz a mensageira:
Não sabe coiza de certo.
Não dirá coiza certeira:
O habito á pressa enfio,
Tomando-lhe a dianteira.

E logo, chamada á grade
Veio a Princeza real:
« Meo Padre, disse-me entonces,
He fóra do natural
Qu'eu tenha escravos, e mouros
Rainha de Portugal.

« Ide vós porêm chamal-os
Pera o rebanho christão;
Cazade-os vós muito embora,
Que bem dahy haverão:
Eu lhes darei corpo livre,
Deos Senhor a salvação. »

Siquer huma só palavra
Não tive n'aquelle ensejo,
Sustou-m'a já na garganta
Não sei que mesquinho pejo;
Por confessar meo peccado
Em vão trabalho e forcejo.

Vergonha foy o que eu tive,
Vergonha que todos têm;
Ultimo fructo colhido
N'aquelles jardins do Eden;
O Demo o tocou primeiro:
Todo o seo mal dahy vem!

Como está no fundo lago
O verde limo acamado,
Assi deitado e mimoso
Brilha lustre avelludado;
Tal é aquella vergonha,
Que vem apoz o peccado.

Mas remechei nas raizes
Do limo que he tão viçoso,
E vereis como se prendem
No fundo impuro e lodoso:
Aly com ellas se abraça
O feio verme asqueroso!

Aly mil serpes occultas
Vivem, cruzando laçadas,
Muitos sapos bufadores,
Muitas rãs esverdinhadas;
Humas coizas de má sina,
Outras coizas mal fadadas.

He força fallar á moira!
Disse commigo, e assi
Andava curtas passadas
Por não chegar; ai de mi!
Tem termo toda a jornada,
Cheguei! porque não morri?

Já d'aquelles outros moiros,
Tão feros, não se me dava;
Mas de suor de maleitas
O corpo se me banhava,
Quando d'aquella menina
Moirisca, me recordava.

Lançado em covil de feras
Foy o sancto Daniel,
Fui eu no covil lançado
D'aquella gente infiel;
Era elle experto em tais lutas,
Eu em tais lutas novel.

Entrei no quarto da moira
Leixando a mais gente vil,
Ardi doce perfume
Em transparente viril;
Sobre um bofete lavrado
Vi hum lavrado gomil.

Tinha o quarto huma só porta
Que hum reposteiro cobria,
E hum pano de seda verde
Sobre a estreita gelosia,
E mais hum denso tapete,
Que o som dos passos comia.

Trazia a moira mimosa
Vestes de branco setim
Entreteladas parece
De coiza de bocaxim,
E humas largas pantalonas,
Respirando benjoim.

Trazia hum jubão mui justo
De seda azul anilado,
Com longas mangas perdidas,
De carmim todo forrado,
Como se fôra hum alfange,
Na cintura recurvado.

Coifa branca auri-bordada
A negra coma apertava;
Que doces anneis brincados
A negra coma formava,
Quando por vezes no collo
De neve — se debruçava!

Sob as largas pantalonas
Hum pésinho delicado
Sahia nusinho e bello,
Mimoso e branco e nevado;
Em chapins dos mais pequenos
Parecia andar folgado

Em cada hum dos seos dedinhos
Trazia a moira hum annel;
Meio deitada, a desleixo,
Tangia no arrabel;
Tangia-o com tanta graça,
Nem que fôra hum menestrel.

A lettra que ella cantava
Era de lingoa algemia;
Era qual trinar das aves
As notas em que gemia
Saudades de longes terras
Em peregrina harmonia!

Era menina e fermosa,
Nunca lhe vi sua igual!
Coiza assim tam primorosa
E tanto celestial,
Ou era filha dos anjos,
Ou filha do pay do mal.

Deos Senhor, entre luzeiros,
E o demo em sua cegueira,
Fazem quasi as mesmas coizas
Mas por diversa maneira;
O demo como quem he,
Deos como luz verdadeira.

Pois este pôz a virtude
Entre afflicções dolorosas,
Qual frol de rosa entre espinhos;
Em ledices enganosas
Pôz o demo o seo peccado,
Qual feia serpe entre rosas.

Quanto o sol mais se abaixava,
Tanto mais alto gemia
Aquella moira mimosa,
Que as suas mágoas carpia:
He hora que espalha enlevos
A hora do fim do dia!

O passaro então das ramas,
Louvor a nosso Senhor!
Ultimo vôo desprega
E hum doce grito de amor;
Nas pennas esconde o bico,
Nem teme o visgo tredor.

As froles do sol viuvas
Definhão, só de tristura;
O mar soluçando geme,
Mais alto a fonte murmura,
Reina o silencio que falla,
Bafeja a doce frescura.

« Vistes vós meo bem amado,
(Dizia a filha d'Allah)
« Vistes vós meo bem amado,
« O meo senhor Mustaphá!
« Se o vistes, dizei-me onde!
« Por alma vossa, onde está?

« A noite o deixou fechado
« Portas a dentro do harem;
« Sorvia aquelles perfumes,
« Que lá d'Arabia nos vem;
« Trajava os reais vestidos,
« Que lhe cabião tão bem.

« Já era sobre-manhã
« Quando de mi se apartou,
« Seo negro corcel d'Arabia
« D'um pulo só cavalgou,
« E o sol que vinha raiando
« Lá na montanha o topou.

« Vio daly seos bons guerreiros,
« Em alas promptos estão;
« De fronte mal enxergava
« O troço do rey christão;
« Disse o crente musulmano:
« Allah m'os trouxe, meus são!

« Allah! lhes grita o guerreiro,
« Respondem-lhe os seos: Allah!
« Gritão Christãos: Sam Tiago!
« E o meo senhor Mustaphá
« Desceo então da montanha,
« Que nunca mais subirá.

« Desceo elle da montanha
« Qual rocha descommunal,
« D'agudo cimo tombando,
« Arrazando o pinheiral;
« Mas a rocha em fundo valle
« Faz-se pedaços, em mal!

« Desceo elle ao fundo valle,
« Como o tufão queimador;
« Polos christãos inimigos
« Cortou sem pena e sem dôr;
« Raio d'esforço na guerra
« Foy Mustaphá, meo Senhor!

« Mas o vento do deserto
« Depois de médas formar
« Das areias que agglomera,
« Onde he que vai acabar?
« Mafoma e Allah que mo digão,
« Que eu não sei senão chorar!

« Allah quebrou teo orgulho,
« Meo bom senhor Mustaphá!
« Allah quebrou teo orgulho,
« Mas quando se acabará
« Vida que vives de escravo,
« Vida que levas tam má?

« Doces Huris do Propheta,
« Lá do palacio de Allah,
« Olhavão cá pera baixo
« Só pera ver Mustaphá!
« Guerreiro não foi como elle,
« Como elle ninguem será.

« De ser elle o meo amado,
« Ai que já fui bem feliz!
« De ser elle o meo amado
« Tinhão-me inveja as huris:
« Ora não ha quem m'inveje!
« Foy Allah que assim o quiz.

« Ora não ha quem m'inveje!
« Tenho no peito affiicção;
« Escrava sou d'hum escravo,
« Escravo d'hum vil christão!
« Mesquinha, que ainda o amo;
« Trago-o aqui no coração! »

Então pera junto della
Cheguei-me sem ser sentido;
Fallei-lhe em som cavernoso,
Medonho e baixo no ouvido:
¿Por que assi amas o escravo?
Disse eu, do meu mal vencido.

Foy certo o esprito malvado
Quem pera ally me arrastou,
Quem nos meos castos ouvidos
Palavras tais derramou,
Quem aos pés da moça moira
O velho padre acurvou.

Era elle quem nos meos hombros
Pezava co'o pezo seo,
Quando a moira espavorida
Do vasto leito se ergueo:
Vendo-me ally de giolhos,
Baixou de medrosa o véo.

O véo baixou de corrida,
Mas antes seos olhos vi;
Aquelles olhos fermosos
Lavar-me o rosto senti,
Tocar-me no fundo d'alma,
Tirar-me todo de mi.

Luz que vi d'aquelles olhos!
Ora bem se me afigura
A lua rasgando as trevas
Em meio de noite escura!
Vi Diana, a caçadora,
N'aquella hardida postura.

Mas a moira de repente
Hum grito franzino dá!
De mi se parte voando,
¿ Senhor Deos, o que será?
Volto prestes a cabeça...
Vejo o mouro Mustaphá!

Em roda do seo pescoço
A moira os braços prendeo;
Arfa-lhe o peito açodado;
Pera traz roja o seo véo,
Off'rece o rosto mimoso
Aos beijos d'aquelle incréo!

Era assi qual amorosa
Hera que hum robre vingou;
Ligou-se estreita com elle,
Do tope se debruçou,
Folha metteo pelas folhas,
Vida com vida cazou.

« Gulnare, disse-lhe o mouro,
Gulnare, meo doce amor,
Melhor que a rosa da Persia,
Que arabio incenso melhor,
Frol dos jardins do propheta,
Que dás mate á minha dôr! »

Responde a moira mimosa:
« Dizes bem, meo Mustaphá;
O fogo chegou-se ao incenso,
O incenso effluvios dará;
O sol scintilla na rosa,
A rosa resurgirá. »

« Abelha, tornou-lhe o moiro,
Que susurras de agastada;
Herva, que as folhas constringes,
De estranho corpo tocada;
Quem tocou na minha abelha,
Quem na herva delicada? »

Ella entonces de malquista
Deo-lhe d'olhos pera mi;
Sancto Jezus! em que apertos
N'aquelle ensejo me vi,
Prendêra-me força occulta,
Foy porêm que não fugi!

Trazia o moiro atrevido
Adaga no boldrié;
Deixar a moiros com armas,
Gente de baixa ralé,
Em que escravos de Princeza,
He certo extranha mercê!

A mão no punho da adaga,
A passo, vem sobre mi;
Trinca as pontas do bigode,
Quais cerdas de javali;
A barba toda se erriça,
Que feio rosto lhe vi!

Os olhos que me lançou,
Jamais não vi seos iguais;
Devião ser puro fogo,
Senão faiscas fatais
D'aquelle sol do deserto,
Que abraza e funde areais.

Negros olhos de panthera,
Luzindo em fea espelunca ;
Olhos, que o gyro do sangue
Nas veias demora e trunca ;
Olhos cheios de carniça ;
E della não fartos nunca.

A mi chegou-se, inquirindo :
« Que vieste aqui fazer ? »
Fiquei deslogo tremendo,
Sem lhe poder responder :
« Senhor,... em nome do céo!... »
Disse eu ; que havia dizer ?

« Em nome das tres pessoas
« Da trindade, em huma só,
« Eu vos rógo, senhor moiro,
« Que siquer tenhades dó
« Da alma vossa arriscada,
« Já não do corpo, que he pó. »

N'aquelle ensejo apertado
De sancto ardil me vali ;
Lembrou-mo o exemplo sagrado
Da forte hebréa Judith !
Ser isso influxo divino
Sabendo fiquei daly.

Tornou-me o moiro descrido :
« E a mi que m'importa mais
« Que viver entre valentes,
« Em gozos celestiais,
« Entre jardins prazenteiros,
« Entre fagueiros rosais ?

« Tu me fallas dos teos Deoses !
« Ha outros sem ser Allah ?
« Allah, que o vôo dirige
« Do bemfazejo Kathá !
« Christão, dos teos falsos Deoses
« Bem pouco a mi se me dá.

« Digo-te eu, que elles não podem,
« Mais que digas que são trinos,
« Suster no ar do propheta
« Os sanctos restos divinos,
« Que a Meca chamão por anno
« Milhares de peregrinos. »

Ouvindo aquellas blasfemias,
Senti arrojo dos céos;
Hia fallar, mas o moiro
Tornou-me : « Só Deos he Deos.
« E Mafoma o seo Propheta,
« Em que pêze isto aos incréos !

« O que penso, sem resguardo
« Dir-t'o-hei, christão, alfim ;
« Não uza como vós outros,
« Mahometano Muezzin,
« Não vai á caza dos crentes,
« Não leva tenção ruim.

« Não rója, não, de giolhos
« Aos pés de christã donzella ;
« Mas lá dentro da Mesquita
« Vive sempre e sempre vela,
« Ou do alto minarete
« Á prece os crentes appella.

« Portas a dentro do templo,
« Imagem da crença pura :
« Do alto do minarete,
« A imagem d'Allah figura,
« Bradando incessante e sempre
« Aos homens, d'aquella altura. »

« He assi entre vós outros, »
Tornei-lhe, « que entre nós não.
« Queremos em cada caza
« Um templo de devação,
« Em cada peito hum sacrario,
« Hum padre em cada christão.

Sobresteve mudo e quedo,
E como que reflectia
O moiro, que me parece
A graça já presentia ;
A graça que o céo nos manda,
Como orvalho em noite fria.

Mas não era inda chegado
Aquelle ensejo feliz,
Que passado curto prazo,
Severo o moiro me diz :
« O que Deos faz he bem feito :
« Moiro nasci, não me fiz !

« Deixemos pois tal assumpto,
« Delle não quero tratar ;
« Ou antes dizei, bom Padre,
« Qu'hides carreira tomar,
« Adoptando novo ensino,
« Novo modo de prégar.

« Andai por essas estradas
« E dizei á vossa gente:
« A vós que mal vos hão feito
« Os homens lá do oriente,
« Que vos livrárão dos godos,
« E do servir inclemente?

« As vossas artes que tendes
« Cujo as havedes? — de quem?
« Donde vêm ás vossas terras
« Campos de lavra que têm,
« E as torres acastelladas,
« E as mesquitas, donde vêm?

« Quem nos vossos negros montes
« As alcáçovas plantou,
« Como candido turbante,
« Que na fronte se enrolou
« De hum homem da côr da noite,
« Que a Nubia ardente engendrou?

« Ou s'isto melhor te praz:
« São obras de reys pujantes,
« Tendas ricas e pomposas
« No dorso dos elefantes;
« C'roas de pedra lavrada
« Na fronte d'altos gigantes. »

Estes mouros na verdade
Qu'esprito e graça que têm?
Quando vos dizem mentiras,
Sabem dizel-as tão bem,
Que havemos de perdoar-lhes,
E em cima querer-lhes bem.

Mas andão tanto enfrascados
No seo maldicto alkorão,
Que era de ser o primeiro
A soffrer condemnação
N'aquelle sancto concilio,
Honra do nome christão.

Se d'algo me peza a mi,
He só polos não ver mais;
Fazião prompta justiça
Destes e d'outros que tais:
Ardião com seos authores
Em bons applausos gerais.

Se delles houvesse agora,
De que pró nos não seria?
Vive tal livro entre gabos,
Que ally no fogo arderia,
Com pasmo de seos authores,
Que os têm por coisa mui pia.

E d'outros que só por artes
Fruem da voga que têm,
Que não sei onde he seu preço,
Nem donde apreço lhe vem,
Senão por vias occultas,
Que as não descobre ninguem!

Mas deixemos estas coisas,
Que não são de boa avença!
O livro que eu reprovára
Por muito justa sentença
Trouxera-me coyta grave,
Com mais grave malquerença.

Deixemos pois estas coisas;
Bem qu'eu não saiba fallar,
Senão com longos rodeios:
(Vem-me o séstro de prégar)
Quando me julgo no cabo,
Mais longe estou de acabar.

« Mouro, n'aquella batalha,
Disse eu, « ouvidos me dá,
« Quando o reyno teo perdeste,
« Não chamaste por Allah?
« Não te ouvio! — chama por Christo,
« E Christo, Deos, te ouvirá.

« Vás as terras da Moirama,
« Ou fiques em Portugal,
« Senhor serás do teo corpo,
« Vida terás natural:
« Vê, se Gulnare formosa
« O teo propheta não val!

« A moira que não foy feita
« Pera servir a senhor,
« Que de bella e de mimosa,
« Parece que o mesmo amor
« O corpo tem de quebrar-lhe,
« E de apagar-lhe o candor.

« A moira doce nascida,
« Doce creada; perol
« Que só sabe apavonar-se
« Da manhã polo arrebol,
« Não nos jardins destas partes
« Mas onde mais queima o sol.

« A moira bella e mimosa !
« Avezinha pipitante,
« Qu'ama ar puro, espaço livre,
« E céo de côr deslumbrante,
« Que o vôo fugaz desprega,
« Quando o sol he mais brilhante !

« Ai ! não guardes a avezinha
« Dentro de estreita prisão,
« Não mudes a frol mimosa,
« Que bem'stá no seo torrão :
« Vai ás terras da Moirama ;
« Se queres hir, sê christão. »

Huma lagrima brilhante,
Como que a furto luzia
Nos olhos da moça moira
Que o moço moiro cingia ;
Em que nada lhe dicesse,
Muitas coisas lhe pedia.

Em que algo não lhe escutasse,
O mouro bem compr'endia
Que mudas fallas fallava
O pranto que ella vertia :
Saudades erão da Patria,
Que o mouro em sonhos só via.

Como havia resistir-lhe,
Se ella pedia chorando ;
Se o mal por que ella passava,
Tambem 'stava elle passando ;
Se o bem, que lh'ella pedia,
Lhe estava dentro fallando ?

Mas quando os vi abraçados
E aquelle amor entendi,
Do effeito das minhas vozes
Eu mesmo me arrependi,
Cravei as unhas no peito,
Pezar de morte senti.

Té cheguei a ter desejos
De ouvir-lhes hum não revel,
E que então a moça moira,
E mais o mouro donzel
Parassem no fundo inferno,
Provassem, como eu, seo fel.

Mas n'hum coração sincero
Que poder que o pranto tem,
Quando no peito o sentimos,
Quando de huns olhos nos vem,
Que fôra morrer por elles
Prazer e mui grande bem!

Pedido tam gracioso
O mouro agreste rendeo;
De leixar o seo Mafoma
Logo desly prometteo,
Leixando a avença do demo,
E os ritos do culto seo!

Já me não sinto enleiado
Se o padre Adão manducou
Aquelle fructo do Eden;
Foy Eva quem lh'o offertou,
Eva, mulher e sozinha,
A qu'elle primeiro amou.

Mas quem tem visto mulheres,
E tem a sua mulher,
Ceder-lhe do seo proposto
Por mero condescender!
Se não he coisa do demo,
Não sinto o que possa ser.

Mas fez mais a linda moira!
Que sem me fazer pedido,
Entendi que por amores
Não devia andar perdido,
Quando por outro era amada.
Por outro della querido.

Hum pobre frade coitado
Bem sabe que nada tem
Nesta vida mal passada,
Onde quitou todo o bem;
Ninguem que vele por elle,
Sobre quem vele—ninguem!

Curar da may infermada
Bem pode o homem segral
Ha sempre casta donzella,
Que se dôa do seo mal:
O frade só, despojado
Vive do fôro humanal.

Vivêrão aquelles mouros
Depois desta occasião,
Muitos annos bem logrados,
Em amor e devação;
Louvor ao sancto baptimo!
Louvor ao nome christão!

Mas quando foy que nos veio
Aquella peste primeira,
Seta que o alvo attingia
De bem talhada e certeira,
Chegou ao christão novado
Hora vital derradèira.

E a moira por este evento,
Cheia de muita afflicção,
Recolheo-se irmã noviça
No convento d'Azeitão,
Onde viveo muitos annos
Em aturada oração.

Madres d'aquelle convento
Dizem que a virão rezar,
Em extasis jubilosas,
Suspensa, erguida no ar;
Favor do esposo divino,
Milagres do muito amar!

Ouvindo aquelles extremos,
Commigo logo assentei
Que eu fôra hum pastor perdido,
Que nas sombras divaguei,
Té qu'huma ovelha esgarrada,
Mercê de Deos, encontrei!

E a moira que eu tanto amára,
Desly se me figurou
Candida lã d'ovelhinha,
Que a sarça agreste cardou;
Ficou na sarça prendida,
Ao vento se meneou.

E alguem que ally divagava,
Felpas da lã recolheo,
Bateo-as na fonte pura,
E em branca tela as teceo ;
Depois no altar consagrado
Ao Senhor Deos off'receo.

A mão de Deos poderoso
Bem claro se vê então,
Quando o torpe ismaelita
Faz-se devoto christão :
Só elle hum bom diamante
Póde fazer do carvão.

Mudar o vicio em virtude,
E a fraqueza em valor,
E o calor em frescura,
E a frescura em calor,
E tudo assi por davante,
Só elle, que é Deos Senhor.

Louvor a Deos nas alturas !
E aos homens de bom talante
Na terra paz e ventura ;
Paz e ventura constante,
Senão na vida que passa,
Na vida que sempre dura.

SOLÁO

DO SENHOR REY DOM JOÃO

Ora pois direi hum feito
Do senhor rey Dom João,
Segundo que foy do nome,
Primeiro na devação,
Primeiro mais que o primeiro,
Mais que nenhum rey christão.

Nem sempre rezar no côro,
Nem sempre velar convem;
He mister algum descanço,
Alguma folga tambem,
Entre o labor já passado
E o novo, que perto vem.

Ao duro mal que passamos
Algum remedio he mister:
E se a nenhum conhecemos,
Que mais nos ha de valer
Que recordar o passado
E contos delle fazer?

He assi que no mar alto
O cançado mareante
Luta em vão contra a tormenta
E contra o vento inconstante;
Negras vagas se encapellão,
Negra morte tem diante.

Quando n'aquelle deserto
Languidos olhos estende,
Vê mar que ferve revolto
E chuva que do céo pende:
Como deixou seu alvergue,
O triste não comprehende!

Sembrão-lhe então formidaveis
Os p'rigos que elle affrontou;
Figura risonhos quadros
Dos gozos que já gozou,
Do que na terra o convida,
Dos que na terra deixou.

Do que outrora foy passado
E mais do que vai passando,
Medonho e máo parallelo
Vai o mesquinho traçando;
Dôr de espinhos penetrantes
O peito lhe está varando.

Dias lembrar já passados
E já passada ventura,
Quando o viver he tormento,
Tormento que sempre dura.
He certo desdita grande
E muito grande amargura.

Mas vêde o que val a vida!
He aquella aventurada,
Se dizemos verdadeiros:
Houve hum dia, huma hora, hum nada,
Não do pezar combatida,
Mas do prazer bafejada.

Semelha quem pola calma
O dia inteiro vagou,
Depois no marco da estrada
Cançado e triste quedou:
Ally thesouro sem dono,
Ventura sua, encontrou.

Era na sancta semana,
Semana de devação!
Com jejuns e penitencias
Apresta-se o bom christão
Pera os mysterios mais altos
Da mais alta religião.

Quantas coizas que nos fallão
N'aquelle passo sagrado
D'aquelle homem divino,
D'aquelle Deos humanado,
Que por amor de seos filhos,
Ingratos, foy maltratado!

Não foy por odio ou vingança,
Mas por dinheiro trahido!
Por hum homem refalsado,
Por hum discip'lo querido;
Trahido por meio infame!...
Hum falso beijo vendido!

Foy mister, por mór tormento,
Que morresse polos seus!
Entregue por hum eleito
Nas garras dos Fariseos,
Homem morreo polos homens,
Morreo judeo por judeos.

C'roou a fronte sagrada
C'roa d'espinhos tecida ;
Correrão dados infames
Em taboa vil, denegrida ;
Em haseta foy rematada
Tunica em sangue tingida.

Tormentos, baldões e mófa
Quem mais do qu'elle soffreo ?
Quem mais comprido martyro,
Quem mais affronta e labéo ?
Tal foy, que o homem divino
O rosto ao calix torceo.

Tal foy, que o Deos humanado
Disse ao Deos, que era seu pay :
« Senhor Deos, s'inda he possivel,
Do vosso intento tornai ;
Este calix de amargura
Dos labios meos afastai ! »

Carpindo males alheios,
Quantos não vemos per hy,
Que nem siquer se recordão
De quanto soffreo por si,
Hum Deos na crùz affixado,
Mil dôres soffrendo ally !

Ante esta victima augusta
Da mais feroz crueldade,
Cala quanto o homem soffre,
Quanto soffre a humanidade ?
Tormento não foy como elle,
Não foy como ella impiedade.

E comtudo alguns incréos
E refalsados atheos,
Guardão n'as extasis todas
E mais os transportes seos
Pera Socrates que morre,
Que não pola dôr de hum Deos!

E não vê a cega gente,
Imiga de toda luz,
Que longe que vai do Grego
Ao Nazareno Jesus,
E da masmorra ao calvario,
E da cicuta a huma cruz!

E aos effeitos da morte
Não attendêrão tambem:
Se emparelhamos idéas
A's coizas que corpo tem,
Entre elles vai mór distancia,
Que vai da Grecia a Belem.

Morre o Grego, e não dá fruitos,
Morre Jezus por nos dar
A ley do céo pera a terra;
Ley que só pôde lavrar
O sangue do bom cordeiro
Dos falsos Deoses no altar.

Vivem algozes d'aquelle,
E huns homens apenas são;
Emquanto os algozes deste,
Em que povo de eleição,
Sumirão-se, como argueiro
Nas azas d'hum furacão.

Era na sancta semana,
Semana de devação,
Comsigo mesmo propunha
O senhor rey Dom João :
« Confessarei minhas culpas,
Que alem de rey, sou christão.

« Ao Senhor, pay de nós todos,
Meos erros confessarei;
Que me dê força indomavel
Pera guardar minha ley,
Pera punir os culpados ;
Que alem de christão, sou rey. »

Azinha chamando hum pagem
Lhe diz, e lhe ordena assi :
« Hide aos Padres Dominicos
(Melhor lhes quero que a mi),
Dir-lhes-heis que sou lá prestes,
Que vou commungar ally. »

Veio logo o mensageiro
Com a mensagem real ;
Recado qu'el-rey lhe dera,
Dá elle ao Provincial.
« He certo mercê mui grande,
Responde, — tenho-a por tal. »

Ao padre Thomaz da Costa
Chama n'huma Ave-Maria ;
Sabia o bom do Prelado
O muito qu'el-rey lhe qu'ria :
De tam lisongeiro acerto
Comsigo mesmo sorria.

Demais que o bom do Prelado
Dizia com bem justeza;
« Prazer aos Reis cá da terra,
Não he nenhuma vileza. »
Praz a Deos que lhes prazamos,
Pois vem delle a realeza. »

Apresta-se com trigança
Tudo quanto era mister:
Sabia o Padre Thomaz
Encargos do seo dever;
« Vergar colossos, dizia,
Quem tem posses de o poder?

« Sob as mãos do jardineiro
Torto arbusto lá se ageita;
Mas onde existe essa força
Que hum rudo tronco sugeita,
Se a força he balda no tronco,
Se o tronco a força regeita?

« Em bem do pastor sagrado,
Que por mercê divinal
Vive no ermo escondido,
Como hum singelo zagal;
Cúra pastor de pastores,
Não de pessoa real.

« He facil o seo encargo,
Pejo, nem dòr lhe não traz;
Não he assi nos palacios,
Onde só vejo disfraz:
Vêm logo as rezões de estado,
Inventos de Satanaz.

« Vêm logo as leys cá da terra
Contrapor-se ás leys dos céos:
Sêde christãos, reys senhores,
Ou então de todo incréos!
Leys dos homens não se cazão,
Não seguem ás leys de Deos.

« Não ligueis n'hum só consorcio
Terra feia e céo luzente:
Leys da terra a terra buscão,
Como a raiz da semente;
Leys do céo os céos procurão,
Como flôr que o sol presente. »

Era aly na pedra raza
O senhor rey Dom João;
Ante o velho sacerdote
Fazia a sua oração,
As mãos em cruz sobre o peito,
Giolhos postos no chão.

Armas que sempre cingia,
Todalas tinha despido;
Não tinha sedas, nem joias,
Mas peito d'aço batido:
Era qual homem vivente
Em ferrea prizão mettido.

Curva-se hum rey poderoso
Perante hum homem de pé;
Perante hum Padre coitado,

Que nada tem, nada he:
Licção profunda e subida
Preceitos da nossa fé!

Portas a dentro do templo,
Onde Deos eterno habita,
Onde aquelle amor sem zelos
Sómente os peitos agita,
Nas differenças do mundo
Fiel christão não cogita.

Foy assi na antiga Roma
Polas festas saturnais,
Folgavão, senhor e servo,
Como se forão iguais;
Mas o que lá foy licença,
Aqui são leys divinais:

Aqui são todos curvados,
Todos — o servo, o senhor;
Aquelles que a vida fruem,
E aquelles que só tem dôr;
Pobres, que almejão a morte,
Ricos, que á morte hão pavor.

Nem he por vil comezaina,
Que ally reunidos estão,
Mas sim, porque a Deos importa
Que não haja distincção
Entre irmãos, no patrio abrigo,
Rezando a mesma oração.

Sóbe assi aquella prece
Da multidão apinhada,
Qual lisongeiro perfume

Das flôres d'huma grinalda;
Tem huma odor, outra espinhos,
Outras tem côr, outras nada.

Era aly na pedra raza
O senhor rey Dom João;
Já disse as culpas que tinha,
Já fez a sua oração:
O Padre vai ministrar-lhe
A hostia da communhão.

Tem no rosto grave e serio
Expressão nobre e subida;
Maneiras cheias de brio
Em postura comedida,
Parece que vão mostrando
Quanto val o pão da vida.

Parece que mostra quanto
Por vil e baixo se tem,
Merecendo honra tamanha,
Que a não merece ninguem;
Dahy lhe vem ser humilde,
Nobreza daly lhe vem.

Perfez-se o rito sagrado,
Vai ser dado o sacramento,
Principia el-rey — *confiteor*, —
Quando n'aquelle momento
Surge ao pé delle um guerreiro
De marcial hardimento.

Tinha feroz catadura,
Só aço e ferro vestia,
Polas grades da vizeira
Raios de luz despedia:
Medonho e fero apparato
Nas sombras da sacristia.

Era o rey brioso e forte,
Homem de muito valor,
Mas olhos lançou á espada
A furto !... seja o que for,
Não creio que homens d'aquelles
Possão jamais ter pavor.

Em voz carregada e forte
Assi começa o guerreiro:
« Em nome do Senhor Deos,
Meo Padre, aqui vos requeiro;
O senhor rey não commungue,
Poisque não he justiceiro. »

A hostia das mãos do Padre
Cahio do cálix no fundo;
El-rey carrega os sobr'olhos...
Certo não era jocundo
Affrontar de rosto a rosto
As sanhas de João segundo.

Era então fresca a memoria
De hum caso máo, miserando:
De noite se ergueo a forca;
Mas quando o sol foy raiando,
Não vio ninguem mais a forca,
Nem mais ao duque Fernando!

Comtudo o bravo guerreiro
Sanhas do rey não quiz ver;
Não ha que lhe ponha embargos,
Nem que lhe possa empecer :
« Senhor, sou Padre Tavares! ».
Fita-o el-rey sem querer.

Depois lhe diz (que tal nome
Quebrára a furia real):
« Em bem, meo bravo guerreiro!
Mas esse trem de que val?
Somos em terras d'Hespanha,
Ou somos em Portugal? »

— « Senhor, não uzo brocados:
Vedes-me assi, e he razão,
Que havedes os meos haveres
Sem me deixardes, senão
Armas comidas no peito,
Armas gastadas na mão.

— « Fui ter ao vosso palacio,
Ninguem me não conheceo;
Quantos ally são comvosco,
Eu vos direi, senhor meo:
Nunca os eu vi nos combates,
Nunca na guerra os vi eu!

— « Voltei d'ally, protestando
Jamais não voltar ally;
Conheceis as minhas armas,
Se não conheceis a mi;
Vesti-me a modo de guerra,
Vim ter comvosco, — eis-me aqui?

— « As minhas alcaydarias
De Portal'gre e Assumar,
Senhor rey, vós m'as tirastes,
O que se chama tirar;
Ficavão perto da raya,
Máo azo de guerrear.

— « Das minhas alcaydarias
Eu tinha as rendas reais;
As guerras já são passadas,
Porque ora m'as não tornais?
Mal cabe em reys a cubiça,
Senhor, se m'as cubiçais.

— « Nem porque o velho guerreiro
Já nada vos presta e val,
Vos deveis portar com elle,
Qual dono pouco leal,
Que o seo corsel de batalha
Despreza no almargeal.

— « Assi que, Senhor, vos digo
Que vos não peço mercê;
Aquillo que me he devido,
Só peço que se me dê! — »
Prouve ao rey aquelles ditos
E mais o geito que vê.

Depois a mão estendendo
Ao seo leal lidador:
« Nós vos faremos justiça,
Assi como justo for;
Tendes a nossa palavra,
Seja-vos ella penhor! »

Alegre o Padre Thomaz
O seo mister rematou;
Hostia tomada do calix
Aos labios do rey chegou,
El-rey d'hum copo doirado
Hum gole d'agoa tomou.

Mimoso tempo d'outrora
Qual nunca mais o verei,
Nem tam inteiros sugeitos,
Hum ao outro dando a ley:
No Paço o rey ao vassallo,
Na Igreja o vassallo ao rey!

SOLÁO

DE GONÇALO HERMIGUEZ

Não ha mais d'aquelle tempo,
Em que era tudo lhaneza!
Acções e vida e costumes
Desta gente portugueza,
Por tal geito se trocárão,
Que he hoje tudo impureza.

Não trato d'este ou d'aquelle,
Pois ha em tudo exeições;
Mas trato da grande lépra
Que vejo hy nos corações:
Desprêso do amor da gloria
E apêgo ás ruins tenções.

Outrora, sabeis vós como
Garboso Donzel se havia
Por captar nobres extremos
Da moça que requeria,
Sempre grave, honesto e brando,
Sempre uzando cortezia?

Não trescalava pivetes,
Fitas, nem laços comprava,
Nem toda a manhã divina
Seos enfeites concertava,
Nem nos chapins se revia,
Nem nos cabellos primava.

Não corria séca e meca
Traz de mimosa donzella,
Que nas ruas lobrigava;
E por ver mais perto a bella
Não hia ao templo sagrado,
Sómente por amor d'ella.

Nem as noites janeirinhas
Mais compridas e mais frias,
Levava mofino amante,
Por baixo das gelozias,
Desenfiando hum rosairo
De trovas e ninharias.

Jamais não foy esse o estilo
Do moço em armas novel,
Em que experto dedilhasse
Na lyra do menestrel,
No tempo em que, não domada,
Lutava a gente infiel.

Por mais que amores amasse,
Por mais que fosse gentil,
Ninguem n'o vira a deshoras,
Como homem de tenção vil,
Como hum ladrão que de medo
Vai passo e manso e subtil.

Não pedia manto ás sombras,
Nem ao silencio mercê,
Nem do sol se arreceiava,
Como homem que pouco vê,
Nem da lua appellidada
A casta, não sei porquê.

Mas antes no amphitheatro,
Coberto de espectadores,
Onde mais povo corria,
Mais bellas e justadores,
Na arena se apresentava
Com letra e tenções d'amores.

No meio d'aquella chusma
D'arautos e passavantes,
Mantenedores do campo
Reys d'armas e circunstantes,
Feixes d'armas resplendentes,
Ondas de plumas brilhantes;

Entrava o novel guerreiro
No cêrco dos justadores!
De alguma dona sizuda
Na charpa trazia as côres;
Tinhão amores ás claras,
Porque erão nobres amores.

Silencio! que sôa a trompa,
A justa vai começar!
Entre si ferem mil lutas
Guerreiros a par e par:
Da lança feita pedaços
Voão estilhas ao ar.

Levão logo mão da espada;
Que feios golpes se dão!
Abolão-se capacetes,
Talhão-se arnezes; e a mão
Certeira ao travez da malha,
Vai direita ao coração.

Là sôa de novo a trompa,
Proclama-se o vencedor,
Que aos pés da bella entre as bellas
O seo trophéo vem depor:
Ao mais valente a mais bella,
Ao mais gentil mais amor.

Era a ley, — e até parece
De acordo co'a natureza,
Que se compraz no consorcio
Da força co'a gentileza;
Mais alma com mais coragem.
Mais brio com mais nobreza.

A abelha construe seus favos
Em troncos alevantados;
E eis a hera graciosa,
Que em abraços apertados
Não cinge mesquinho junco,
Mas carvalhos alentados.

Boa era a ley! — mas eu creio
Que lhe descubro hum senão;
Quem nos diz que o mais valente
Deva de ter mais razão,
Porque seja a sua dona
Como hum vaso d'eleição?

Seria coiza de ver-se,
E coiza de mui folgar,
Ver um dragão de mulher,
Chamada a bella sem par,
Á pura força de espada,
Sem mais pôr, nem mais tirar!

He bella: e al não digais,
Sob pena d'hum fendente,
Que vem do céo, como hum raio,
Provar ao villão que mente,
Co'os dentes que tem na bocca,
Como hum perro maldizente!

Fosse o caso como fosse,
He certo que d'ahy vem
Ás nossas donas de agora,
Aquelle séstro que têm
De amarem a militança
Melhor do que a nemhum bem.

Qual não gosta de ser bella.
Ao menos de o parecer?
Emquanto muitas... Deos meo,
Eu me sei compadecer,
Soffro o mal que os outros passão,
Mais talvez que o meo soffrer.

Muitas ha hy, que eu conheço,
Que aqui na terra não são,
Senão porque as vós mandastes,
Meo Deos, por occasião
De tedio e nojo ao peccado.
E morte da tentação.

Té os moços, que as namorão,
Dirão no confessional,
Jurando por Deos eterno
E pola vida eternal,
Que se fallão d'elle e d'ella,
He puro aleive e não al.

Vede pois qual não seria
O pasmo dessa donzella,
Proclamada ao meio dia
Fermosa como huma estrella,
Sem que houvesse ahy no mundo
Coiza melhor, nem mais bella!

Logo no fraco bestunto
Julgára, sem mais razão,
Que n'este mundo mesquinho
He tudo engano e abusão,
E té que a propria belleza
He coiza de convenção!

Era assi que n'outras eras
Garboso donzel se havia
Por captar nobres extremos
Da moça que requeria,
Á ponta de fina espada
E arrojos de valentia.

No tempo de Alphonso Henriques,
Que foy nosso rey primeiro,
Havia na sua côrte,
Côrte de rey mui fragueiro,
Hum tal Gonçalo Hermiguez,
Destemido cavalleiro.

Era moço e mui donoso,
De mui boa nomeada :
Fiava el-rey muito delle,
E a rayna Mafalda
Folgava de ouvir-lhe os cantos
Aos sons da lyra afinada.

Portas a dentro do Paço
Não tinha nemhum rival
Em compor trovas mimosas ;
E no campo e no arrayal
Não n'o havia mais valente,
Mais forte, nem mais leal.

Quanta sanha que elle tinha,
Votára á gente infiel,
Porque o pay lhe havião morto.
Era elle ainda novel ;
Vel-os porêm não podia,
Nem pintados no papel.

Era o mesmo ver a hum destes
E entrar logo em sanha tal,
Que era força ter mão d'elle,
Ou saltava-lhe ao gorjal
Pera torcer-lhe o gasnate,
Como se fôra hum pardal.

Mas se tinhão tento n'elle,
Era outro conto ruim!
Cahia logo em desmaios,
Que era hum desmaio sem fim!
Dó era ver tal sugeito
Prostrado e defuncto assi.

Andava sempre occupado
Em perpetua correria
Polas terras do mourisco,
E muito mal lhes fazia:
Dava porêm mór realce
Ao nome que já trazia.

Como fosse e os companheiros
Em hum saráo folgazão,
Lembrou-se que perto vinha
A noite de Sam João,
Azado ensejo de aos Mouros
Fazer-se affronta e lezão.

Cheia de bello hardimento.
Aquella nobre nobreza
Por amor de seos amores
Commette tam grande empreza
Qual a de hir terras de Mouro
Com feros, ronco e braveza.

Qual apresta o seo ginete,
Qual a fita dependura
No collo nunca domado,
Qual a pesada armadura
Inverga, e ahy se recolhe,
Como em arce mui segura!

Qual a Deos por testemunha
Toma da sua tenção,
Qual aos pés da sua dona
Requer-lhe extremo condão,
Extremo volver dos olhos,
Extremo apertar da mão!

Qual desly toma algum nome
Por grito de accommetter,
Que nas lidas e pelejas
Saberá fazer valer!
Qual sente o nojo futuro,
Em mal, que lá vai morrer!

Mas nunca será que o rosto
Mostre o que n'alma lhe mora:
Quem vio a morte passar-lhe
De perto, já não descora
Por hum presagio funesto,
Sendo ella coiza d'huma hora.

Aquelles bons cavalleiros
Azinha promptos estão;
Lá se partem de Coimbra,
Montes além já lá vão!
Ninguem vio mais escolhido
Nem mais luzido esquadrão.

Entre elles por mais robusto
Gonçalo Hermiguez campeia;
Diz seu porte sublimado,
Que de nada se arreceia,
Mas antes que a todos repta,
De tanto que o collo alteia!

Caminho vão de Lisboa
Com todo apercebimento !
Não convem que se aprecatem
D'aquelle accommettimento
Mouros que vivem na regra
Do seo alkorão nojento !

Sabeis a regra qual seja ?
He viver dentro do harem,
Dizendo mal do toicinho
E mais do vinho tambem,
Sem que lhe pêze este mundo,
Sem que lhe pêze ninguem !

He vegetar entre flôres,
He viver vida folgada,
Aspirando incenso e odores
Em molleza effeminada,
Nem que fosse huma odalisca
Ou mulher alambicada.

Puzerão todos a mira
Em Alcácere do Sal,
Covil de feras humanas,
Não de cordeiros curral ;
Nó gordio do vil mourisco,
O ferro o corta, não al !

Os que por terra a demandão
Vão em procura d'Almada,
Alcáçova dura e forte,
Em rija pedra assentada,
Como pedra preciosa
Em ferrea c'roa engastada.

Outros lá vão Tejo arriba !
Ó Tejo, quanto me he grata
Essa placida corrente,
Quando a lua se retrata,
Chovendo chuva de raios,
No teo chão de lisa prata !

Que doce que he teo remanso,
Quando manso o vento gyra,
Que nas folhas rumoreja,
E como que ally suspira
Melíndres d'amor suave,
Que nem tangidos na lyra !

Que arroubos que infiltras n'alma,
Quando vai ao som das agoas
Navegando o passageiro ;
Já, se as têm, não sente as fragoas.
Que no peito a dôr derrama,
Como huma enchente de magoas !

Mas talvez dos cavos olhos
Polas faces a correr
Sinta o pranto represado
Pelo seo muito soffrer ;
Corra embora, qu'esse pranto
Dôr não he, senão prazer !

Que neste val' de amarguras,
Onde viemos penar
Por cada dia hum marteyro,
Por cada instante hum pezar,
He bem feliz quem só passa
Dôres que fazem chorar !

Não sei ledice o que seja,
Nem o que seja prazer ;
Nunca os senti n'esta vida,
Nem n'os posso conhecer ;
Que não sou dos bemfadados,
E nunca o não hei de ser !

Mas o pranto extravasado
Não he quem nos dá morrer,
Nem quem o viço dos annos
Faz seccar e emmurchecer ;
He antes aquelle pranto
Que não sabemos verter.

Lá vão hindo Tejo acima,
Olhos longos polo mar,
Lá onde enxergão Lisboa
Com fogueiras de espantar ,
Fogo accendido na terra
Sóbe em centelhas ao ar !

D'aquelles fogos accesos
Em roda os velhos estão,
E as donzellas feiticeiras
Com sorriso folgozão,
Cantando coytas de amores,
Quites de coytas então.

He a noite milagrosa
Do Bautista milagroso,
Té dos mouros da Mourama
Havido por glorioso :
Folgão nobres e senhores,
Folga o villão descuidoso.

Horas de noite folgada
Não tardão, não têm vagar:
A noite assi do Bautista
Vai serena a escorregar,
Como areia da ampulheta,
Hum grão e outro a tombar!

Vai assi como o perfume
Respirado d'uma frol,
Que não vemos, mas sentimos;
Que sentimos no arrebol
Da manhã, que pola terra
Se espalha em antes do sol!

Vai assi como o rocio
De serena madrugada,
Rorejado gota a gota
De branca nuvem prenhada
Sobre o calice musgoso
De huma flôr avelludada.

Vai assi, qual sóe prender-se,
Em quem de amores não cura,
Doce peçonha de amores:
Donzella de vida pura,
Quando ha temores de havel-o,
He qu'elle já não tem cura.

Do Alcácer as lindas filhas,
Já era nascida a aurora,
Pera ver huma corrida,
Sahirão portas a fóra,
E mais pera colher flôres,
Persuadidas da hora

Logo sahidas no prado
Forão, qual sohem de ser
Mansas agoas d'hum regato
Em chão sem leito a correr,
Cada qual por seu caminho,
Cada qual a seu prazer!

Desly pulando e cantando
Vão nas matas de alecrim.
Colhem a rosa corada
E a branca flôr do jasmim ;
Brincão brinquedos contentes,
Folgão folguedos sem fim !

Oh ! que festas ! que alegrias !
Que arruido vai no prado !
Que bem cantado rimance,
Que soláo tão bem cantado ;
Não têm as aves atito,
Nem gorgeio mais brincado !

Oh ! que vozes melindrosas,
Que accentos encantadores
N'aquelle prazer d'uma hora !
As moças vão colher flôres,
E os moços que vão com ellas
Vão lá por colher amores.

Eis nisto... estranho arruido !
Rouca trompa abala o ar ;
Logo assomão cavalleiros
Com figuras de espantar :
Allah nos valha, mofinas !
Dizem moiras a chorar

Allah! repetem n'os mouros,
Vendo o pendão portuguez ;
E do alfange recurvado
Levão mão sem pavidez!
Feios golpes se preparão,
Outra folgança outra vez!

Retine o ferro no ferro,
Talhão-se cotas e arnezes ;
O fino alfange mourisco
Abre o elmo aos portuguezes;
E a espada que bem degola,
Bem multiplica os revezes.

Lá chega o alarma á Cidade!
Lá vem mouros descançados
Em descançados ginetes :
Cavalleiros esforçados,
Que por Christo Deos pelejão,
Não têm de que ter cuidados.

Gonçalo Hermiguez, o cabo,
Avante! brada, e não al :
Brilha o valente nas lides,
Que ally não acha rival,
Aquelle cabo entre todos
Sanhudo e forte e fatal.

Maneja tam facilmente
O seu pesado montante,
Que Alcides com sua clava,
E nem o Titan gigante,
Serra a serra sobrepondo,
Não tinha aquelle semblante.

Eilo vai per entre os mouros,
Abre entre elles larga estrada;
Quem fica em prisão de guerra,
Quem lá foge em debandada!
Ficão moiras prisioneiras,
Mulheres — gente coitada!

Gonçalo Hermiguez em tanto
Vio que longe lhe fugia
Linda moira desmaiada,
Que hum moço mouro cingia,
Dando d'esporas ao bruto,
Que mais que o vento corria!

Vai sobre elles sem tardança:
Comquanto de arremeção
Matal-o tambem pudera;
Certo o fizera, senão
Temesse que a moira bella
Morresse de sua mão.

Mais logo que foy com elle,
D'hum golpe que despedio,
Cerce o cortou pelo meio:
Golpe assi nunca se vio!
E a moira tomando em braços,
Azinha daly fugio.

Passou terrivel com ella
Por meio da gente fera;
Quem n'o vira tam sanhudo,
Leão raivoso dissera,
Passando a travez dos homens
Com a preza que fizera.

Eis nasce novo combate,
Nova peleja maior!
Muitos homens contra hum homem.
Contra hum forte lutador;
Mas hum só que a todos vence
Em força, esforço, e valor!

Mal podia a mão sinistra
Vibrar a sangrenta espada,
Co'o peso d'aquella moira
Disputada e desmaiada,
Cujo corpo em dois pendia,
Como huma frecha quebrada.

Mas inda assi despedia
Hum golpe e outro cruel:
E de encontro a este, áquelle
Mandava o seo bom corcel,
Que a turba multa alastrava
Aos pés do nobre donzel.

Quando a ventura he incerta,
Acerta em aventurar
Quem a empreza disputada
Tem desejos de acabar:
Só elle demóra em terra,
Que os seos já são sobre o mar!

Torce as redeas ao ginete,
Larga carreira arrepia,
Larga estrada co'o montante
Por entre os mouros se abria,
Despedia muitos golpes,
Muitos estragos fazia.

Chega à praia, os seos avista;
Mas os mouros perto vêm!
Como isto vio, torce o rosto,
Medonho como ninguem;
Temem-se mouros de o verem;
Párão, como elle, tambem!

Vão assi feros monteiros
Traz d'hum urso mal sangrado,
Que de repente a carreira
Revira, e vólta agastado;
Parão monteiros ao vel-o
Raivoso e mal assombrado;

E a fera, d'aquelle pasmo
Sabendo, em seo bem, valer-se,
Vai a passos descançados
Em densa mata esconder-se,
Sem temor da monteria,
Sem dos monteiros temer-se.

Tal o forte Traga-mouros
Salta dentro do baixel;
Na praia ficão pasmados
Mouros, do feito novel,
Tamanho, que nem sonhado
Foy jamais por menestrel.

E os companheiros aos ventos
Desfraldão velas e panos,
Deixando as praias tingidas
Em sangue por muitos annos;
Quantos bastem, porque chorem
Seo dezar os musulmanos.

Aos alegres companheiros
Disse o guerreiro feliz:
« Das prezas, que nós fizemos,
Quero tam só a que eu fiz,
A moira que por seo nome
Fatima em Turco se diz! »

Então aquelle seo canto
Principiou a compor:
Cant'eu, por vergonha minha,
Em bem que o saiba de cór;
Digo que sal lhe não acho,
Nem sei de coiza pior.

Mas era o soláo por certo
Aos tempos accommodado,
Que de outro cantar não acho
Que fosse mais decantado,
Nem Figueiral Figueiredo,
Nem o Ficade coitado.

E a moira já bautizada
Pertenceo ao lidador,
Duas vezes conquistada
Polo donzel, seo senhor,
Primeiro á força de espada,
Depois á força de amor.

Era assi n'aquelle tempo
Coiza sabida e seguida,
Remanso depois da gloria,
Descanço depois da lida,
E a fé que espera e milita
Nos actos todos da vida!

Vêde vós quamanho he o lucro,
Que lucra a moira pagã,
Desposando o cavalleiro,
Tornada e feita christã ;
He vida e sangue de hum homem,
Não de infieis barregã !

Ho como trophéo ganhado
Em guerras de religião
Por algum peito devoto,
Que por sua devação
Prometteo dependural-o
Dentro de templo christão.

O canto aqui finalizo !
Não devo d'hir por diante,
Narrando casos da vida
Per natureza inconstante,
Trabalhos que sempre durão,
Prazer que dura hum instante !

Foy o cabo dos amores
A moça moira acabar
E sobre hum covão aberto
Hum homem posto a chorar,
Hum homem de dó coberto,
A carpir-se, a prantear !

LENDA DE SAM GONÇALO

Agora de hum grande Sancto
Embora lhe cabe a vez;
Bom Sancto foy Sam Gonçalo,
Pezar que foy Portuguez,
Que sanctos ditos que disse!
Que sanctas obras que fez!

Bom tempo foy o d'outrora!
Não lhe quero outra rezão:
Criava a terra gigantes,
Havia sanctos então,
Havia paz e liança
Nos reys do reyno christão.

He coisa de maravilha
E de louvar o Senhor,
Ver na terra homens d'aquelles
De tanto esforço e valor,
Como Gonçalo da Maya
Ou Gyraldes sem pavor!

Mas destes tratar não quero,
Que são mui perto de nós;
D'outros digo tam pujantes
E de aspecto tam feroz,
Que hum sancto martyr trincavão,
Como quem trinca huma noz.

Quando a fé 'stava mais pura
Melhor se mostrava Deos;
Rezão disto as Escrituras
Escusa pois ditos meos:
Começa do fim ditoso
Dos sete irmãos Machabeos.

Nada conta o livro sancto
Do rey que se houve assi,
O corpo nos não descreve;
Mas eu tenho pera mi,
Que devia ser taludo,
Como huns cafres que já vi!

Que sete irmãos como aquelles,
Cada qual como hum Sansão,
Não he coisa que por brinco
Se frite n'hum cangirão,
Que se retalhe em fatias
Delgadas, como de pão.

Mas Deos que lhes deparava
Em sua alta providencia
Tal fereza nos algozes,
Dava-lhes tal paciencia,
Que havião em pouco o trato,
Havendo o trato em clemencia.

Hoje d'aquella virtude
Só a licção nos ficou;
O tempo nos foy comendo
O corpo, que assi leixou,
E té no esprito roído
De vez a fé desbotou.

Não pasmo disto, mas antes
De ver em povo d'increos,
Quem tema o fogo divino,
Quem torne á caza de Deos,
Quando o pasmoso cometa
Alarga as azas nos céos.

Cegos ! se todos vós fosseis
Criados na escuridade,
Que farieis lobrigando
Deste sol a claridade,
Deste sol que sempre luze,
E pera vos luz e embalde ?

Como insectos esmagados,
Alastrando longe o chão,
Tontos de pasmo e de medo
Ficarieis vós então,
Os olhos do corpo cegos,
Mas dentro d'alma o clarão.

E ainda mais — ¿ que farieis
Vendo aquelle sol divino,
Que cega os olhos do esprito,
Como de corpo franzino,
Se vendo este, qu'inda he terra,
Ficades tontos, sem tino ?

Antes, Senhor, que me esqueça
Quanto fizestes por mi,
Lavai-me dos meos peccados,
Que eu como galas vesti
Levai-me desta amargura,
Levai-me, Senhor, daqui!

Levai-me, si, que eu não veja,
Mal de mi! com tanta dôr
Vossos preceitos divinos,
Vossa doutrina d'amor
Trocada em usos de feros,
Na religião do terror!

Mas se isto vos não mereço,
Já vos não peço, senão
Que eu veja da minha vida
Extincto e cego o clarão,
Antes que eu veja maldicta
Esta mesma religião.

Antes que eu veja crianças
Prégarem ás cans nevadas,
A correr de noite as ruas
Com folias e toadas,
Por ver azas de cometa
Immensamente alongadas.

Cant'eu, de mi o confesso,
São veloces caminheiros,
Que por ordem lá de cima,
De más novas mensageiros,
Vão batendo d'astro em astro,
Como divinos romeyros.

Se comtudo hum Portuguez
Al dos cometas sentir,
Se esta desgraça presente
Nelles não vio reluzir,
Dir-lhe-hei que elle não sente
O dó de Alcácer-quibir

Dir-lhe-hei... mas nada digo !
Eu alquebrado ancião
Hei mister sancto descanço
Pera a minha devação :
Sei que ser Portuguez hoje
He crime d'alta treição.

Agora torno ao meu Sancto;
A lenda aqui principia :
Dai-me, ó Sancto milagroso,
Ajuda em tenção tam pia.
Que um Sancto, mesmo por ende,
Deve de usar cortezia.

Frei Sam Gonçalo era Abbade
De Sam Payo na Abbadia ;
Era mancebo nos annos,
Mas como sancto vivia ;
Com toda a renda que tinha
Aos pobres seos acudia.

Era pingue o beneficio,
Bons benesses que elle tinha !
Bons portuguezes antigos,
Boa prata comezinha !
Já disso não vejo ha muito...
Deve ser cegueira minha.

Cegueira, si ; que se o reyno
Era rico de pobreza,
Cavados tantos thesoiros
Em cada huma fortaleza,
Tanto arcaz de feição moura
Cheio de tanta riqueza ;

Porque então não vejo agora
Senão grosseiros ceitis,
E esses mesmos não tantos
Que se midão por candis,
Ou então pesos d'Hespanha,
Só bem acceitos por vis ?

Mas he tal nossa mofina
Que na minha sacristia,
Sommados todos no cabo
Os fruitos de cada dia,
Não dão pera o oleo sancto,
Que a mãy de Deos alumia !

He certo miseria grande
E muito grande extranheza ;
Que o povo leixe que os frades
Corrão com toda a despeza,
Elles coitados que vivem
Em mais que parca estreiteza !

Mas Deos he o sancto dos sanctos,
Elle nos ha de acudir ;
Assi fôra eu Sam Gonçalo,
Que logo faria vir
Brocados d'altos recamos
Pera a Senhora vestir.

E huns paramentos ricos,
Como nunca os vio ninguem ;
E lampada como aquella
Que em Bemfica os Padres têm,
Huns castiçais de pé alto,
Humas galhetas tambem.

Mas do Sancto Sam Gonçalo
Era outra a devação;
Todolo próe dava aos pobres
Com tam largo coração,
Que não tomava um adarme
De quanto tinha na mão.

Vivia como se fôra
Dos seos pobres dispenseiro,
Tudo com elles gastava,
Que não sómente dinheiro;
Fiava que Deos iria
Compondo o seo mealheiro.

Trazia guerra travada
Co'o Demo, que o não deixava,
Os acicates da carne
Com jejuns os despontava;
E tinha tam sancta vida,
Que Deos o communicava.

Isto não he coiza nova,
Antes coiza mui provada,
Que Deos não quer ser vencido
Em cortezia extremada;
Seja a prova aquelles Monges
Do deserto da Thebaida;

Que se forão commettidos
Do inimigo malino,
Vestido em pel' d'alimaria,
Como de um urso ferino
Tambem do céo, como orvalho,
Lhes vinha o favor divino.

Mas se hum incréo me pergunta
Porque hoje disso não ha :
Pergunto ; — porque o deserto
Flôres, nem fructos não dá?
Porque não corre á corrente,
Se a fonte exhaurida está ?

O céo he sempre benino,
Agua não leixa de haver ;
Se a terra pois não produze,
Se a fonte não quer correr,
He terra, he fonte damnada ;
Penso que al não póde ser.

Ora huma noite que o Sancto
Rezava as suas matinas,
Ouvio huns doces acordes
Como das harpas divinas,
Que os anjos tangem cantando
Louvor ás pessoas trinas.

D'aquelle mar d'harmonia
Voz que não era daqui,
Despega-se, e diz ao Sancto :
— Gonçalo, que fazes hy?
« Ora, Senhor, lhe responde,
« Por todos e mais por mi! »

« He muito, a voz lhe tornava,
He muito, mas tudo não ;
Faze-te prestes romeyro,
Toma a vieira, o bordão,
Esmola polas estradas,
Caminho recto a Sião.

« Pascem no monte Oliveto
As cabras do Galaath;
Retumba no templo augusto
A voz medonha de — Allah; —
Ferve aly muita aravia,
Muito homizio vai lá.

« Se entre os máos hum bom existe,
Poupa Deos a quantos são;
Porém carreira arrepia:
Caminho vai de Sião,
Na boca o nome divino,
Minguada esmola na mão. »

O bom sancto alvoroçado
Apresta-se com trigança:
Cumpre divino preceito,
Só nelle tem confiança,
Que vagar por longes terras
Prazer não he, mas provança.

He nada o trem d'hum romeyro;
O Sancto se apresta azinha,
Chama hum parente lidimo,
Portas a dentro o mantinha;
E entrega-lhe o seu rebanho
Com as ovelhas que tinha.

Dá-lhe a prebenda avultada,
E os mais benesses tambem,
Tudo com termos polidos,
Ou só de hum sancto, ou de quem
Só quer da vida o marteyro
E os premios que Deos lá tem.

E mui leal lhe encomenda
Seos pobres por derradeiro:
Ora lá vai caminhando
Aquelle sancto romeyro,
Pedindo a Deos em sua alma
Que lhe depare o marteyro!

Que acção que trescala a graça!
Que façanha peregrina!
Deixar o esposo prelado
A sua esposa divina,
E andar caminho da vida,
Vivendo vida mofina!

Áquelles pobres, seos filhos,
Em vida seos bem legou!
Que mais fez aquelle Padre,
Que o livro sancto louvou,
Que ao filho dá bondadoso
De quanto, em bem, lhe ficou?

Quem ha hy que hoje se arrisque
A perfazer tal empreza?
Aquelle ardor atrevido,
Aquella sancta affoiteza
Foy timbre d'homens antigos,
Homens de lhana rudeza.

Não hoje, que o homem nasce
Franzino e fraco, inda mal!
Sem forças pera a virtude;
Só com valor infernal,
Pera as torpezas do crime
E pera o vicio carnal.

Não hoje, quando o peccado
Usa de tanto disfraz,
Que só por artes malinas
E manhas de Satanaz,
Póde o homem fazer tanto,
Come hoje em dia se faz!

Já vi em casa de hum rico
Tal meza com tal guizado,
Com cheiro tam penetrante
E adubo tam concertado...
Eu creio que só da vista
Ficava o jejum quebrado.

E vi tambem humas camas...
Dellas não quero tratar :
Cahi na conta que o Demo
Foy só quem n'as pôde armar;
Senti vertigens de somno,
Sem o poder dominar.

Fugi do engodo malino
Clamando por Deos Jezus,
Na boca o sancto exorcismo,
Na fronte o signal da cruz,
Braços cruzados no peito,
Fronte mettida em capuz.

Então acabei commigo
De crer no que disse Deos
Ao bando dos seus descip'los
E á turba dos phariseos.
Não ser azado que hum rico
Possua o reyno dos céos.

E entrando na minha cella,
Vista a penuria que eu vi,
Clamei que Deos fôra grande
E muito bom pera mi;
Qu'esta pobreza em que vivo,
Certo, lh'a não mereci.

Partira pois Sam Gonçalo,
Partira, mas não sem dôr :
No seo amado rebanho
Leixando, em vez de pastor,
Aquelle falso parente,
Que foy hum lobo tredor.

Olhos outrora do falso
Baixados humildemente;
Ditos e fallas de sancto,
Meneyo e gesto consente,
Fizerão-no ter por sancto :
Julgava assi toda a gente.

Aleive não ha que dure,
Sem que se descubra alfim;
Logo de posse do bôlo
Mostrou-se o villão ruim;
Mostrou-se, qual sempre fôra,
Padre não já, mas chatim.

Intruso que não rezava
Nem siquer seu breviairo;
Gastava dos bens dos pobres
Com boa sombra e doairo,
Pera si com mãos de rico,
Pera os outros — de usurairo.

Gastava em mulas possantes.
Em caça de altaneria,
Em ter matilha adextrada
E bem provida ucharia,
Em ter vestidos mui finos
Barrados de pedraria.

Trem real como elle tinha,
Por certo não vio ninguem:
Cavallos de boa raça,
Falcões, açores tambem,
Criados e meza larga,
Como hoje aqui poucos têm!

Quando sahia a passeio
Todo garboso e luzido,
Ninguem diria ser Padre.
Senão duque esclarecido,
Ou senhor d'altos estados,
Ou infanção destemido.

Que o seu ginete mandava
Com tal arte e bizarria,
Que ao passar no povoado
Donas de muita valia,
Lindos olhos concertavão
Nas grades da gelozia.

E muitas vezes passando
Junto á mourisca seteira,
Morrer aos pés do ginete
Vinha a seta mui certeira,
Com letra e primor de amores,
De amores máos mensageira.

Assi vivia este abbade,
Em tanto que o verdadeiro,
Sem lar, sem tecto, sem meza,
Como pobre forasteiro,
Vagava por longes terras,
Vivendo como hum romeyro.

Muitos annos são passados,
(Diz catorze a tradição)
Quando o divino romeyro,
Feita a sua devação,
Torna do bento sepulchro,
Gasto e quebrado ancião.

Alva e rara cabelleira,
Como prata, reluzia ;
Rosto de rugas cortado,
Barba que ao peito descia :
Homem de carne não era,
Senão pura notomia.

Dos annos e da molestia
O corpo todo alquebrado,
Nos trajes pouco luzido,
Ou roto ou mal concertado ;
Á porta do novo abbade
Batia o velho prelado.

Ergueo em voz já sumida
Hum triste e piedoso brado,
Pedindo magra pitança
Com modesto gazalhado,
Que vem o pobre romeyro
Morto de fome e cançado.

Áquelle pio reclamo
Acode medonho cão,
A cauda enrosca, e d'hum salto
Investe ao sancto ancião;
Rompe-lhe os rotos andrajos,
E arranca-lhe o seo bordão.

Acode o dono soberbo
Dizendo: Vai-te, mendigo!
« Senhor, retrucava o Sancto,
« Primeiro ouvide o que digo:
« Morro de fome e cansaço,
« Não tenho lar, nem abrigo! »

— Não me praz ouvir-te agora,
Tornava o abbade indino,
Mais que depressa esquecido
Que a opa do peregrino
Ou que a murça do romeyro
Esconde hum ente divino.

— Sei, dizia, que na capa
De piedoso romeyro,
Vem gente de feio trato
E muito vil calaceiro:
Bem he de crer, como eu creio,
Que és delles — por derradeiro.

— Desse teo rosto medonho,
Que boas novas não traz,
Digo que o vi nos milhanos
Das serras de Monsarraz;
És predador das estradas:
Juro por Sam Satanaz! —

Ouvido que foy tal nome,
Como de sancto christão,
Ao sancto abbade romeyro
Cahio-lhe o rosto no chão!
Dôr que lh'entrára no peito,
Ficou-lhe no coração.

Que se elle era assi tratado,
Elle, vigairo e senhor,
Que não seria dos pobres,
Que em vez de terem pastor
Tinhão por guarda e vigia
Faminto lobo tredor

O sancto ficou penado
E cheio da contricção,
Que ao seu parente talvez
Foy meio de perdição,
E ao seu rebanho de mágoa
E a si de muita afflicção.

Alfim tornado do espanto,
Disse severo de si,
Com voz e tom d'agastado :
« Gonçalo sou, eis-me aqui!
« Venho ora tomar-vos contas
« Do que fizestes por mi! »

As frias mãos escarnadas
No seo bordão ajuntou :
Espera resposta delle,
Rosto nas mãos inclinou :
Prosegue ; fundo suspiro
Do peito o velho arrancou :

« Certo que as vossas palavras
« Mal dizem com o que dissestes,
« Quando de vós me apartei ;
« Co'o que vós me promettestes,
« Co' as licções que vos eu dei,
« Com a fé que me vós déstes !

« Dissestes : na tua ausencia,
« (Disseste-lo em hora má)
« Qualquer das tuas ovelhas
« Em mi abrigo achará ;
« Qualquer dos pobres que leixas
« Aqui mantido será.

« Ora eis-me aqui !... e a mim proprio
« Negas hum pouco de pão,
« Que só he de ser negado
« Ou a precito ou a cão ;
« Negas-me té gazalhado,
« E o fogo do meu fogão !

« Levar daqui ! sou Gonçalo;
« Dá-me pois o meo logar,
« Dá-me as ovelhas coitadas,
« Que eu não devêra leixar,
« Dá-me... » — Ai ! não pôde o Sancto,
Não pôde, não, rematar !

Sobre a fronte, calva e núa
Vio descer grave pancada ;
A testa de romania
Ficou em sangue lavada;
Aquelle sangue bemdito
Regou a terra damnada.

Certo que os anjos no inferno
Sentirão muito prazer.
Vendo aquelle máo prelado
Acção tam vil commetter,
E Sancto tal affrontado,
Sem Deos lhe poder valer.

Mas o Sancto milagroso
Que póde tornar do pão,
Já não digo azyma feia,
Senão massa de carvão,
Triste, negro e inficionado,
Que nem era pera cão ;

Que moveo rochedo enorme
Junto á ponte d'Amarante,
Chegando-lhe hum dedo apenas,
Como se fôra gigante;
Rocha que esforços baldára
De muita gente possante :

Que fez elle ?... oh ! nada fez !
Disse : « Deos o quer assi;
Sou eu creatura sua,
Bem he que elle mande em mi;
Não seja feito o que eu quero,
Mas o seu talante — si.

« É vossa a força que eu tenho,
Disse elle : em uso a não puz,
Que tambem sobre o calvario,
Vós, Senhor meo, bom Jezus,
Nem o calvario afundastes,
Nem sovertestes a cruz.

« Porque se eu, filho do barro
Ser mesquinho, ou verme, ou nada
Tenho em mi força divina
He pera ser empregada
No que he mister, porque seja
A gloria vossa exaltada. »

Assi discorria o Sancto
No seu profundo juizo;
Ora descança no meio
Das glorias do paraizo :
Louvor a Deos ! — e com isto
A lenda aqui finalizo.

Conto as coizas como forão,
Não como devião ser ;
Hum Sancto, mesmo porende
Merece menos soffrer :
Julgo assi ; digão-n'os sabios
Qual he o seo parecer.

Cant'eu — sabença da terra
Tenho por coiza ruim,
Que serve só pera gloria,
Que he só vangloria ; e assi
Que como he coiza de orgulho,
No fundo inferno tem fim !

O homem que fôr prudente
Só pelos frades se reja ;
Creia no Papa e nas Bullas,

E na sancta Madre Igreja :
O mais he coiza de fumo,
Não sei de que valor seja.

Que reze o sancto rozairo,
Dou de conselho tambem ;
Que assi viverá na gloria,
E vive-se lá mui bem,
Cantando hosannas eternos
Por tempos sem fim : *amen*

NOTAS

POESIAS AMERICANAS

CAXIAS

Esta poesia é uma reproducção da que o auctor inserio na primeira edição com o titulo de *O morro do Alecrim*, do nome de João da Costa Alecrim que alli pelejou pela independencia nacional. Chamava-se então Morro da Taboca.

A poesia *O morro do Alecrim* é a seguinte :

Que monte além se eleva negrejante !
Na areia a base enterra, e o dorso ingente
De rija pedra mosqueado amostra ;
Esteril como elle é, dizer parece
Que a ira do Senhor ardendo em raios
A seve d'hartos troncos — de mil annos
Apagou, consumio n'um breve instante.

Mas não ; a rubra côr que ahi se enxerga
É sangue que correu ;

Cada pedra que hijaz encerra a historia
D'um bravo que morreu.
E raios mil de guerra em morte envoltos
Já lá do cimo agreste da montanha
Sibilando e gemendo á funda base
Baixárão susurrando.

É do povo o Sinai, que o nobre sangue
Independente e forte — em lide accesa
Na arena derramou ;
E o filho ainda lá vai cheio de orgulho,
Do pai beijando o sangue em largos traços
Que a pedra conservou.

O CANTO DO GUERREIRO

Quem vibra o tacápe...

Tacápe, — arma offensiva, especie de maça contundente, usada na guerra e nos sacrificios. A etymologia desta palavra indica que os Indios o endurecião ao fogo, como costumavão fazer aos seus arcos : *Tatá-pe* quer dizer « no fogo. »

Co'os sons do Boré

Boré, — instrumento musico de guerra ; dá apenas algumas notas, porém mais asperas, e talvez mais fortes que as da trompa.

E o Piága se ruge
No seu Maracá...

Piagé, *Piache*, *Piaye* ou *Piága* (que mais se conforma á nossa pronuncia) era ao mesmo tempo o sacerdote e o me-

dico, o augure e o cantor dos indigenas do Brazil e d'outras partes da America.

Os Piágas erão anachoretas austeros, que habitavão cavernas hediondas, nas quaes, sob pena de morte, não penetravão profanos. Vivendo rigida e sobriamente, depois de um longo e terrivel noviciado, ainda mais rigido do que a sua vida, erão os dominadores dos chefes — a baliza formidavel que felizmente se erguia entre o conhecido e o desconhecido — entre a tão exigua sciencia daquelles homens e a tão desejada revelação dos espiritos.

Hans Staden escreve *Paygi*; *Payé* lê-se em uma das obras do Padre Vasconcellos, nome que tambem lhes dá Laet na sua « Descripção das Indias occidentaes. » Lery e Damião de Góes escrevem *Pagé*; e é assim que ainda hoje se diz no Pará.

Maracá — entre os Indios, o instrumento sagrado, como o Psalterio entre os Hebreus, ou o Orgão entre os Christãos; era uma cabaça crivada, cheia de pedras ou buzios, e atravessada por um hastil ornado de pennas multi-côres, que lhe servia de cabo. O antigo viajante Roloux Baro, testemunha da veneração que os Indios lhe tributavão, chamava-o *Le diable porté dans une calebasse* « o diabo dentro d'uma cabaça. » — A esta palavra vão alguns modernos buscar a etymologia da palavra « America. »

O CANTO DO PIÁGA

Anhangá me vedava sonhar...

Anhangá — genio do mal, o mesmo que Lery chama *Aignan* e Hans Staden *Ingange*.

Manitôs! que prodigios que vi!

Manitôs — uns como penates que os Indios da America do norte veneravão. O seu desapparecimento augurava grandes calamidades ás tribus de que elles houvessem desertado.

..... O sacro instrumento

O Maracá.

O desgraça ! ó ruina ! ó Tupá

Tupá ou *Tupan* — Deus, o ente immenso, incomprehensivel e todo poderoso — o genio do bem, como Anhangá o do mal. É o Orosmane e Arimane dos Persas.

TABIRA

Tobajaras — o povo senhor.

Ces Tobaïares qui réclamaient l'antériorité dans la domination du pays, et qui se donnaient un titre équivalent à celui de *seigneurs de la contrée.* — Ferdinand Denis.

« Tobajaras são os indios principaes do Brazil, e pretendem elles serem os primeiros povoadores e senhores da terra. O nome, que tomárão, o mostra ; porque *yara* quer dizer senhores, *tobá* quer dizer rosto ; e vem a dizer que são os senhores do rosto da terra, que elles têm pela fronteira do maritimo em comparação do sertão. » — Padre SIMAM DE VASCONCELLOS, Noticias do Brazil. L. 1, n. 156.

Escrevendo Tobajaras segui, por ser mais euphonico, a orthographia do Padre Vasconcellos. Convem todavia confessar que se não deveria dizer *Tobajaras*, como este Chronista, mas *Tabajaras* ou *Tabaiaras*, com Ferdinand Denis, o que mais se conforma com a etymologia, « Taba e Iara ou Yara. » Tabajaras é litteralmente como se dissessemos : os senhores ou dominadores das Aldeias.

Por isso mesmo que os Tobajaras occupavão o littoral, é de suppôr que elles fossem antes os conquistadores, que os primeiros povoadores do paiz. Os conquistadores, como homens que erão, carentes das mais simples noções da agricultura, deverião de preferencia escolher as praias como mais mimosas da natureza e mais fartas, recalcando assim para o centro das matas os incolas primitivos do paiz. É isto o que sabemos da historia de todos os povos barbaros. Os Tobajaras portanto dominárão pela conquista e quadra-lhes optimamente o nome que tomárão de senhores das aldeias — de *Tabajaras*.

Potiguares lá vêm denodados.

Dizem uns Potiguares ou Petiguares, outros Pitigoares. D'elles escreve o Padre Vasconcellos :

« Em segundo logar (*depois dos Tobajaras*) os Potiguares forão sempre indios de valor, e se fizerão estimar pelas armas, que por longos annos movêrão contra os Tobajaras : nas quaes tiverão encontros dignos de historia ; porém não me posso deter em cantal-os... punhão em campo vinte até trinta mil arcos. » — Not. do Brazil. L. 1, n. 157.

O GIGANTE DE PEDRA.

Alguns dos principaes montes da enseada do Rio de Janeiro parecem aos que vem do Norte ou do Sul representar uma figura humana de colossal grandeza : este capricho da natureza foi conhecido dos primeiros navegantes portuguezes com a denominação de « frade de pedra, » que agora se chama « o gigante de pedra. » — Áquelle objecto se fez esta poesia.

. . . extincta a antiga crença
Dos Tamoyos, dos Pagés.

Tamoyos erão os primeiros habitantes do Rio. — *Pagés* erão os sacerdotes, os augures, os medicos dos indigenas de todo o litoral do Brazil — os mesmos a que nos « Primeiros Cantos » dei o nome de piagas.

Aos sons do murmuré.

Murémuré escreve o padre Vasconcellos nas suas « Noticias Curiosas » : collige-se que é um instrumento feito de ossos de defuntos, como alguns outros, de que se servião.

Em Guanabara esplendida

Guanabara — a enseada do Rio de Janeiro. — Escreve-se indifferentemente Genabara ou Ganabara. Lery diz na sua obra « *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* » — *en ceste rivière de Ganabara.* Southey (*History of Brasil)* accrescenta em uma nota, que Nicolau Barré datava desta maneira as suas cartas : *Ad flumen Genabara in Brasilia, etc.*

O guáu cadente e vário.

Guáu — dansa. « São mui dados a saltar e dansar de differentes modos, a que chamão *guáu* em geral. » VASCONCELLOS. Noticias curiosas L. 1. — n. 143.

E das ygaras concavas.

Ygaras — erão canoas, feitas de ordinario de um só toro de madeira.

Os cantos da janubia.

Janubia. — Lery escreve diversamente : *des cornets, qu'ils nomment inubia, de la grosseur et longueur d'une demie pique, mais par le bout d'en bas larges d'environ un demi-pied comme un hautbois. — Obra cit.*, pag. 202.

LEITO DE FOLHAS VERDES.

A arasoya na cinta me apertàrão.

Arasoya era o fraldão de pennas, moda entre elles. Laet chama *assoyave* a uns mantos inteiros : não sei de que mantos quer o author fallar. Hans Staden (collecção de Ternaux, pag. 108) dá o mesmo nome a uma especie de cocar preso ao pescoço, e passando além da cabeça, comquanto a este ornato Lery dê o nome de *Yenpenanby*.Quanto á arasoya, eis o que se lê na obra já citada deste author (pag. 103) : *Pour la fin de leurs esquipages, recouvrans de leurs voisins de grandes plumes d'austruches, de couleurs grises, accommodans tous les tuyaux serrez d'un costé, et le reste qui s'esparpille en rond en façon d'un petit pavillon ou d'une rose, ils en font un grand pennache, qu'ils appellent araroye : le quel estant lié sur leurs reins avec une corde de cotton, l'estroit devers la chair, et le large en dehors, quand ils en sont enharnachez, etc.*

Y-JUCA-PYRAMA.

O titulo desta poesia, traduzido litteralmente da lingua tupi, vale tanto como se em portuguez dissessemos « o que ha de ser morto, e que é digno de ser morto. »

No meio das tabas.

Taba — aldeia de indios, composta de differentes habitações, a que chamavão *ocas*. Quando estas habitações se achavão isoladas, ou fossem levantadas para o abrigo de uma ou já para o de muitas familias, tomavão o nome de *Tejupab* ou *Tejupabas*.

São todos Tymbiras.

Tymbiras — tapuyas, que habitão o interior da provincia do Maranhão.

As armas quebrando.

Por este acto declaravão firmadas as pazes. Vieira faz menção desta solemnidade quando, em uma informação ao monarcha portuguez, se occupa da alliança feita entre os missionarios por parte dos portuguezes e dos *Nhe-engaybas* de Marajó.

Assola-se o tecto

A descripção das ceremonias, com que elles usavão matar os seus prisioneiros de guerra, é rigorosamente exacta, ainda que não adoptamos dos authores senão aquillo em que todos ou a maior parte concordão. Veja-se Hans Staden, cap. 28 — dos usos e costumes dos Tupinambás. — Noticia do Brazil, cap. 171 e 172. Noticias Curiosas L. 1. n. 138 e Lery cap. XV.

Entesa-se a corda da embira.

Chamava-se mussurana a corda com que se atava o prisioneiro. — « *Et une longe corde nommée* massarana, *avec laquelle ils les attachent* (les captifs) *quand ils doivent être assomés.* » (H. Staden, pag. 300.) *Musurana* escreve Ferdinand Denis, accrescentando que era feita da algodão. É possivel que em algumas tribus fosse feita desta materia, mas convem notar que na maior parte dellas era uso fabricarem-se cordas de embira.

Adorna-se a maça com pennas gentis.

A maça do sacrificio não era o mesmo que a ordinaria, e tinha mais a differença dos ornatos que se lhe juntavão, e do esmero com que era trabalhada. Lavravão e pintavão todo o punho — embagadura, como o chamavão — com desenhos e relevos a seu modo curiosos, e della deixavão pendente uma borla de pennas delicadas e de côres differentes, sendo a folha ornada de mosaicos. — « Pintão (diz H. Staden, pag. 301) a maça do sacrificio, a que chamão *iverapeme,* com a qual deve ser sacrificado o prisioneiro : passão-lhe por cima

uma materia viscosa, e tomando depois as cascas dos ovos de um passaro chamado *Mackukawa* de côr parda escura, reduzem-n'as a pó, e com elle salpicão toda a maça. Preparada a iverapeme, e adornada de pennas, suspendem-n'a em uma cabana inhabitada,e cantão em redor della toda a noite. — Ferdinand Denis, accrescentando-lhe o artigo francez, escreve *Liverapeme*, que diz ser feita de páo-ferro e com mosaicos de differentes côres. Vasconcellos dá-lhe o nome de Tangapema, que é o termo do diccionario braziliano.

Brilhante enduápe no corpo lhe cingem.

Enduápe— fraldão de pennas de que se servião os guerreiros : damos a denominação de *arasoya* a aquelles de que usavão as mulheres *:* « *Ils font avec des plumes d'autruches une espèce d'ornement de forme ronde qu'ils attachent au bas du dos. quand ils vont à quelque grande fête : ils le nomment enduap.»* *H.-Staden*, Pag. 270.Vasconcellos trata do *endúape* sem lhe dar nome algum especial : « Pela cintura apertão uma larga zona : desta pende até os joelhos um largo fraldão a modo tragico, e de tão grande roda como é a de um ordinario chapéo de sol. » Noticias Curiosas L. 1 n. 129.

Sombreia-lhe a fronte gentil kanitar.

Kanitar — é o nome do pennacho ou cocar, de que usavão os guerreiros de raça tupi, quando em marcha para a guerra, ou se aprestavão para alguma solemnidade, d'importancia igual a esta. — « *Ils ont aussi l'habitude de s'attacher sur la tête un bouquet de plumes rouges qu'ils nomment kanittare.* » (H. Staden). — Usão de umas corôas a que chamão *acanggetar* (Laet). — Os primeiros portuguezes escreverão *acangatar*, que litteralmente quer dizer « enfeite ou ornato da cabeça.»

MARABÁ.

Encontramos na « Chronica da Companhia » um trecho que explica a significação desta palavra, e a idéa desta breve composição.

« Tinha certa velha enterrado vivo um menino, filho de sua nora, no mesmo ponto em que o parira, por ser filho a que chamão « maraba » que quer dizer de mistura (aborrecivel entre esta gente). » VASCONCELLOS, Ch. da Comp., L. 3 n. 27.

Formoso como um beija-flôr.

Os indigenas chamavão ao beija-flôr « Coracy-aba » — « raios, » ou mais litteralmente « cabellos do sol. »

A MÃE D'AGUA.

A mãe d'agua é uma náiade moderna, um espirito que habita no fundo dos rios. Acredita-se em muitas partes do Brazil que é uma mulher formosa com longos cabellos de oiro, que lhe servem como de vestido, com olhos que exercem inexplicavel fascinação, e voz tão harmonosa que ninguem, que a escute, resiste a tentação de se atirar ás aguas para que mais de perto a ouça e contemple. O mesmo que as serêas, tem sobre ellas a vantagem de serem creaturas de fórmas perfeitas, e dellas se distinguem em fascinarem tanto com o brilho da formosura, como com a doçura da voz, e de attrahirem principalmente os meninos.

SEXTILHAS DE FREI ANTÃO

Estes cantos forão extrahidos de alguns dos Historiadores portuguezes. O da Princeza Sancta — da Historia de S. Domingos por Fr. Luiz de Sousa ; o de D. João — dos Elogios latinos do Padre Antonio de Vasconcellos ; o de Gonçalo Hermiguez — da Chronica de Cister ; o de Gulnare e Mustaphá é todo phantasiado, ainda que tenha por base um facto historico ; — os escravos mouros trazidos d'Africa por Affonso V de mimo á Princeza D. Joanna, que mandou passar carta da alforria a quantos se quizerão baptizar.

Quanto aos vocabulos que emprégo, achão-se todos no Diccionario de Moraes, bem que as mais das vezes no sentido antiquado. É assim que uso de « porém, porende » em vez de « por isso ; » de « perol » em vez de « porém. » « de ora, embora » em vez de « agora, em boa hora, » etc.

Lôa da princeza sancta.

E ante os leões de Castella
Dobrada a Luza cerviz !

Figuro terem sido compostos estes cantos na primeira metade do seculo XVII : por isso alludo frequentemente ao dominio dos Felippes em Portugal.

Escusado é dizer que deveria ter sido Frei Antão dos mais teimosos macrobios que nunca existirão, para ser ainda em vida por aquelle tempo. Não se sabe de quando foi da sua morte; mas delle diz Frei Luiz de Sousa, que em 1490 já era muito velho, e tinha administrado grandes cargos na ordem de S. Domingos, a que pertenceu.

GULNARE E MUSTAPHÁ.

Diz a Princeza D. Joanna:

Qu'eu tenha escravos e mouros,
Rainha de Portugal.

A Chronica de Cister tambem diz, fallando da Princeza D. Thereza, filha de Sancho I:

« Vivendo a santa *raynha*, foy Deos servido levar para si a el-Rey seu pay, a quem succedeo no reyno dom Afonso o segundo do nome. »

« Raynha (diz Fr. Luiz de Sousa) lhe chamão as historias antigas, que era o titulo com que então se tratavão as filhas dos reys. » — H. de S. D. — L. I. c. II.

SOLÁO DE GONÇALO HERMIGUEZ.

Então aquelle seo canto
Principiou a compôr.

É este o soláo de Gonçalo Hermiguez; julguem os entendedores da critica de Fr. Antão.

POESIAS AMERICANAS.

OS TYMBIRAS

POEMA AMERICANO.

SEXTILHAS DE FREI ANTÃO

NOTAS

Paris. — Imp. Paul Dupont (Cl.) 90.7.1919.

COLLECÇÃO DOS AUTORES CELEBRES
DA
LITTERATURA BRASILEIRA

A. GONÇALVES DIAS

POESIAS

TOMO II

LIVRARIA GARNIER
109, Rua do Ouvidor, 109 | 6, Rue des Saints-Pères, 6
RIO DE JANEIRO | PARIS